

---

**LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

---

**HELUANE APARECIDA LEMOS DE SOUZA**

**AS CONCEPÇÕES DE NATUREZA E A  
RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA NO  
PENSAMENTO DE MONTEIRO LOBATO**



Rio Claro  
2009

HELUANE APARECIDA LEMOS DE SOUZA

AS CONCEPÇÕES DE NATUREZA E A RELAÇÃO SOCIEDADE-  
NATUREZA NO PENSAMENTO DE MONTEIRO LOBATO

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosa Maria Feiteiro Cavalari

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Biociências da Universidade  
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -  
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau  
de Licenciado em Pedagogia.

Rio Claro  
2009

372.357 Souza, Heluane Aparecida Lemos de  
S729c As concepções de natureza e a relação sociedade-natureza  
no pensamento de Monteiro Lobato / Heluane Aparecida  
Lemos de Souza. - Rio Claro : [s.n.], 2009  
165 f.

Trabalho de conclusão (licenciatura - Pedagogia) -  
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de  
Rio Claro

Orientador: Rosa Maria Feiteiro Cavalari

1. Educação ambiental. 2. Natureza na literatura. 3.  
Conservação da natureza. 4. Lobato, Monteiro, 1882-1948. I.  
Título

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP  
Campus de Rio Claro/SP

À minha família, fonte inicial dos meus sonhos

## AGRADECIMENTOS

Ao agradecermos, reconhecemos (sempre com um sincero sorriso no rosto) que em nosso caminho nunca estivemos sós...

Desta forma, agradeço primeiramente a Deus e Suas Luzes, por me conduzirem por um caminho de felicidade e aprendizados, com Suas mãos amigas me ajudando sempre...

Uma terna gratidão à minha doce família, pelo amor, apoio e incentivo sempre, e por, mais do que acreditarem em mim, me ensinarem a acreditar em mim mesma...

Aos meus queridos avós (*in memoriam*) que onde estiverem, tenho certeza, alegram-se por esta pequena e valorosa vitória...

Aos sinceros amigos, pelo companheirismo e auxílio sempre...

A todos os professores que fizeram parte da minha história e me conduziram pelo belo caminho do conhecimento. Dentre eles, em especial, à Profa. Rosa Maria Feiteiro Cavalari, pela orientação deste trabalho, pelo exemplo de educadora que se tornou para mim, e por sua pessoa amiga e companheira...

À Profa. Maria Augusta H.W. Ribeiro por semear em mim a admiração e o encanto por Monteiro Lobato...

À Biblioteca Monteiro Lobato pela atenção e colaboração à realização desta pesquisa...

Enfim, a TODOS que não tiveram seus nomes escritos nesta página, mas que são cores dentro do caleidoscópio de minha incompletude.

Para todos, meu grato sorriso, um abraço sincero e um girassol amarelo, pois “os girassóis têm dom de auroras” (Manoel de Barros).

## JANELA SOBRE A UTOPIA

*Ela está no horizonte – diz Fernando Birri. – Me  
aproximo dois passos, ela se afasta dois  
passos. Caminho dez passos e o horizonte  
corre dez passos. Por mais que eu caminhe,  
jamais a alcançarei. Para que serve a utopia?  
Serve para isso: para caminhar.  
(Eduardo Galeano)*

## RESUMO

Buscou-se com o presente trabalho identificar as concepções de natureza e a relação sociedade-natureza presentes no pensamento do escritor brasileiro Monteiro Lobato.

Por meio de pesquisa de natureza documental foram identificadas, predominantemente, as concepções romântica e utilitarista da natureza. Desta forma, quanto às relações sociedade-natureza delas decorrentes, em consequência da concepção romântica identificou-se a referência ao homem como destruidor e ser não pertencente à natureza, assim como em decorrência da concepção utilitarista percebeu-se a legitimação do direito de exploração dos elementos naturais pelo ser humano.

O estudo voltou-se também para a maneira como estas concepções de natureza, coexistentes no pensamento lobatiano, revelam-se ao ser discutida a questão do desenvolvimento brasileiro, causa defendida por Lobato durante sua vida, principalmente por meio das campanhas pela exploração do petróleo e ferro nacionais. Percebeu-se que ao considerar esta questão, a concepção predominante é a utilitarista, defendendo-se a exploração dos recursos para a riqueza nacional.

Foram identificadas contradições nos posicionamentos de Monteiro Lobato, motivadas seja por aspectos emocionais seja pela influência do momento histórico vivido pelo escritor.

Possivelmente as concepções identificadas na obra lobatiana refletem as concepções hegemônicas no momento histórico de sua produção, assim como influenciariam seus leitores na constituição de suas concepções de natureza e na maneira como estes estabeleceriam sua relação com o meio natural não-humano.

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato; Concepções de Natureza; Relação Sociedade-Natureza

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	07
1. MONTEIRO LOBATO: MULTIPLICIDADE DE CAUSAS, DE PAPÉIS, DE IDÉIAS, DE LOBATOS .....	23
2. O HOMEM NA OBRA DE LOBATO: BREVE APONTAMENTO.....	57
3. AS CONCEPÇÕES DE NATUREZA.....	63
3.1.A dimensão estética, a sabedoria e a superioridade do natural: concepção romântica/idílica .....	64
3.2.A natureza serve para quê? – Conhecer para dominar: concepção utilitarista .....	87
4. A RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA .....	101
4.1.Sociedade: afastamento e destruição da natureza .....	101
4.2.Natureza: conhecê-la para dominá-la e explorá-la.....	118
5. DESENVOLVER OU PRESERVAR? - A QUESTÃO DO DESENVOLVIMENTO NO PENSAMENTO DE MONTEIRO LOBATO.....	134
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	154
7. REFERÊNCIAS.....	158

## INTRODUÇÃO

Um olhar atento às produções do meio acadêmico, ou até mesmo aos temas freqüentes nos mais diversos meios de comunicação, tais como aquecimento global, desmatamento, desenvolvimento sustentável, escassez de recursos hídricos, entre outros, revela a crescente preocupação com os problemas ambientais, resultantes das relações instituídas entre sociedade e natureza. A temática ambiental, nos dias atuais, tornou-se alvo, inclusive, do *marketing* de grandes empresas que, utilizando-se do discurso da “preservação da natureza”, garantem destaque no mercado.

A preocupação com a crise referente à relação sociedade-natureza surgiu com o movimento ecológico, crise esta que afetaria a todos de maneira geral e que despertou governantes e populações dos mais diferentes países para a necessidade de reflexão sobre ações “ambientalmente apropriadas”. Revela-se a preocupação com a vida e sua qualidade, de gerações presentes e futuras, considerando a má distribuição e a finitude dos recursos naturais (CARVALHO, I., 2004).

Segundo Gonçalves (1998) o conceito de natureza não é algo natural, mas sim cultural, sendo que cada sociedade, consideradas dimensões de tempo e espaço, institui seu próprio conceito, e a partir dele estabelece relações com o meio natural.

A história das relações sociedade-natureza revela aproximações e oposições, cujo conhecimento é fundamental para a compreensão de nossas reflexões e práticas contemporâneas, assim como para a transformação das mesmas. De acordo com Bornheim (1985) “a questão toda se concentra, portanto, no modo como a natureza se faz presente para o homem; ou melhor: no modo como o homem torna a natureza presente”(p.18).

Segundo Duarte (2005) “por intermédio do estudo da história, é possível perceber que não há uma única atitude das sociedades humanas em relação ao meio natural” (p.75). Desta forma, é incorreto afirmar a existência de uma essência humana imutável,

considerando que o homem fora ao longo da história, apenas destruidor ou amante da natureza, em extremos. Como afirma a autora “não há essência humana, não há um único homem: antes, o ser humano se construiu, historicamente, de muitas maneiras”(p.76).

Da mesma forma:

[...] os homens já construíram sentidos diversos para o que ele chama de *natureza* e certamente essa palavra nem sempre designou as mesmas coisas. Não que o mundo natural seja uma mera invenção humana [...] mas os sentidos dados a ela são criações culturais pelas várias sociedades ao longo do tempo e nas mais diversas partes do mundo. Assim, não há “o Homem”, tampouco “a Natureza”. (DUARTE, 2005, p.78, grifo da autora)

A autora, então, aborda os sentidos da natureza esboçados pelo historiador William Cronon: natureza como “uma realidade primordial”(p.78); “natureza como um imperativo moral”(p.79); “natureza como Éden”(p.79); “natureza como artifício, como uma mera construção humana”(p.81); e natureza como “um bem comercial para ser comprado e vendido”(p.81).

Considerando a historicidade da relação sociedade-natureza, de acordo com Carvalho, I. (2002), a sociedade moderna estruturou-se em uma postura de oposição ao natural. Com a Renascença afirmaram-se valores e novas maneira de organização social, naquele momento em um modelo urbano, que revelou-se contestador a tudo que se aproximava do padrão medieval que o antecedeu. Civilidade e cultura passaram a ser opostos ao que é natural, selvagem, rústico. A natureza, inclusive a humana, necessitava ser domada. A visão antropocêntrica desse período permitia que as classificações com respeito ao meio natural fossem realizadas a partir da utilidade que seus elementos apresentassem ao homem.

No século XVII, o filósofo René Descartes destacou-se como um dos principais responsáveis pelo modelo de racionalidade que se tornou característico da modernidade, e no mesmo período, Francis Bacon tornou-se um dos precursores do método científico. Da separação entre sujeito e objeto característico deste método decorreram outras dicotomias, entre elas a de homem – natureza. A natureza passou então a ser compreendida como um objeto a ser conhecido, passível de ser dominada em razão de sua utilidade para os interesses humanos. (CARVALHO, I., 2004)

Como aponta Cavalari (2007):

No chamado mundo ocidental, a relação sociedade-natureza tem sido marcada por uma concepção dicotômica na qual impera uma total sujeição do mundo natural ao domínio humano. Embora existente desde a Antigüidade Grega, tal concepção foi acentuada a partir da Idade Moderna, sobretudo, depois do *Cogito* cartesiano.(CAVALARI, 2007, p.02).

Em contraposição à postura iluminista diante da natureza, o naturalismo arcádico do século XVII buscou a harmonia entre homem e natureza, valorizando a vida campestre em oposição à urbana. (CARVALHO,I. 2002).

O século XVIII assistiu a um importante fenômeno, que pode ser notado nas bases do interesse contemporâneo pela natureza: “as novas sensibilidades”. Esse fenômeno surgiu como reação às conseqüências trazidas pela Revolução Industrial no século XVIII. O novo modo de produção gerou uma acelerada degradação ambiental no espaço urbano, e estruturou-se sob a exploração de mão-de-obra da classe operária que, saindo dos campos em direção à cidade, viviam em péssimas condições de vida. Foi nesse contexto, portanto, que nasceu uma certa valorização do meio natural, da natureza selvagem, em oposição à vida urbana surgida com o novo modelo econômico, principalmente na Inglaterra. A natureza, ou aquilo que não sofreu a interferência do ser humano, passou a ser vista como, não apenas um ideal estético, mas também moral. Daí partiram também críticas à apropriação utilitária dos recursos naturais e das intervenções do homem na natureza. (CARVALHO,I. 2002)

Ainda de acordo com Carvalho,I. (2002), embora o sentimento de valorização da natureza tenha surgido como fenômeno burguês (desfrutavam de hábitos de aproximação ao natural como idas ao campo, cultivo de plantas, criação de animais domésticos, etc.) o fenômeno expandiu-se para as demais classes sociais.

Como ressalta a autora, no final do século XVIII e primeira metade do século XIX, o Romantismo, que poderia ser significado como “uma variação dessas sensibilidades” (p.47) acima descritas, viveu as transformações trazidas pela Revolução Industrial e Revolução Francesa. Esse movimento revelou aos sujeitos um individualismo diferente do concebido pela racionalidade iluminista. O indivíduo transformou-se em um ser único, mas em harmonia com a coletividade humana e o universo.

[...]Muitos elementos da experiência romântica são atualizadas nas antinomias do campo ambiental. Entre eles destacam-se a valorização da natureza contra o artificial e o *feito pelo humano* e, ao mesmo tempo, a ênfase num sujeito humano – vinculado com totalidades orgânicas com a natureza, a humanidade ou a Nação – como instância de transgressão contra uma ordem geral do *establishment*, das padronizações e uniformizações. Mas o que parece ter sido silenciado por uma certa recusa romântica ao horror da natureza indomável também reedita-se nos caminhos tomados pela valorização romântica da natureza no campo ambiental. (CARVALHO, I. 2002, p. 53, grifo da autora)

Revelou-se, portanto, uma visão que considera o natural como harmonioso, evitando reconhecer o que se pudesse opor a essa ordem.

A visão romântica reaparecerá no ideário do movimento ecológico, movimento este que nascerá filiado ao movimento de contracultura na década de 1960 no hemisfério norte, e na América Latina nas décadas de 1970 e 1980, em uma atitude de contestação à sociedade vigente, seus valores e organização, consumismo, tecnocracia, racionalidade instrumental, modelo de progresso e individualismo (CARVALHO, I. 2004.).

Segundo Duarte (2005), os anos de 1960 foram marcados por discursos libertários, enquanto nos anos de 1970 as práticas ecológicas começam a ser institucionalizadas:

[...]Se na década de 1960, os discursos ecológicos tinham um caráter libertário, partindo dos setores críticos da sociedade de consumo, os anos 1970 assistiram a uma gradativa institucionalização internacional das práticas ecológicas, envolvendo grandes autoridades e os dirigentes de diversos países do mundo, inclusive dos mais ricos.[...] (DUARTE, 2005, p.24)

A respeito da destruição do meio natural identificada ao longo da história, pode-se perceber, como afirma esta mesma autora, que a sociedade capitalista contemporânea não é a única responsável, apesar de sua amplitude ocorrer como em nenhum outro momento histórico. Exemplificando as ações destrutivas ao meio e às demais espécies em outros períodos históricos:

Assim como o ataque à fauna pelos romanos antigos, a ação do homem causou, em momentos históricos remotos, significativos desflorestamentos, erosão dos solos e alterações nos equilíbrios dos ecossistemas. O uso do fogo pelos homens do neolítico como forma de limpar florestas, há cerca de 40 mil anos atrás, é evidenciado em escavações arqueológicas na África. O aparecimento da agricultura e da criação de animais certamente alterou

paisagens. O surgimento das cidades e, posteriormente, das grandes, civilizações mesopotâmicas e egípcias, com crescimento demográfico expressivo, demandou inúmeras construções, explorações de minério, busca de blocos de pedra para monumentos gigantescos, extrações de madeira para cozinha e aquecimento etc. Certamente o esplendor da civilização egípcia não se fazia sem uma intensa exploração da natureza. Como não lembrar da história bíblica da praga de gafanhotos? (DUARTE, 2005, p.37)

Outra importante questão discutida por Duarte (2005) é a da idealização de algumas formas de organização social em sua relação com o meio natural, no caso específico abordado, os indígenas brasileiros, desconsiderando-os como interventores na natureza. Desconsiderar suas intervenções no meio seria uma forma, segundo a autora, de negar que são produtores de cultura. Existem nessas idealizações a tendência de torná-los “parte da natureza” (p.44), ao que compreendemos que, ao contrário desta afirmação significar a consideração do homem enquanto parte da natureza, esvazia o humano de sua natureza cultural, que Gonçalves (1998) afirma ser-nos própria.

No entanto, como afirma Duarte (2005), apesar de interferirem no meio:

[...]agiam de forma muito mais sustentável (utilizando um termo absolutamente moderno) com impactos menores e no âmbito dos quais a recuperação ambiental era viável em um dado período de tempo. (DUARTE, 2005, p.44)

Hoje, o debate a respeito da temática ambiental permanece um campo permeado por diversas concepções e ideais de relação sociedade – natureza, surgidas das diferentes maneiras de pensar e posicionar-se frente ao mundo. Os problemas surgidos pela postura de oposição entre homem – natureza, a crise ambiental, aponta para a necessidade de se repensar essa relação, destacando o modo de vida contemporâneo como acentuação dos ideais nascidos com a modernidade.

É necessária a superação da dicotomia homem e meio ambiente, deixando de considerar o ambiental como o outro cujo encontro nos causa estranheza e desequilíbrio (BORNHEIM, 2001), e compreender que “natureza e humanos, bem como a sociedade e o ambiente, estabelecem uma relação de mútua interação e co-pertença, formando um único mundo” (CARVALHO, I., 2004, p. 36).

Igualmente, faz-se necessário repensar o modelo ao qual se estrutura a sociedade atual, permeada pela contradição apontada por Duarte (2005):

[...]essa mesma sociedade atual – que elegeu o meio ambiente como um de seus temas mais populares – é a mesma na qual o consumo de bens e produtos alcançou um nível nunca antes conhecido por nenhuma outra sociedade ao longo da história do homem. [...] (DUARTE, 2005, p.11)

Partindo-se da perspectiva de que as concepções de natureza são histórica e culturalmente construídas, e que a partir delas o homem estabelece relações distintas com o meio natural e os demais seres vivos, pode-se afirmar que as produções culturais refletem estas concepções diversas, que materializam-se em obras literárias, plásticas, e demais criações artísticas.

No início do século XX, Monteiro Lobato engajou-se na discussão de questões que hoje denominamos ambientais, questões estas que se revelariam cada vez mais presentes nos debates da sociedade civil só a partir dos anos 1960.

Monteiro Lobato, nascido em Taubaté – SP, influente personalidade e escritor notável, viveu entre 1882 e 1948. Como escritor, destacou-se pela inauguração da literatura infantil brasileira, apresentando ao imaginário de nossas crianças o mundo de faz-de-conta do *Sítio do Picapau Amarelo*.

De acordo com seus biógrafos, Lobato foi um intelectual extremamente crítico sobre as mais diversas questões de sua época, seja no campo social, político, econômico ou cultural; revelou-se um homem nacionalista sem, no entanto, ignorar os problemas de seu país. Lutou pelo progresso brasileiro e envolveu-se nas campanhas a favor da exploração nacional do petróleo, do ferro, e revolucionou o campo editorial no país.

Formado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, por imposição do avô, o Visconde de Tremembé, e abandonando o sonho de cursar Belas Artes, tornou-se em 1907 promotor público da comarca de Areias. Colaborou durante muitos anos em jornais e revistas com seus artigos, foi tradutor de diversas obras literárias e grande empresário nas áreas já citadas, em seu pioneirismo ousado e sonhador. Vivenciou a experiência de tornar-se fazendeiro quando, em 1911, herdou de seu avô a Fazenda São José do Buquira. (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001).

Os escritos de Lobato oferecem subsídios para reflexões sobre as mais diversas temáticas. Os pensamentos expressos em suas obras revela-nos que as questões por

ele levantadas são atuais e, muitas delas, acompanharam a sociedade durante toda sua história, como as referentes à natureza e à relação sociedade-natureza.

Trata-se de um homem que se voltou diversas vezes para estes temas, e que, em determinadas situações, pode-se pontuar certa contradição em seus posicionamentos. Se em alguns momentos refere-se à natureza como algo belo, equilibrado, sábio, em que a interferência da racionalidade humana causa-lhe prejuízos, em outros revela-se um nacionalista preocupado com o desenvolvimento do país, defendendo a exploração dos recursos naturais, entre eles o ferro e o petróleo, para o alcance de tal objetivo.

Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001) vinculam diretamente Lobato aos ecologistas e ao movimento ecológico em pelo menos dois momentos de seus escritos. A saber:

[...] Na convivência diária com os caboclos espanta-se como desrespeitam a natureza que os alimenta, abriga e sustenta. Repara – tal como fazem hoje os *ecologistas* – no quanto destroem a caça nativa, derrubam velhas árvores e reduzem a floresta a carvão. (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.56, grifo meu)

Ou ainda, “se anteriormente, com o Jeca Tatu, já se antecipara ao pensamento que viria desembocar no *movimento ecológico*” (2001, p.167, grifo meu).

Dentre as investigações já existentes no campo aqui discutido cita-se a obra *Lobatiana: meio ambiente*, publicada a partir da seleção de textos e pesquisa bibliográfica de Hilda Junqueira Villela Merz, na qual são apresentados excertos de obras de Monteiro Lobato relacionados ao que hoje denominamos de temática ambiental.

Em nota explicativa, Merz, ao considerar a atualidade das discussões a respeito das relações entre homem e meio ambiente, faz algumas considerações:

[...]José Bento Monteiro Lobato demonstrou seu profundo amor pela Natureza e sua preocupação em salvar o meio ambiente das ameaças perpetradas pelo avanço da civilização. Lobato foi um dos precursores da Ecologia como ciência aplicada, em nosso país.(MERZ *apud* LOBATO,M., [19--]d, [p.7])

Prosseguindo na mesma nota:

[...]sua vasta obra está repleta de trechos igualmente inspirados na Natureza, muitos de teor lírico ou filosófico, outros voltados à exaltação de todas as formas naturais de Vida, outros ainda com acentuado sentido de alerta contra a insensatez da humanidade em face do meio ambiente.

Não é demais lembrar que, como pintor dileitante, Lobato se dedicava a reproduzir paisagens – pintava a natureza viva, não a natureza morta. (MERZ *apud* LOBATO, M., [19--]d, [p.8])

Dando continuidade à relação de trabalhos dentro da temática da presente pesquisa, e que ofereceram importantes subsídios para nossa investigação, elenca-se a monografia *O significado da Natureza na Obra Ficcional 'A Reforma da Natureza' de Monteiro Lobato*, de autoria de Moacira Godoy, apresentada como trabalho final do Curso de Especialização “Educação Ambiental e Práticas Educacionais”, oferecido pela UNESP Campus de Rio Claro em 2001.

Godoy “busca tecer relações entre o imaginário lobatiano e o mundo real para, a partir dessa trama, apreender a obra como algo que manifesta duas concepções de natureza: uma transformada pela imaginação e outra, pela ciência” (2001, p.01).

A dissertação de mestrado em Literatura Brasileira de Flávia Paula Carvalho, *A representação da natureza no regionalismo pré-modernista*<sup>1</sup>, apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, também revelou-se uma contribuição significativa a nossa pesquisa. Em sua Parte II – A natureza no regionalismo pré-modernista, a autora inclui “análise das atitudes dos regionalistas do pré-modernismo em relação ao tratamento da natureza” (1994, p.62) vislumbrando, dentre outros autores, Monteiro Lobato, com a obra *Urupês*.

Outro trabalho relacionado à temática aqui estudada é *Lições de natureza no Sítio do Picapau Amarelo*, dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de autoria de Cristiane Fensterseifer. Nesta pesquisa, a autora atem-se à série televisiva *O Sítio do Picapau Amarelo*, adaptação da obra lobatiana, em sua nova

---

<sup>1</sup> Importante informar que o exemplar desta dissertação ao qual teve-se acesso, e que pertence à Biblioteca do Centro de Estudos Brasileiros – UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, continha anotações manuscritas indicando correções e sugestões, o que nos faz intuir que o texto do exemplar doado à biblioteca em questão pode ter sofrido alterações para apresentação de redação final.

versão, produzida pela TV Globo, e em especial aos episódios *O Saci*, *As caçadas de Pedrinho* e *O poço do Visconde*.

Relevante também para o presente estudo são os indícios de aproximação entre Monteiro Lobato e o Horto Florestal, hoje Floresta Estadual “Edmundo Navarro de Andrade” situada no município de Rio Claro – SP, cidade onde se localiza a instituição a qual se vincula a presente pesquisa. Referências de Lobato ao Horto podem ser verificadas no texto intitulado *Os eucaliptos*, integrante do livro *A onda verde* (1956c), do autor.

Neste texto, Monteiro Lobato apresenta o Horto Florestal de Rio Claro relacionando-o às suas idéias de progresso, que como se sabe, conservavam fascínio pelo modelo norte-americano:

- Mas que Horto maravilhoso é esse? perguntará o leitor.

Ah, o Horto é uma coisa séria! É uma coisa que só vendo. É dessas lições de eficiência que só julgamos possível em terras como os Estados Unidos e a Alemanha. É uma prova, com os nove fora, de convencimento absoluto. É uma aberta que deixa entreluzir o que poderemos ser no futuro. É um filho vigoroso, e nobremente viril, do trabalho inteligente em conubio com a ciência de verdade. É uma vitória completa, esmagadora, a coroar uma batalha de 17 anos.

O Seviço Florestal da Companhia Paulista constitue um formidável exercito de 8.500.000 eucaliptos, armados em pé de guerra, com a mobilização marcada para daqui a tres anos. Só com essa idade, vinte anos, é que entrarão em batalha, a fecunda batalha da paz, desdobrados em dormentes, achas de lenha, postes, moirões, tabuado, carvão e essencias.

[...]

O quartel general situa-se em Rio Claro. Ali reside o comandante supremo, Edmundo Navarro de Andrada (SIC), a maior autoridade mundial hoje em materia eucaliptica (SIC).[...] (LOBATO, M., 1956c, p.41-42).

Em carta endereçada à Celestino Silveira, amigo do autor, reproduzida no *Jornal Associação Amigos do Horto Florestal “Edmundo Navarro de Andrade”*, em junho de 2007, Monteiro Lobato escreve:

Deixe tudo que tiver a fazer. Nada de mais inadiável, porque nada de mais precioso você pode realizar nesta sua viagem a São Paulo, senão conhecer o Horto Florestal de Rio Claro. Tudo mais importa pouco. Aqui você vai encontrar o que não pode ver em parte alguma. É tudo inédito, tudo gigantesco, tudo majestoso. Se você quer mesmo ter orgulho de ser brasileiro, mas orgulho merecido e justo então vá a Rio Claro. E na volta siga, siga direitinho para o Rio...Não tem mais nada a devassar, quem conheceu a obra maravilhosa de um brasileiro cujo nome tão poucos conhecem: Navarro de Andrade. (MUSEU, 2007, p.11)

Cumpra-se destacar que, apesar de terem-se a objetos de pesquisa distintos ao nosso, diversas investigações foram realizadas acerca de “concepções de natureza”. Dentre elas, os trabalhos de Argenton e Cavalari (2001), Cavalari, Campos, e Carvalho, L. (2001), Cavalari (2007) e Crupi (2008), considerando-se aqui os estudos aos quais tivemos a possibilidade de acesso e que auxiliaram nas reflexões da presente pesquisa.

Em Argenton e Cavalari (2001), os estudos voltam-se para “as concepções de natureza entre os professores de Ciências do 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental”. Nesta pesquisa, a partir das respostas dadas pelos professores pesquisados, docentes da Rede Pública Estadual, Diretoria de Ensino Regional de Americana, classificaram-se as concepções de natureza como: científica, utilitarista, romântica, naturalista e religiosa.

Cavalari, Campos, e Carvalho, L. (2001) analisam a “educação ambiental e materiais impressos no Brasil: a relação homem-natureza”, considerando em seu *corpus documental* os materiais impressos relativos à educação ambiental no Brasil cadastrados no Banco de Publicações de Educação Ambiental, organizado pelo Instituto ECOAR para a Cidadania, atendo-se às análises de concepções de homem, de natureza e de relação homem/natureza.

Cavalari (2007) investiga “as concepções de natureza no ideário educacional no Brasil nas décadas de 1920 e 1930”, identificando sete concepções de natureza, a saber: antropocêntrica, utilitarista, natureza como “mãe comum e/ou como tudo o que não foi feito pelo homem”, como “tudo o que existe, tudo o que Deus criou”, como “livro”, antropomórfica, e concepção estética e/ou romântica de natureza (p.05).

Em Crupi (2008), as investigações se atem à “natureza nos livros didáticos de História: uma investigação a partir do PNL D”, em que a autora identifica como concepções de natureza presentes no *corpus documental* selecionado: concepção utilitarista, concepção naturalista, concepção científica, concepção religiosa, concepção normativa, concepção imaginária, concepção romântica e concepção de natureza como bem comum.

A compreensão dos pensamentos de Monteiro Lobato, este importante intelectual brasileiro, a respeito de sua concepção de natureza e da relação sociedade-natureza,

bem como suas possíveis contribuições para a reflexão sobre o tema na atualidade, e a atenção inicial de outros pesquisadores à temática, justificam a realização da pesquisa aqui proposta.

Diante de tais considerações, e tendo-se como objetivo analisar o pensamento de Monteiro Lobato no que se refere a sua concepção de natureza e da relação sociedade-natureza, questina-se: Quais as concepções relativas à natureza, bem como à relação sociedade-natureza, presentes no pensamento de Lobato? Essas concepções podem ser relacionadas com seu ideário de desenvolvimento nacional?

Para responder a estas questões de pesquisa, optou-se como metodologia pela pesquisa de natureza documental. O *corpus documental* foi composto por obras literárias de autoria de Monteiro Lobato, assim como produções também do autor no campo jornalístico, correspondências, e demais documentos que revelaram contribuições pertinentes aos objetivos do presente estudo.

As análises contaram com obras biográficas sobre Monteiro Lobato, estudos sobre as obras do autor, referencial teórico no campo da temática ambiental e demais campos que permearam os objetivos propostos para análise.

Como critério para seleção das obras do autor a serem analisadas, buscou-se aquelas que: a partir da leitura de biografias, contato com estudos já realizados, e comentários às produções lobatianas foram referenciadas como pertinentes ao estudo; produções em que o próprio título indicou estreita relação com o tema; títulos indicados verbalmente por pesquisadores e pessoas conhecedoras da obra de Lobato, como foi o caso da indicação do livro *A onda verde*, por profissional da Biblioteca Monteiro Lobato, de São Paulo-SP; além de obras sobre às quais não encontrou-se indicação anterior para sua verificação, mas que em decorrência do fácil acesso a elas, receberam também atenção, já que poderiam revelar um conteúdo não esperado.

Desta forma, o *corpus documental* foi constituído por parte da obra adulta e infantil de Monteiro Lobato. Considerando a “obra adulta”, foi composto pelos seguintes títulos, com suas respectivas edições: *Negrinha*, 7ª edição; *Idéias de Jeca Tatu*, 7ª edição; *Mundo da Lua e Miscelânea*, 7ª edição; *América*, 7ª edição; *Mr. Slang e o Brasil* e *Problema Vital*, 7ª edição; *Urupês*, 13ª edição; *A Onda Verde e O Presidente Negro*, 7ª edição; *A Barca de Gleyre*, 1º tomo, 7ª edição; *A Barca de Gleyre*, 2º tomo, 7ª

edição; *Na antevéspera*, 7ª edição; *Cidades Mortas*, 7ª edição; *O Escândalo do Petróleo e Ferro*, 8ª edição; *Prefácios e Entrevistas*, 7ª edição; *Cartas Escolhidas*, 1º tomo, 2ª edição; *Cartas Escolhidas*, 2º tomo, 2ª edição; *Conferências, Artigos e Crônicas* (sem indicação de edição).

Da “obra infantil”, foram selecionados: *O garimpeiro do Rio das Garças*, 4ª edição; *Reinações de Narizinho*, 48ª edição; *A reforma da natureza*, 8ª edição; *Histórias Diversas*, 8ª edição; *Geografia de Dona Benta*, 14ª edição. Do 4º volume de *Obras Completas*, 16ª edição, os títulos *Viagem ao Céu*, *O Picapau Amarelo* e *O Poço do Visconde*. Do 8ª volume de *Obras Completas*, sem indicação de edição, os títulos *História do Mundo para as Crianças*, *Serões de Dona Benta* e *Histórias das Invenções*. Do 2º volume<sup>2</sup> de *Obras Completas*, sem indicação de edição, os títulos *Caçadas de Pedrinho* e *O Saci*.

Considerou-se, também, os excertos selecionados por Hilda Junqueira Vilela Merz, contidos na obra *Lobatiana: meio ambiente*.

É importante destacar que, a respeito das obras de caráter literário de Monteiro Lobato, alguns excertos do próprio autor, bem como de seus biógrafos, referem-se a elas como relatos da realidade vivida, bem como demonstram veicular através dos personagens o pensamento do próprio Lobato.

Em *Dramas de crueldade*, do livro *Onda Verde*, Lobato (1956c) posiciona-se em relação à arte como fonte histórica fiel, capaz de transmitir às gerações futuras as reais impressões de quem a produz: “sem a intervenção da arte é impossível transmitir aos posterios a sensação exata do que se passou. Só a arte sabe perpetuar o que foi a vida” (p.71).

Em Sandroni (2002), há afirmação de que Lobato apresentava, muitas vezes, idéias suas como se fossem de seus próprios personagens:

- Mas, Emília, está certo que o Lobato ficou muito famoso porque escreveu os livros aqui do Sítio, e colocou na sua boquinha todas as críticas e reclamações que ele teve deste mundo [...] (SANDRONI, 2002, p.05).

---

<sup>2</sup> Este volume é composto por mais três títulos, não contemplados nas análises, a saber: *Memórias da Emília*, *Emília no País da Gramática* e *Aritmética da Emília*.

Em Torres (2007), nova afirmação, porém, o autor relata que, se o próprio Lobato não afirmara que suas personagens na verdade o refletiam, Lobato criou uma identidade entre escritor e criação:

Monteiro Lobato se interpôs nas encruzilhadas entre esses cultuadores dos Peris de segunda ou de terceira geração, e os modernistas de 1922. Se não chegou a exclamar, como Flaubert a respeito de sua mais famosa personagem – “Madame Bovary sou eu!” -, pelo menos imaginou que criador e criatura tivessem a mesma visão do Brasil daquele tempo. Ao reunir em livro uma série de artigos publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, e em outros, intitulou-o *Idéias de Jeca Tatu*, justificando o título desta maneira: o coitado, se pensasse, pensaria assim. (TORRES, 2007, p.27)

Cavalheiro (1966), a respeito das obras publicadas por Lobato em sua “Literatura Geral” e “Literatura Infantil” escreve: “poucas obras na literatura brasileira espelharam tão fielmente, um caráter e um temperamento” (p.03).

Importante informar que, em todos os documentos, optou-se por manter a ortografia da época, bem como as citações foram transcritas *ipsis litteris*.

Fez-se uma “leitura flutuante” das obras selecionadas de Monteiro Lobato, atentando-se às passagens dos livros que estabelecessem relação com a temática investigada, das quais foram retirados os excertos pertinentes.

A respeito da “leitura flutuante”, que dentre as fases da análise de conteúdo integra a pré-análise (BARDIN, 2004), Bardin escreve:

[...]A primeira actividade consiste em estabelecer contacto com os documentos e analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações. Esta fase chama-se leitura “flutuante”, por analogia com a atitude do psicanalista. Pouco a pouco, a leitura vai-se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, da projecção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas sobre materiais análogos. (BARDIN, 2004, p.90)

Posteriormente realizou-se uma nova leitura dos excertos inicialmente selecionados, do que resultou uma nova seleção, considerando os recortes estabelecidos durante a pesquisa.

Importante salientar que para a realização deste trabalho visitou-se a Biblioteca Monteiro Lobato<sup>3</sup>, em São Paulo-SP, com o intuito de verificar o material contido na Pasta 18 – “Monteiro Lobato e Meio Ambiente”. Tomou-se conhecimento desta pasta quando, em uma visita anterior, coordenada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Augusta H. W. Ribeiro, docente da UNESP Rio Claro, à Biblioteca Monteiro Lobato, fora por ela anteriormente solicitada indicação de material que pudesse contribuir à presente pesquisa.

Inicialmente, diante da impossibilidade de nova visita para realização de uma melhor análise do conteúdo da pasta, os documentos foram fotografados por funcionários da biblioteca e enviados em cópia digital para que pudessem auxiliar nossas investigações. Não se conseguindo realizar a leitura destes documentos, prejudicados pelo formato em que se apresentavam, uma nova visita fez-se necessária, sendo realizada em julho de 2008.

Como verificado, aparentemente, a pasta refere-se à uma pesquisa realizada por Hilda Junqueira Merz (autor), Maria Rodrigues Batzai (coautor), Noeme Camera Rezende Leite e Donatilha da Silva Rocha, em data provável de 1980, com o título de “A natureza na obra de Monteiro Lobato” (manuscrito), que não fora publicado e que se trata, como indica documento encontrado na pasta, da compilação de excertos da obra lobatiana que fazem referência à natureza, ecologia e ao meio ambiente.

Esta seleção foi considerada como indicação de obras ou de excertos para a análise e futura composição de nosso *corpus documental*.

Nesta mesma pasta encontrou-se outro material pertinente à presente pesquisa. Trata-se de um documento datilografado, assinado por Hilda Junqueira Villela Merz (São Paulo 25-7-1991):

Lobateana (Lobato e a Ecologia)

Apresentação

A Ecologia é uma ciência que nasceu com a Biologia.

Ocorreu que o Homem descobriu, de repente, que ele próprio se tornou destruidor do seu habitat, - um suicida que sacrifica o solo, envenena os mares, polui a atmosfera e põe em risco várias espécies animais e vegetais de que é dotada a Natureza.

E a Ecologia tornou-se matéria fundamental do currículo escolar e uma espécie de arma de legítima defesa do Homem!

---

<sup>3</sup> Localizada na Rua General Jardim, 485 – Vila-Buarque. São Paulo – SP.

No entanto, já no início do século José Bento Monteiro Lobato demonstrou seu profundo amor e sua preocupação em salvaguardar o meio ambiente das ameaças que o desenvolvimento da civilização perpetrava contra a Natureza.

Lobato foi, pois, um dos precursores da Ecologia, como ciência aplicada, no nosso país.

Em 1914 o jornal “O Estado de S. Paulo”, publicou dois artigos de Monteiro Lobato, intitulados “Velha Praga” e “Urupês”, - nos quais reclamava contra o excesso de queimadas nas invernadas do Interior paulista, que muitas vezes se estendiam a plantações e terras férteis.

Seu primeiro livro – Urupês – editado em 1918, foi inspirado nos cogumelos que brotavam, cheios de vida, do pau piuca.

Como pintor, Lobato só se dedicava a reproduzir paisagens, - pintava a natureza viva, não a natureza morta.

A Biblioteca Monteiro Lobato sente-se gratificada com a oportunidade de oferecer aos seus amigos e frequentadores este libreto com a transcrição de trechos da obra de Lobato em que se observa o estreito relacionamento do autor com a Ecologia e a Natureza.(MERZ, 1991)

Cumprido destacar que texto semelhante, até mesmo idêntico em algumas passagens, compõe a *Nota explicativa* do livro *Lobatiana: meio ambiente*, já citado nesta introdução.

A respeito da escolha do tema de pesquisa, cumpre-se destacar que a biografia *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*, de Carmen Lucia de Azevedo, Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta, de 2001, apresentou, em um primeiro contato, fatos e acontecimentos relevantes sobre a vida de Monteiro Lobato que instigou o desenvolvimento desta investigação.

A apresentação dos resultados da presente pesquisa organizou-se da seguinte forma:

O capítulo I trata da biografia de Monteiro Lobato, contemplando os acontecimentos que, de certa forma, podem auxiliar na compreensão dos posicionamentos adotados pelo autor e expressos em suas obras. Nela, tenta-se mostrar a complexidade de sua personalidade e a importância de sua figura nos mais diversos campos da vida brasileira, considerando-o como múltiplos Lobatos, tanto no que se refere às causas em que se envolveu, como aos papéis que desempenhou e às suas idéias. Para tanto, utilizou-se principalmente a obra *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia* (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001).

O capítulo II destina-se a um breve apontamento sobre o homem na obra lobatiana, revelando alguns dos pensamentos do autor acerca do ser humano.

No capítulo III discutem-se as concepções de natureza identificadas no pensamento lobatiano, contemplando-se duas concepções contraditórias: concepção romântica e concepção utilitarista.

No capítulo IV investiga-se a relação sociedade-natureza no pensamento de Monteiro Lobato, que em decorrência de suas concepções de natureza, revela ora o homem como destruidor da natureza, e amplamente criticado pelo autor, ora como ser que deve explorar os recursos naturais para o desenvolvimento de seu país.

Finalmente, no capítulo V analisa-se de que maneira relacionam-se a questão ambiental e o ideal de desenvolvimento econômico proposto por Lobato.

## **1. MONTEIRO LOBATO: A MULTIPLICIDADE DE CAUSAS, DE PAPÉIS, DE IDÉIAS, DE LOBATOS**

Hélio Bruma, Lobatoyewski, Antão de Magalhães, Rodanto Côr de Rosa, Osvaldo, Guy d'Hã, Manoel de Souza, Pascalon, o engraçado, Yewski, Enoch Vila Lobos, B. do Pinho, Oscarino, Yan Sada-Yaco, She, Ed Schelling, Olga de Lima, Nero de Aguiar, Vieira Lion, F. H. Rangel, Marcos Twein, Bertoldo, Demonólogo Amador. Todos eles são apenas um: Monteiro Lobato.

Ilustra-se aqui, o Lobato múltiplo, não apenas pelo número de pseudônimos que adotara em seus escritos, e que foram elencados em entrevista à Silveira Peixoto (1982, p.85). A multiplicidade de Lobato refere-se, igualmente, às questões de naturezas diversas com que se envolveu ao longo de sua vida, como também aos variados posicionamentos do autor diante delas, apontados, em alguns casos, como contraditórios.

Lobato envolvera-se, de maneira apaixonada, em distintas causas, como expresso em *Nota dos Editores* no volume de *O Escândalo do Petróleo e Ferro*: “o mais acentuado característico de Monteiro Lobato é a capacidade de apaixonamento – e com isso muito se sacrificou em suas temerárias empresas.” (1956k, p.VII)

Bruno (1982) sintetiza da seguinte forma os empreendimentos lobatianos, em muitos dos quais fora pioneiro:

[...]um pioneiro, um abridor de caminhos, ao retratar o Jeca Tatu, ao criar a grande indústria livreira no país, ao colocar sua prosa viva e colorida a serviço de campanha do saneamento do país, ao conscientizar o Brasil da importância fundamental da criação da indústria siderúrgica e da indústria petrolífera nacionais e ao assumir uma posição corajosa e generosa em face das injustiças sociais.(BRUNO, 1982, p.80)

É em referência aos diversos papéis que Lobato desenvolvera ao longo de sua vida, que Ribeiro (1982) escreve: “homem complexo, de várias facetas...Espírito inquieto...”(p.226).

Da mesma forma, uma leitura atenta das obras lobatianas revela que a expressão de Ribeiro, “várias facetas”, possui também sua “outra face”: a multiplicidade não está apenas nos papéis desempenhados por Lobato, mas também nos posicionamentos adotados ao desempenhá-los. Quanto à esta questão, faz-se necessário explicitar que estes nos pareceram, em alguns casos, permeados de contradições.

Abramovich (1982), propondo-se verificar qual o significado que Lobato e suas obras adquiriram na vida das pessoas, questiona:

[...]O que este homem significou para nós? Qual a sua importância em qualquer uma das *suas facetas tão controvertidas, em todas as suas ambigüidades* tão expostas e vividas (nacionalista e racista, materialista e espiritualista, industrial e artesão da escrita, pioneiro em tudo, vanguarda sempre!) (ABRAMOVICH, 1982, p.145, grifo meu).

A ambigüidade lobatiana também pode ser percebida no excerto que segue, em que, ao referir-se ao livro *A Barca de Gleyre*, Antônio Cândido escreve:

É preciso [...] ler êste livro para compreender o Sr. Monteiro Lobato, no dinamismo da sua vida literária – homem complexo e instável, muito moderno para ser passadista, muito ligado à tradição literária para ser modernista, ponto de encontro de duas épocas e duas mentalidades, símbolo de transição da nossa literatura, exemplo de labor intelectual e de consciência literária. (CÂNDIDO *apud* CAVALHEIRO, p.49-50).

Quanto à literatura lobatiana, esta contradição também é percebida por Carvalho, F. (1994), que expressa:

Enfim, Monteiro Lobato mostra também, em sua prosa, uma convergência de atitudes, às vezes contrastantes. Ao mesmo tempo em que, em *Velha Praga* e em *Urupês*, reduz o caboclo à imagem do Jeca Tatu, e, nos contos de *Cidades Mortas*, reduz à caricatura toda a nossa vida interiorana, o escritor trata, nos contos maiores de *Urupês*, tanto a paisagem como a criatura humana, com o lirismo que iremos encontrar nos regionalistas herdeiros ou restauradores do regionalismo romântico. (CARVALHO, F., 1994, p.80, grifos da autora.)

Lino Moreira, amigo de juventude de Lobato, ao traçar de forma satirizada o perfil do escritor, a quem atribui o pseudônimo de “Yewsky”, no jornal *Minarete*, publicado em 1903, explicita não apenas a multiplicidade aqui defendida, “espírito multiforme e versátil”, como revela certa inconstância em seus posicionamentos, “muda de opiniões, de idéias e doutrinas mais ou menos filosóficas com a sofreguidão de um comboio célere através de florestas espessas e soberbas”, e explicita a forma extremada com que Lobato muitas vezes se posiciona:

Baixinho, miudinho. Moreno e rosto de expressão incolor. É o *magister dixit* da comandita de mútuos elogios. Espírito multiforme e versátil, elástico e, supõe-se ele, científico. Muda de opiniões, de idéias e doutrinas mais ou menos filosóficas com a sofreguidão de um comboio célere através de florestas espessas e soberbas...Intolerante e extremado no que diz e escreve. Cultiva o mais escabroso gênero de literatura – a crítica. Estuda muito. Lê obras poderosas...Escreve romances e esboça, à largas pinceladas, infames aquerelas. Quando fala ou preleciona (o que é mais comum, aliás) numa vozinha alambicada, as mãos espremendo-se uma de encontro com a outra, deixando luzir nos lábios sarcásticos uma pontinha de superioridade, seguro de si, orientado solidamente pela meditação de pesados autores, provoca silêncio ou sono. Chama a todo mundo de imbeci-i-l. Em resumo: farofas de filósofo num cérebro de literato a Machado de Assis. (MOREIRA *apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.38).

No tocante à questão da mudança na maneira de pensar que acompanhara Lobato, é das palavras do próprio autor, no 2º tomo de *A Barca de Gleyre*, que pode-se inferir-la, quando este escreve a Rangel que “de volta para cá, relendo aquilo, assombrei-me com um ror (SIC) de coisas que hoje eu diria melhor – hoje, Rangel, um mês depois da ejaculação. Como mudamos a galope!”.(LOBATO,M., 1956b, p.05)

Marina Procópio de Carvalho, afirma que, dentre outros fatores, Lobato fora um amante da liberdade:

Na sua personalidade inconfundível, quase tôdas as características, fundamente marcadas desde a mocidade – vêm se mantendo e acentuando pelo correr do tempo; antes de mais nada, independência, ânsia de liberdade – liberdade de espírito, de gestos, de movimento, de ação. (CARVALHO, M. *apud* CAVALHEIRO, 1966, p.58).

Ao que Cavalheiro (1966) completa:

A liberdade será o seu norte. Por ela quebrará tôdas as lanças. Não possuiria, talvez, um pensamento político, religioso, ou filosófico, bem definido: a êste

respeito, se guiou sempre mais por tendências íntimas do que por idéias cristalizadas. Era um espírito inquieto, aberto a tôdas as inovações. Escrevera, certa vez, que tinha sido tudo, mas que a sua verdadeira vocação fôra sempre a de procurar algo que valesse a pena ser. (CAVALHEIRO, 1966, p.58).

Rute Monteiro Lobato (1982), filha de Monteiro Lobato, escreve sobre a personalidade do autor explicitando que, aqueles que o conheciam bem, compreendiam o que, para muitos, às vezes apresentava-se como paradoxal, embora a coerência tenha sido o seu maior legado:

Misto de filósofo, homem de ação e artista, sofria conflitos entre a razão e o sentimento. Tolerante por princípio, não o era por temperamento. Equânime por filosofia, perdia a cabeça quando se lhe antepunham obstáculos. “Blagueur” e irritadiço, calmo nas horas de tumulto e inquieto nas horas de paz, era todo um conjunto de qualidades aparentemente paradoxais mas bastante compreensíveis para quem o conhecia bem.

[...]

Sua maior característica, porém, foi sua coerência de caráter. Nela residia sua força e também sua coragem. Num mundo de hesitações e tartufice escolheu o seu caminho – o caminho das difícil (SIC), como diria Edgard Cavalheiro. Mas a vida não a concebia sem luta, e para isso temperava seus nervos.

Coerência. Esse o legado que nos deixou. (LOBATO, R., 1982, p.165-166)

Personalidade ímpar na história brasileira, Monteiro Lobato fora um grande visionário. Cavalheiro (1966) afirma que, a partir da leitura dos livros de Lobato, pode-se perceber que o escritor estivera “sempre vinte ou trinta anos na frente dos nossos problemas” (p.55).

Para Jorge Amado, Lobato “empunhou todas as bandeiras do progresso, da liberdade, da democracia e do futuro, abriu caminhos e deixou imperecível exemplo da justa posição do escritor consciente de suas responsabilidades perante o povo” (AMADO, 1982, p.55).

Seus “traços psicológicos são nítidos: a obstinação, o inconformismo, o ânimo quixotesco em topar todos os desafios e sacrificar-se pelo bem comum. Torna-se-á, por isso mesmo, um campeão de fracassos” (FILHO, 1982, p.54). Isto porque, na luta empreendida pelo desenvolvimento brasileiro, inúmeros serão os obstáculos que lhe serão impostos. Mas, nas palavras do próprio Lobato, ao referir-se a um homem de Uberaba que afirmara sobre o escritor “o senhor é um sonhador” (LOBATO, M., 1956h, p.188): “-Haverá alguma coisa no mundo que não se gestasse por esse processo, primeiro o sonho, depois a realização?” (LOBATO, 1956h, p.188).

Em apresentação da obra *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*, José Mindlin expõe que Lobato tornara-se um mito,

[...]expressando com coragem suas opiniões, sempre apaixonadas, embora às vezes discutíveis, mas invariavelmente visando à correção das mazelas que afligiam (e em boa parte ainda afligem...) o povo brasileiro[...] (MINDLIN, 2001, p.09).

Tendo como referência as palavras de Mindlin, justificamos que, apesar de indiscutível importância para a história brasileira e de sua literatura, o pensamento lobatiano possui, também, posicionamentos que devem ser reconsiderados, discutidos e estudados com maior cautela. Esta necessidade se daria, por exemplo, nas aproximações do autor, em determinados momentos, às idéias eugenistas.

Como já apontado, Monteiro Lobato nasceu na cidade de Taubaté, em 18 de abril de 1882, “de uma linhagem de fazendeiros” (CAVALHEIRO, 1966, p.04). Registrado com o nome de José Renato Monteiro Lobato, em 1893 troca o segundo nome para “Bento”, em decorrência de uma bengala possuída pelo pai com as iniciais J.B.M.L, e que Lobato gostaria de herdar.

Desejava cursar Belas Artes, mas por imposição do avô, José Francisco Monteiro, o Visconde de Tremembé, que após a morte dos pais de Lobato (em 1898 perdera o pai e, um ano depois, a mãe) assumira sua tutela, cursa Direito. “Tornar-se pintor seria talvez o único sonho descartado em toda sua vida”. (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.30).

Como escrevem Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001): “Desistindo de uma arte, caiu nos braços de outra. Fez-se escritor, em uma transposição vocacional que se refletiria por toda sua obra” (p.76). Citando Artur Neves:

[...]há em seu estilo todas as cores da palheta do pintor. E a pintura escrita de Monteiro Lobato é excepcionalmente boa – larga, sem insistência em detalhes inúteis e de pinceladas elegantes [...] (NEVES *apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.76).

“No fundo não sou literato, sou pintor. Nasci pintor, mas como nunca peguei nos pincéis a sério [...] arranjei este derivativo de literatura, e nada mais tenho feito senão pintar com palavras. Minha impressão dominante é puramente visual” (LOBATO, M.,

*apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.76). É desta forma que Lobato interpreta esta questão, percebendo que as tintas de sua paleta talvez dessem forma à literatura que criava.

Lobato não abandonaria em nenhum momento esta sua paixão, retornando periodicamente às produções plásticas: “pintou até os últimos dias de vida – preferencialmente aquarelas – e impreguinou suas histórias de coloridos e formas, como se fossem quadros” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.78).

Então estudante da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, não apreciava o curso, mas admirara dois de seus professores, que provavelmente, influenciaram Lobato em decisivos aspectos de sua vida, como mostram Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001): de Almeida Nogueira o “interesse pela economia e negócios” (p.31), e de Pedro Lessa, que era “defensor da liberdade de pensamento e expressão como indispensável à dignidade humana [...] os ideais de justiça, que pregava intransigentemente” (p.31).

Lobato participou das publicações da faculdade, como da única edição de *Arcádia*, e do jornal do Centro Acadêmico Onze de Agosto. Cavalheiro (1966) escreve que a primeira produção de Monteiro Lobato, assinada por ele e não por seus pseudônimos, foi justamente um conto publicado em *O Onze de Agosto*, em 12 de outubro de 1904, intitulado *Gens Ennuyeux* e com o qual Lobato ganhara o concurso de contos promovido pelo órgão estudantil.

Juntamente com Tito Lívio Brasil, Ricardo Gonçalves, Lino Moreira, Cândido Negreiros, Albino Camargos Neto, José Antônio Nogueira e Godofredo Rangel, Lobato formou, em sua mocidade, o *Cenáculo*, como se autodesignavam este círculo de amigos. Seus membros “ao lado de um ‘vago socialismo’, compartilhavam profundo amor à Arte – com A maiúsculo” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.41). *Minarete* seria como este grupo, que tinha também como ponto de encontro o *Café Guarani*, na Rua XV de Novembro, denominaria o chalé para onde se retiravam, “sua torre de marfim” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.41), localizado na Rua 21 de Abril, no Belenzinho, moradia de alguns deles.

De acordo com esses autores, "o Cenáculo/Minarete [...] significou para seus integrantes aquele momento mágico quando tudo é potencialmente possível e o mundo idealizado encontra-se ao alcance das mãos" (p.42).

Os membros do *Cenáculo* tornaram-se colaboradores de um jornal de Pindamonhangaba recém-formado por Benjamin Pinheiro, que acabou por receber também o nome de *Minarete*, e no qual tinham grande liberdade. Sobre o círculo de amizades de Lobato, é necessário destacar a estreita relação que estabeleceria com o também escritor Godofredo Rangel:

José Bento Monteiro Lobato correspondeu-se assiduamente, pelo espaço de quarenta anos, com o seu ex-companheiro de república estudantil, Godofredo Rangel. Lobato em São Paulo e Rangel, juiz de Direito, em cidade do interior de Minas. (TRAVASSOS, 1982, p. 241)

Em 1943, em releitura dessas correspondências, Rangel lhe sugeriria sua publicação em livro. Como refere-se Cavalheiro (1966) seriam as "memórias" de Lobato, escritas sem esta intenção, em que a revelação do escritor ocorre de forma intensa, já que não se preocupava com um leitor.

Estas cartas permitem, dentre uma imensa variedade de outros aspectos, conhecer um pouco sobre as leituras realizadas por Lobato; dentre elas, encontram-se referências à obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. De uma das cartas à Rangel, presente no 1º tomo de *A Barca de Gleyre*, é possível retirar um exemplo disso, passagem em que Lobato reflete sobre algumas idéias que lhe são despertadas pelo filósofo. Pertinente à temática geral desta pesquisa, faz-se necessário destacar a forma como aborda a questão do "anti-naturalismo", como se a teoria de Nietzsche lhe proporcionasse uma maior aproximação do estado natural do homem:

[...]Chegou-me o Nietzsche em dez preciosas brochuras amarelas, tradução de Henri Albert. Nietzsche é um polen. O que ele diz cai sobre os nossos estames e põe em movimento todas as ideias-germens que nos vão vindo e nunca adquirem forma. "Eu sou um homem-toupeira que cavo subterraneamente as veneráveis raízes das mais sólidas *verdades absolutas*." E é. Roi o miolo das árvores – e deixa que elas caiam por si. Possui um estilo maravilhoso, cheio de invenções e liberdades. Para bem entendê-lo temos que nos ambientar nessa linguagem nova.

Nietzsche me desenvolveu um velho feto de ideia. Veja se entende. O aperfeiçoamento intelectual, que na aparência é um fenômeno de agregação conciente, é no fundo o contrário disso: é desagregação inconciente. Um

homem aperfeiçoa-se *descascando-se* das milenarias gafeiras que a tradição lhe foi acumulando n'alma. O homem aperfeiçoado é um descascado, ou que se despe (daí o horror que causam os grandes homens – os loucos – as exceções: é que eles se apresentam às massas em trajes menores, como Galileu, ou nós, como Byron, isto é, despidos das ideias universalmente aceitas como *verdadeiras* numa época). “Desagregação inconciente”, eu disse, porque é inconcientemente que vamos, no decurso de nossa vida, adquirindo, ou, antes, colhendo as coisas novas – ideias e sensações – que o estudo ou a observação nos deparam. Essas observações, caindo-nos n'alma, lavam-na, raspam-na da camada de preconceitos e absurdos que a envolvem – a camada de anti-naturalismos, enfim.(LOBATO,M., 1956a, p.56-57, grifos do autor)

Diversas são as influências sofridas por Monteiro Lobato. Segundo Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001):

[...]na ânsia de escapar à crise mental que o afetara bem cedo, logo aos dezoito anos, levando-o a saltar de pensadores como Le Bon a Augusto Comte, e daí a Herbert Spencer, Lobato aporta em Nietzsche, a maior 'bebedeira' da sua vida.” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.45).

Referências às leituras de Lobato podem auxiliar em uma melhor compreensão a respeito das opiniões emitidas pelo autor em suas obras, percebendo-se o diálogo com estes pensadores nos textos lobatianos; cita-se como exemplo a aparente defesa da imobilidade social em passagem do livro *Reinações de Narizinho*, referida mais adiante nesta pesquisa, e que alude às idéias positivistas de Augusto Comte.

Formado no curso de Direito, e após morar por quase dez anos na cidade de São Paulo, Lobato retornou à Taubaté, onde sentiu falta da agitada vida na capital paulista. Neste momento, se dedicou à colaboração à imprensa, além de à leitura e reescritas.

Em 1906 ficou noivo de Maria da Pureza de Castro Natividade, “Purezinha”, e pretendendo casar-se, o que ocorreria dois anos depois, “pleiteia a promotoria efetiva da Comarca de Areias, para onde acaba nomeado” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.49), em 1907.

Encontra em Areias uma cidade em decadência, localizada na região em que, outrora, prosperara em decorrência do café. “O panorama que o rodeia, de completa decadência da terra e do homem, é desolador” (CAVALHEIRO, 1966, p.09). Diante deste cenário, refugia-se, então, na literatura. Durante os anos seguintes, trabalharia com traduções, e colaboraria de diversas formas para jornais e revistas, como *O Estado de S. Paulo*, *Fon-Fon*, *Gazeta de Notícias* e *Tribuna*.

Em 1910, Lobato era já pai de dois filhos. Lobato e Purezinha tiveram quatro filhos: Martha nascida em 1909, Edgard em 1910, Guilherme em 1912 e Ruth em 1916. Mudou-se de Areias quando, em 1911, com a morte de seu avô, Visconde de Tremembé, herdou a Fazenda São José do Buquira, localizada na Serra da Mantiqueira. Por algum tempo dedicou-se, então, à lavoura, realizando o sonho de tornar-se fazendeiro e empenhando-se em tornar rendosa a fazenda de solo já exaurido. (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001)

Em carta à Rangel, escrevera certa vez:

Estou prestes a fechar o meu curso. Entro na “vida pratica” em dezembro e creio que realizarei o meu sonho: ser fazendeiro. A minha vida ideal (isto é, de ideias) está a pingar o ponto final. Vou morrer – vai morrer este Lobato das cartas. E nascerá um que te fale em milho e porcos, e te dê receita para acabar com o piolho das galinhas. (LOBATO, M., 1956a, p.61)

Segundo Cavalheiro (1966), no entanto, logo retornaria seu interesse pela literatura. Em sua convivência com o caboclo concluiu que a imagem que se tinha do homem rural, naquela época, era romanceada, já que encontrara na realidade do campo o extremo oposto do “homem sadio e valente, espirituoso e dedicado”(p.12).

Atribuindo ao fato de ter se tornado fazendeiro a possibilidade de conhecer a realidade e não prosseguir na visão distorcida do homem do campo, surge-lhe a idéia de uma obra nacional, sem influência européia, em que o caboclo apareceria como “o piolho da terra” (CAVALHEIRO, 1966, p.12), em uma espécie de denúncia da realidade. Obra esta que, como será visto, revolucionará a literatura nacional.

Segundo Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001) os primeiros artigos de Lobato na grande imprensa foram em *Tribuna*, em 1909, e *Correio Paulistano*. Em 1913 estreitaria em *O Estado de São Paulo*, tornando-se colaborador. Tornara-se um “ ‘sapo’ – jargão utilizado para definir os que compareciam à redação quase todas as noites e lá ficavam até alta madrugada” (p.102). Em expressões de Lobato, citado por Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001), ele esclarece que

Os sapos comentam as notícias do dia, dão palpites, tosam nos adversários e metem a ronca no próprio jornal [...] por amor à causa, pura e pia revolta pela não-introdução de melhoramentos que a eles parecem indispensáveis.[...](LOBATO, M. *apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.104).

Mais tarde, em 1918, Lobato assumiria as funções de redator-chefe, secretário e editor, de maneira a garantir a circulação de *O Estado de S. Paulo*, já que grande parte dos profissionais do jornal afastaram-se em decorrência da gripe espanhola.

Em 1914, *O Estado de S. Paulo* publicou dois artigos de Lobato: o primeiro foi *Velha Praga*, que inicialmente destinava-se à seção de “Queixas e Reclamações” do jornal, mas que acabou por ganhar destaque na publicação. Neste artigo, Lobato revela, de forma bastante extremada, sua indignação e descontentamento com as queimadas destruidoras de suas terras. O segundo artigo, *Urupês*, veiculava uma série de críticas ao modo de vida dos caboclos.

Diante da crescente atenção que se voltara para seus artigos, recebendo propostas inclusive de *O Estado de S. Paulo* para receber por suas colaborações, e do insucesso com a fazenda, pensou em vender suas terras, o que se efetuou em 1917, voltando a dedicar-se integralmente à literatura. Neste período colaborou com as publicações *Vida Moderna*, *O Queixoso*, *Parafuso*, *A Cigarra* e *O Pirralho*.

Elis (1982) aponta que, ao contrário do que se afirma, Lobato não se tornou escritor com estes dois artigos publicados em *O Estado de S. Paulo*, mas sim que eles apenas chamaram a atenção para o nome de Lobato, que já havia publicado até mesmo contos, há já então 15 anos.

Em 1917, Monteiro Lobato publicou seu primeiro livro, sob o pseudônimo de Demonólogo Amador: *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*. Guiado por seu “espírito nacionalista” (CAVALHEIRO, 1966, p.15), promovera no suplemento infantil de *O Estado de S. Paulo*, *Estadinho*, um inquérito a respeito do “Saci-Pererê”, o que resultara, inclusive, em grande contribuição para o estudo do folclore brasileiro, assunto pouco explorado na época.

Cavalheiro (1966), sobre esta publicação, acrescenta:

[...] a publicação, feita às suas expensas e por êle vendida, com algum êxito de livraria (a 2ª edição apareceria dois meses depois) levou-o a considerar pela primeira vez, a idéia de se transformar em editor. Não é portanto, “Urupês”, o marco zero da indústria editorial brasileira, e sim êsse livro de capa vermelha em torno do saci-pererê”. (CAVALHEIRO, 1966, p.16).

Foi, então, motivado pelo sucesso de *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*, que Lobato planejou outra publicação, pretendendo repetir sua “experiência como editor” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.111). Isto ocorreu, em 1918 com *Urupês*, livro cujo aparecimento fixaria “uma linha divisória, tornando essa obra afortunada não só marco assinalado, mas sobretudo ponto de partida, caminho aberto aos que vieram depois”.(CAVALHEIRO, 1966, p.04).

Segundo Elis (1982), *Urupês* alcançara êxitos sem precedentes no Brasil. Lobato destruiria com ele o mito do caboclo, herdeiro da visão romântica indianista que surgira em nossa literatura como afirmação nacionalista.

Cavalheiro (1966), demonstrando a singularidade da obra na literatura brasileira, e seu caráter revolucionário, afirma:

O que Monteiro Lobato vinha fazer com “Urupês” [...] era quase uma revolução. O ranço camiliano, e o espírito pouco afeito às pesquisas, sobretudo lingüísticas, e a nenhuma disciplina que caracterizava o seu espírito – principalmente as atitudes de livre-atirador que sempre timbrou em manter – impediam-no de se tornar chefe de grupo, de formar discípulos, embora durante alguns anos a literatura brasileira gravite tôda ela a seu redor.[...] (CAVALHEIRO, 1966, p.21).

Talvez nessa caracterização de Cavalheiro “atitudes de livre-atirador” esteja implícita a concepção de que Lobato, que apresentamos no início como, aparentemente, múltiplos Lobatos, com posicionamentos tão distintos entre si, reservasse consigo certo ímpeto de demonstrar sem grande limitações os pensamentos que lhe assomavam no momento vivido.

As vendas de *Urupês* atingiram grande êxito, o livro ganhou atenção da imprensa, e foi alvo de discussões. Esteve também presente no discurso de Rui Barbosa em que, segundo Cavalheiro (1966), perguntara “com patéticas palavras, se o país” (p.19) “conhecia aquêlo tipo de uma raça que, entre as formadoras de nossa nacionalidade, se perpetua a vegetar de cócoras, incapaz de evolução e impenetrável ao progresso” (RUI BARBOSA *apud* CAVALHEIRO, p.19).

Decorrente deste fato, *Urupês*

[...]saía do terreno sociológico e literário para o político, onde as paixões são mais suscetíveis de explosões e as repercussões bem mais profundas. Em pouco tempo a confusão era geral; perderam-se de vista as intenções do autor,

esquecia-se de que “Urupês” era uma profissão-de-fé, um grito contra o falso caboclisto de chapéu de palha rebatido à testa e camisa aberta ao peito.[...] (CAVALHEIRO, 1966, p.19).

Trata-se de uma relevante influência mútua, já que, não apenas Rui Barbosa contribuiria para o êxito alcançado por *Urupês*, como também, a obra desempenharia importante papel na figura de Rui Barbosa. É o que se infere a partir da leitura deste excerto de Gilberto Freyre:

Para a vitória do livro concorreu poderosamente o velho Rui [Barbosa] quando, em discurso célebre, destacou a significação social do Jeca Tatu. Mas não nos esqueçamos de que, a essa altura, Lobato conseguira o milagre de despertar o velho Rui da indiferença, tão dos nossos doutores e bacharéis de quase todos os tempos, pelos problemas brasileiros de solução mais difícil que a jurídica ou a política. Indiferença em que se extremou uma geração inteira de intelectuais brasileiros: a dos primeiros decêncios da República. (FREYRE, 1982. p.239)

Quanto ao importante papel de *Urupês* para a moderna literatura brasileira, Cavalheiro (1966) afirma:

O aparecimento de “Urupês” veio marcar como já dissemos, um acontecimento sem precedentes na literatura brasileira. Osvald de Andrade concordaria ter sido esse livro o autêntico “marco zero” do movimento modernista, que quatro anos depois deflagraria tão ruidosamente em S. Paulo.[...] (CAVALHEIRO, 1966, p.17).

Da mesma forma, Freyre (1982) posiciona-se:

[...] Ele foi um dos iniciadores mais vigorosos da fase atual de literatura em nosso país. Mário e Osvaldo de Andrade, José Américo, Amado Fontes, Lúcio Cardoso, Jorge Amado, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Luiz Jardim e vários outros, ao aparecerem, encontraram o sulco de Lobato. (FREYRE, 1982, p.240)

Como apontam Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001), são complexas as relações de Lobato com o grupo modernista, sendo tema de amplo debate ao longo do tempo. Segundo os autores, suas raízes estariam na crítica de Lobato à exposição de Anita Malfatti, em 1917, em artigo publicado em *Estadinho*; este artigo pode ser lido, em *Idéias de Jeca Tatu*, sob o título *Paranóia ou mistificação?*.

Uma das interpretações apontadas pelos autores de *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia* seria a de que Lobato não criticara Malfatti como má pintora, ao contrário, a

ela dispensou diversos elogios; a crítica de Lobato estaria na utilização de elementos europeus em suas obras, das vanguardas européias, o que prejudicaria cada vez mais a formação de uma estética nacional e nossa independência artística.

Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001) também afirmam que Lobato não rompera radicalmente com os modernistas, e que, de certa forma, valorizava suas produções artísticas e literárias. Algumas obras, inclusive, foram publicadas por sua editora. Mas as divergências existiam. A exemplo, em artigo satirizando Lobato, Mario de Andrade o chama de “sitiante que teria queimado muito mato, para depois atacar os que se utilizavam do expediente das queimadas” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.180).

No entanto, são nas palavras do mesmo Andrade, em balanço do poeta sobre a Semana de 22, após 20 anos de sua ocorrência, que o nome de Lobato aparece em importante relevância:

O modernismo, no Brasil, foi uma ruptura, foi um abandono de princípios e de técnicas conseqüentes, foi uma revolta contra o que era a Inteligência nacional. É muito mais exato imaginar que o estado de guerra da Europa tivesse preparado em nós um espírito de guerra eminentemente destruidor. E as modas que revestiram este espírito foram, de início, diretamente importadas da Europa, [...] Quanto a dizer que éramos, os de São Paulo, uns antinacionalistas, uns antitradicionalistas europeizados, creio ser falta de sutileza crítica. É esquecer todo o movimento regionalista aberto justamente em São Paulo e imediatamente antes, pela *Revista do Brasil*; é esquecer todo o movimento editorial de Monteiro Lobato. (ANDRADE, M. *apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.184)

Como afirmam Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001), “entre ataques e recuos, gestos de aproximação e repulsa, Lobato vai mantendo uma relação às vezes estreita, outras mais distante com o chamado grupo modernista” (p.181).

Bruno (1982) também discute em seus escritos o desentendimento entre Lobato e os modernistas de 22, cujo movimento é representativo da renovação da literatura brasileira.

Ele discorda de Edgar Cavalheiro, que aponta o afastamento de Lobato do movimento modernista como conseqüência de dois fatores: a antipatia gerada pela crítica do autor de *Urupês* à exposição de Anita Malfatti em que, num posicionamento nacionalista, criticara sua influência estrangeira, e pelo desinteresse de Lobato em

participar do movimento, envolvido que estava, naquele momento, em atividades empresariais, deixando um pouco à margem a literatura. (BRUNO, 1982)

Para esse autor, havia identidade e divergência entre ambos:

Entretanto, parece fora de dúvida que, em muitos pontos, se identificavam as posições e preocupações de Monteiro Lobato e as dos líderes do movimento modernista: o nativismo, o regionalismo, a autenticidade, as raízes ao Brasil como fontes que deveriam inspirar as nossas letras e as nossas artes. Em outros pontos, talvez houvesse divergências. Lobato, a despeito de seu vanguardismo e de seu pioneirismo literários, poderia estar ainda preso a certas posições naturalistas e parnasianas e sobretudo ao vernaculismo, por seu apêgo à linguagem camiliana.[...] (BRUNO, 1982, p.81)

E citando o crítico Antônio Cândido, Bruno aponta que “Lobato não percebeu que para revisão dos valores intelectuais era necessária a revisão equivalente e paralela dos meios de expressão” (CÂNDIDO *apud* BRUNO, 1982, p.81). Aponta, ainda, para a possibilidade de Lobato não ter percebido que a real intenção dos modernistas em incorporar ideologias estéticas de países estrangeiros era apenas uma forma para “quebrar os modelos anteriores que, na opinião deles, entravavam o surgimento de uma arte e de uma literatura autenticamente brasileiras” (BRUNO, 1982, p.81).

Colocando esta como uma questão curiosa e de desafio aos pesquisadores, Bruno (1982) cita Tristão de Ataíde, que considerou Lobato como “um precursor ou um pioneiro do modernismo brasileiro” (p.81) e Oswald de Andrade, um dos líderes do movimento modernista, que considerava *Urupês* (1918) como marco zero do futuro movimento, e que declarara “foi em Lobato que a renovação teve de fato o seu impulso básico. Ele apresentava, enfim, uma prosa nova” (ANDRADE, O. *apud* BRUNO, 1982, p.82). Para Cavaleiro (1966), no momento em que *Urupês* fora publicado, o movimento literário no campo da prosa, marcava-se por estagnação.

Jorge Amado (1982) ressalta que a literatura adulta de Monteiro Lobato, a qual, segundo ele, poucos dedicam-se ao estudo, trouxe popularidade e leitores para o gênero de contos. Amado refere-se a Lobato como “o criador do moderno conto brasileiro” (p.56).

Elis (1982) registra que, como grande contista brasileiro, apenas Machado de Assis equipara-se em qualidade e quantidade a Lobato. Apresentado como regionalista por alguns, segundo ele, Lobato diferenciava-se de autores do gênero por extrapolar o

documental e adotar uma atitude de julgar criticamente, tal como Euclides da Cunha. Na literatura lobatiana, existe a face trágica e a cômica. Através de Jeca Tatu, de acordo com observações do Prof. Júlio César da Silva, citado por Elis, Lobato acusaria a ideologia dominante da época, que no fundo pretendia conservar o caboclo como mão-de-obra a ser explorada, gerando riqueza a seus exploradores.

*Urupês* seria, então, como afirma Cavalheiro (1966), “uma advertência trágica, enérgica, desapiedada, mas necessária advertência” (p.20) dos problemas vividos pelo homem do campo, com os quais Lobato passou a conviver e observar em sua fazenda. Cavalheiro acrescenta que, na estigmatização do Jeca, Lobato “carregava, propositalmente, nas tintas” (p.20) criando uma “caricatura [...] inconscientemente maldosa”(p.20). “O escritor vingava-se, de certa maneira, do Jeca que derrotara o fazendeiro” (p.20).

De acordo com Cavalheiro (1966), Lobato, tempos mais tarde, arrependeu-se do posicionamento segundo o qual não conseguira perceber a miséria humana além de seu aspecto estético, e declara que, quando o conseguiu, sua obra literária já estaria cristalizada e ele não mais se interessava pelas letras.

Sobre as acusações que Lobato desferira ao caboclo, Sandroni escreve:

[...]Na verdade, analisando-se bem a situação, nota-se que Lobato queria era arranjar um culpado para o seu fracasso como fazendeiro, e o Jeca era o culpado ideal. E, como ele tinha desistido de ser escritor para se tornar fazendeiro, o fracasso era duplo. (SANDRONI, 2002, p.51)

Foi no período em que se preparava para a impressão de *Urupês* que Lobato teve contato com a obra *Saneamento do Brasil*, de Belisário Pena, livro este que o faria repensar o que até aquele momento julgara a partir de sua vivência no meio rural e com o homem do campo. Envolve-se, então, com grande entusiasmo nas campanhas higienistas, que tinham à frente Belisário Pena e Artur Neiva. (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001)

Segundo Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001), Lobato retratou-se pela imagem criada do Jeca Tatu, descobrindo-o como a vítima do subdesenvolvimento. Dácio Aranha de Arruda Campos, como demonstram os autores, já havia alertado Lobato “contra a unilateralidade de sua criação, ditada em grande parte [...] pelo

ressentimento do cafeicultor fracassado” (p.112). A partir disso, reiteraria nas edições de *Urupês* o equívoco por ele cometido no julgamento do caboclo.

Em 1918, Lobato publicou diversos artigos denunciando a saúde debilitada do homem do campo, e cujo saneamento significaria, conseqüentemente, a resolução de nossos problemas nacionais: “curar o homem do campo significaria criar riqueza, restabelecendo os verdadeiros alicerces da restauração econômica e financeira da nação” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.115). Lobato declararia ser o caipira um “homem em estado latente [...] o caipira não é assim. *Está* assim.” (LOBATO *apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.115)

Meses depois, a produção literária de Lobato sobre este assunto foi reunida “em livro e mandado publicar pela Sociedade Eugênica de São Paulo, em conjunto com a Liga Pró-Saneamento do Brasil. No seu prefácio, o médico Renato Kehl, secretário de ambas as instituições” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.115) escreve:

Foi preciso que Monteiro Lobato, a franqueza patriótica em ação, exprobase o desleixo dos governos, pondo em evidência o contraste entre a exuberância empolgante das nossas florestas e a riqueza da nossa fauna, com o desconcertante estado de anemia física e moral de um povo que recebeu a mais rica prenda da Terra, para que se iniciasse a cruzada em prol do saneamento (KEHL *apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.115).

Em junho de 1918, Lobato comprou a *Revista do Brasil*, revista em que se tornara colaborador a partir de seu terceiro número, e que se tratava de uma publicação “disposta a resgatar os valores da cultura nacional” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.108), com a qual Lobato muito se identificava.

Como mostram Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001), utilizando-se de estratégias de *marketing* bastante eficazes, Lobato ampliou o número de assinantes da revista que, apesar de prestigiada no meio intelectual e literário, estava deficitária. Dentre os colaboradores do periódico figuravam autores já consagrados e também novos autores. Assim,

Com a experiência bem-sucedida de duas primeiras publicações autofinanciadas – *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito* e *Urupês* – Lobato desenvolve ali mesmo, paralelamente ao comando da *Revista do Brasil*, o

embrião de uma seção editora.[...] (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.122).

Ao contrário do praticado na época, começou a editar autores novos, desconhecidos do público. Em 1919, como o próprio Lobato comunicou a Rangel, estaria “montando oficinas próprias, especializadas na fatura de livros” (LOBATO *apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.124) e iniciara já a importação de papel. No mesmo ano foi então formada a *Olegário Ribeiro, Lobato & Cia*, associação que, em curto prazo de tempo, se dissolveu.

Em 1920, Lobato montou com Octalles Marcondes a *Monteiro Lobato & Cia*. O sucesso alcançado veio, principalmente, da seleção de obras a serem lançadas e a inovação na maneira da distribuição dos livros: “o corpo de vendedores compreendia autônomos, consignatários e empresas sediadas no interior” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.130). A distribuição de exemplares para a imprensa interiorana para divulgação, e as mudanças promovidas no padrão gráfico dos livros, representaram outras inovações (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001).

Como apontam esses autores, “ao descobrir que havia um público latente, constituindo um filão pessimamente explorado, Lobato de forma pioneira, trata o livro como mercadoria” (p.131), devendo ser colocado ao alcance dos compradores. Importante destacar que, como observa Lobato, em 1918 existiam apenas cerca de 50 livrarias espalhadas pelo Brasil.

Investindo também no gênero didático, Lobato receberia a aprovação de *Narizinho Arrebitado*, título do qual editou cinqüenta mil exemplares, pelo governo de São Paulo, que foi então, adotado pelas escolas públicas. (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001).

Em 1924, a *Monteiro Lobato & Cia* transformou-se em *Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato*:

Em situação instável e bastante endividada, a *Monteiro Lobato & Cia* recorre à abertura de capital como recurso de captação de fundos. E para dar suporte econômico ao projeto de expansão que vinha sendo implementado há quase dois anos, em maio de 1924 transforma-se na *Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato*, sociedade anônima que reunia entre seus acionistas a nata da classe dirigente paulistana.[...] (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.137).

A editora, “dispondo do mais moderno parque gráfico da época [...] transformava-se na maior e mais importante empresa do ramo no país” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.137). No entanto, alguns fatores prejudicaram seus negócios, já que, devido a importação de maquinário, encontrava-se então endividada. Dentre eles, a revolução dos tenentes, em 1924, em São Paulo, sob liderança do general Isidoro Dias Lopes, que ocasionou a paralisação das atividades da editora, ocorrendo, inclusive, a prisão de José Carlos de Macedo Soares, presidente da *Cia Gráfico-Editora Monteiro Lobato*. Menos de um ano depois, as atividades industriais foram limitadas também pela redução no fornecimento de energia elétrica, em decorrência de uma grande seca ocorrida em São Paulo. Além disso,

[...]ao lado de grande falta de numerário no mercado, prejudicando os negócios, ocorre uma brusca mudança na política econômica de Bernardes. Na tentativa de estabilizar a moeda, o governo baixa um pacote de medidas, desvalorizando o milréis e suspende o redesconto de títulos pelo Banco do Brasil.[...]  
(AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.144).

Somado ao fato de a produção já estar reduzida, em decorrência da crise de energia, isto ampliaria o problema financeiro da editora.

Outro fator agravante, além da disposição de recursos necessários para as despesas com taxas aduaneiras e armazenagem para liberação de uma remessa de encomenda atracada no porto de Santos, então congestionado, foi, como revelam indícios, a suspensão das edições escolares fornecidas pela editora, em decorrência de carta enviada por Lobato ao presidente Artur Bernardes com acentuadas críticas. (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001)

Apesar de uma série de medidas tomadas em tentativa de sanar o problema, em 1925:

[...]Com os títulos vencendo e sob pressão crescente dos credores, Lobato, na ausência de Octalles Ferreira – que teria agido com maior tranquilidade e contornado as dificuldades, segundo seu próprio depoimento, - pede falência.[...](AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.146)

Para suceder a então falida *Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato*, Lobato criaria a *Cia Editora Nacional*.

Sobre o envolvimento de Monteiro Lobato com a indústria editorial brasileira é importante destacar, como aponta Cavalheiro (1966), que fora o livro *Urupês* quem abriu para Lobato o caminho de editor. Acrescenta ainda que, “convém recordar que até então não tínhamos tido verdadeiramente um editor nacional” (p.25) e o escritor organizaria “uma rede de distribuição eficiente e ativa” (p.25).

Em 1926, Lobato lançou em *A manhã*, dividido em 20 partes, o título *O choque das raças*. Segundo o jornal *A manhã* apud Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001), tratava-se de “um hino à Eugenia, às leis espartanas revividas na América e é um brado d’armas em prol do princípio mágico que está fazendo da América do Norte um mundo dentro do mundo – a Eficiência”. (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.214).

De acordo com os autores de *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*, “Lobato expunha os aspectos trágicos dos governos totalitários ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, produzia discursos próximos às teses eugenistas, então ainda em voga no Brasil” (2001, p.217).

Francamente eugenista, a trama urdida por Lobato em *O choque*, onde a inteligência dos brancos acabava vencendo, vem destacar posições ambíguas do escritor. Mas se neste livro ele abraça idéias acerca da superioridade racial, em outros momentos resgata o elemento de origem africana e reconhece seu papel na cultura brasileira – como na caracterização de tia Nastácia e tio Barnabé, personagens do Sítio do Picapau Amarelo representantes do saber popular. E tampouco se esquivou em denunciar as crueldades do escravismo, conforme se pode constatar no conto “Negrinha”. (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.222)

O envolvimento de Lobato com as idéias eugenistas, “a aplicação da Ciência para melhorar o mau animal humano”, pode ser percebido, também, em prefácio do autor para *Bio-Perspectivas*, de Renato Kehl, constante no livro *Prefácios*, do volume *Prefácios e Entrevistas*:

Não estranhe o leitor que esteja a prefaciando uma obra tão séria o sujeito menos adequado. Mas há para isso uma razão toda especial. Vim a conhecer Renato Kehl no início de minha vida literária, certo ano em que, numa série de artigos de jornal, me pus a entender de saneamento. Fanático que já era ele da Eugenia – ou da aplicação da ciência para melhorar o mau animal humano – procurou-me com proposta para editar em volume tais artigos e prefacia-los.

Surgiu assim o “Problema Vital”, a primeira coisa, creio, que de mim saiu sob forma de livro – e com prefácio de Renato Kehl. (LOBATO, M., 1956l, p.81-82).

Poderíamos afirmar que as práticas, ou mesmo a difusão de idéias eugenistas, prejudicam a construção de uma sociedade harmoniosa, em que haja o respeito dos homens para com seus pares, com o meio, e as demais espécies, animais e vegetais? Não estão nelas implícitas a eliminação de tudo e de todos que, na concepção de seus adeptos, destoem ou atrapalhem uma sociedade em progresso?

É o que pode ser constatado nos dois excertos que seguem. Em *A cidade dos pobres*, de *Miscelânea*, Lobato trata com certo desprezo aqueles que são colocados à margem da sociedade, “a mendicalha, resíduo demográfico”:

Todas as cidades dão de si resíduos. Dão o lixo comum, resíduo das casas, e dão a mendicalha, resíduo demográfico. Note-se que a pobreza não constitui um mal. Simples contingência da desigualdade econômica. Mas a mendicalha é um mal que envenena, suja, afeia, os agrupamentos humanos. [...] (LOBATO, M., 1956h, p.274)

Em outro excerto retirado do prefácio escrito por Lobato para a obra *Bio-Perspectivas*, de Renato Kehl, Lobato transcreve parte do livro que prefacia para demonstrar a “solidez do pensamento do autor”, onde se nota que a máquina é colocada como um meio eficaz com o qual a natureza conta para a seleção dos seres capazes de continuar, “salvar-se-ão naturalmente alguns elementos de maior valia; os demais sucumbirão”. Estes seres, “escórias humanas”, foram mantidos até hoje pela ação (que são criticadas) da caridade, do saneamento, da medicina, “os incapazes, os doentes e os anormais de várias ordens acumulam-se de modo assombroso, nas prisões, nas penitenciárias, nos manicômios, nos bairros da miséria”. A perspectiva eugênica, segregadora, contribui, então, para a permanência apenas de um grupo de pessoas, “do homem-espécie”:

[...] Em todos os temas tratados vemos a flor das conclusões-terminus a que a ciência moderna chegou – e muitas constituirão novidade para a nossa triste má-percepção das coisas novas. Citarei o trecho em que expõe o significado social e biológico da máquina. Bastam essas linhas para exemplificar a solidez do pensamento de Renato Kehl.

“A máquina desempenhará funções cada vez mais decisivas. Dentro de alguns decênios não mais existirão povos *ingenuos*. Saberão todos tirar proveito do automóvel, do cinema, do rádio e das máquinas em geral. Os componentes da

“medianidade” e da “vulgaridade”, que ainda representam em muitos misteres o papel de maquina, torna-se-ão cada vez mais desnecessarios. Para eles as maquinas serão perniciosissimas. Substituindo progressivamente os “homens-braço”, os “homens-mão”, deixam cada vez maior numero de “sem-trabalhos”. Salvar-se-ão naturalmente alguns elementos de maior valia; os demais sucumbirão. Como se sabe, durante os ultimos anos as escorias humanas se têm acumulado em consequencia do desrespeito ás leis naturais. Não tem havido desbastamento suficiente ou eliminação seletiva em regra. Os incapazes, os doentes e os anormais de varias ordens acumulam-se de modo assombroso, nas prisões, nas penitenciarias, nos manicomios, nos bairros da miseria. A maquina, que criou o “sem-trabalho”, agrava ainda mais a situação, porque deixa ao desamparo um sem-numero de familias que ainda conseguiam viver. A natureza agora tira partido do proprio artificialismo, mantido pelo “homem-caridade”, pelo “homem-medico”, pelo “homem-higiene”, apressando a seleção exatamente em consequencia deste fator novo: a maquina. Um dia surgirá o “homem-especie”, não só para gozar da maquina como tambem de tudo que foi realizado á custa de tantas vitimas”... (LOBATO, M.,1956I, p.80-81, grifo do autor)

Em 1927, Monteiro Lobato, a quem Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001) referem-se como “militante do progresso” (p.266-267), mudou-se para os Estados Unidos, ocupando o cargo de adido comercial brasileiro. Neste país, cuja estada se prolongou até 1931, percebe; como reflete Cavalheiro (1966); que não é apenas o saneamento que resolveria as misérias do homem do campo, mas sim que o Brasil necessitava de ferro e petróleo, os dois responsáveis pela prosperidade norte-americana. Já em 1927 afirmava: “meu plano agora é um só: dar ferro e petróleo ao Brasil” (LOBATO *apud* CAVALHEIRO, 1966, p.39). Cavalheiro completa que,

[...]daí em diante, Lobato travará, quase sozinho, uma luta gigantesca. Luta contra a descrença, o ceptismo. Luta contra trustes, contra governos, contra falsos patriotas, contra uma nação inerte e passiva.(CAVALHEIRO, 1966, p.39).

Os livros *Ferro e O Escândalo do Petróleo* demonstraram parte desta luta.

Como registra Torres (2007):

[...]Hoje, pareceria até improvável que um brasileiro tenha ido parar na cadeia por querer provar de todos os modos a existência de petróleo em nosso país, quando todo o aparelho do Estado, em conluio com uma empresa norte-americana chamada Standard Oil, fazia de tudo para negá-la. (TORRES, 2007, p.32-33)

Sandroni (2002) confirma o impasse provocado pelas empresas norte-americanas à exploração do petróleo nacional, em excerto retirado de *Minhas Memórias de Lobato*.

Nesta obra, Sandroni intercala uma biografia de Lobato com diálogos e situações vivenciadas pelos personagens do *Sítio do Picapau Amarelo*: “na verdade, quem não queria que o Brasil explorasse petróleo eram os Estados Unidos, porque assim eles poderiam continuar a vendê-lo para o nosso país. E o governo não queria briga com os americanos” (p.75). À esta afirmação, segue-se um diálogo das personagens do *Sítio*:

- Puxa! E era esse o país que o Lobato tanto admirava? Eu odeio esses *Estadounidos!*
- Depois, o Lobato entendeu que eles não eram ricos só por causa do trabalho deles, mas principalmente porque exploravam outros países, como o Brasil, por exemplo. (SANDRONI, 2002, p.75)

Nos E.U.A, o escritor encantou-se com a nação que encontrou, “pela civilização, pelo pragmatismo, pela eficiência dos norte-americanos” (BRUNO, 1982, p.79), reconhecendo nela o país que sempre sonhara. Admirava seu desenvolvimento, seus aspectos socioculturais, e sempre os comparava ao caso brasileiro, que em sua opinião, tratava-se de um país atrasado.

Como adido comercial brasileiro, em um dos questionários organizados sob coordenação de Hélio Lobo, Lobato “tratando do reflorestamento – prática que ganhava terreno na América do Norte – novamente manifesta os princípios do ecologismo embrionário exposto desde ‘Uma velha praga’, em 1914” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.226), e escreve:

[..] a tremenda destruição anual causada em nossas matas nativas pelo fogo só poderá ser contraminada por um movimento restaurador como o que em tamanha escala já se vem fazendo nos Estados Unidos”. (LOBATO *apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.226).

Em 1928, acompanhando um balanço sobre o comércio Brasil-Estados Unidos, há um informe sobre a questão do turismo, setor que, para Lobato, deveria ser fomentado também no Brasil, dada sua “inequívoca vocação natural, traduzida na belíssima paisagem” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.228).

Nos relatórios elaborados por Lobato, enquanto adido comercial, seriam constantes as referências às riquezas naturais de nosso país, como demonstram Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001):

Vários relatórios do adido Monteiro Lobato versam sobre o potencial de algumas riquezas naturais brasileiras, cuja produção ele julgava possível implementar e racionalizar, enquadrando-a nos padrões de qualidade exigidos pelo consumidor norte-americano. Era o caso das sementes oleaginosas, em cujo *ranking* mundiais de exportadores, o Brasil ocupava o oitavo lugar, com apenas 6% através do fornecimento quase exclusivo de mamona. Para Lobato, isso significava muito pouco, já que poderíamos desenvolver não só a cultura de mamona como criar outras, tirando partido dos vastos coqueirais.[...] (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.228-230)

Como afirma Lobato “muitos desses óleos podem ser produzidos no Brasil, principalmente o de coco e o de babaçu, cuja exportação para cá é praticável e suscetível de grande incremento” (LOBATO *apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.230)

Lobato foi um grande admirador de Henry Ford, e nele encontrou, de certa forma, o que acreditava ser a resposta para os problemas brasileiros:

[...]Para Lobato, o atraso do país só seria superado pelo trabalho racional e aposta na modernização.  
Sua luta pela adoção de processos científicos em todos os níveis da atividade humana encontrou a síntese em Henry Ford.[...] (CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.205)

Ao tratarem do prefácio escrito por Lobato para *Minha vida e minha obra*, de Henry Ford que Lobato traduziu a lançou por sua editora, Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001) escrevem:

O modelo sonhado por Monteiro Lobato – e que, a seu ver, as iniciativas de Henry Ford tão brilhantemente personificavam – inseria-se em um tipo de capitalismo onde os os conceitos marxistas clássicos de mais-valia e luta de classes estavam fora de cogitação. “Indústria não é, como se pensava, um meio empírico de ganhar dinheiro; é o meio científico de transformar os bens naturais da terra em utilidades de proveito geral, com proveito geral.” Neste paradigma, o fim visado não é o lucro, mas o bem comum; não é a exploração, mas a felicidade do operário; não é enganar o consumismo, mas melhorar o nível de vida da coletividade. Não é, enfim, a acumulação financeira a qualquer preço, mas a resolução das mazelas que afligem o planeta. (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.206)

É após uma visita ao complexo industrial da Ford, em Detroit, E.U.A, que “a crença de Lobato na otimização dos recursos humanos como alavanca do desenvolvimento, capaz de corrigir as questões sociais mais graves, foi definitivamente consolidada” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.210).

Como descrito em Azevedo, Camargo e Sacchetta (2001), ao deixar o cargo de adido comercial, do qual fora destituído por Decreto do Governo Provisório, Lobato escreve para Getúlio Vargas, que com a vitória na Revolução de 30 tornara-se chefe de governo, concluindo serem o ferro, o combustível e o trigo os problemas nacionais, e cuja não exploração afetava negativamente nossa economia. Sobre o ferro Lobato escreve que “a primeira significação do ferro é transporte; transporte significa mobilização de reservas naturais; mobilização de reservas naturais significa desenvolvimento econômico ou riqueza” (LOBATO *apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.232).

Sobre a revolução de 30, ocorrida no Brasil, Bruno (1982) escreve que, para Lobato, ela não alteraria a infraestrutura brasileira, sendo que apenas o ferro e o petróleo resolveriam os problemas do país, que para ele eram apenas econômicos e não de outras ordens.

Lobato interessara-se pelas inovações no processo siderúrgico desenvolvido por Mr. W. H. Smith, antigo engenheiro e diretor da *Ford Motor Company*, o qual descreve, assim como a suas vantagens, a seguir:

Esse forno trabalha com metade do calor necessário aos altos fornos e não funde o minério; transforma-o em uma massa esponjosa, friável, que se reduz a pó facilmente e da qual o ferro é extraído por separação magnética. Como agente redutor, cessa a necessidade de coque. Qualquer fonte de carbono serve[...] (LOBATO *apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.255)

Lobato, então, uniu-se a Fortunato Bulcão para “ferrar o Brasil”:

[...] colocar em prática seu plano obstinado de “ferrar o Brasil”, isto é, de produzir o ferro segundo o processo Smith para construir as máquinas e instrumentos necessários ao seu sonho desenvolvimentista.[...]  
 [...]A vantagem para o Brasil “residia na possibilidade do aproveitamento, como agentes redutores, não só dos clássicos carvão vegetal, lenha, turfa, coque, argila xistosa ou madeira de lei, mas, principalmente, de fontes alternativas de energia como bagaço de cana-de-açúcar, casca de grão de café e coco de babaçu” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.255-256)

Chiaradia (2008) alerta para a consideração de Lobato para os combustíveis alternativos, relacionando-a a uma “precoce visão da importância dos biocombustíveis”:

Em menos de um ano, Lobato conheceu a *Ford* e a *General Motors* e se impressionou muitíssimo com o aço Smith, produzido em fornos de baixa calorimetria. Passa a ser um entusiasta da modernidade – que, para ele, também inclui o domínio de novas tecnologias – e escreve a alguns amigos, como Arthur Neiva e Francisco de Assis Inglesias, falando sobre as vantagens da adoção, pelo Brasil, do novo método de transformar ferro em aço. No final de 1928, em seu balancete sobre o comércio Brasil-Estados Unidos, Lobato chama a atenção do governo para combustíveis alternativos, como o babaçu, no que hoje pode ser lido como uma precoce visão da importância dos *biocombustíveis*.(CHIARADIA, 2008, p.362, grifo da autora).

Lobato via no processo descoberto por Smith a solução para o problema siderúrgico brasileiro, e, em 1931, juntamente com Bulcão e diante da indefinição do governo, constitui o *Sindicato Nacional de Indústria e Comércio*, que “visava dar prosseguimento às negociações para a instalação, no país, do método de ferro frio patenteado pela *General Reduction Corporation*” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.258). No entanto, como concluem esses autores, “a saga do ferro, pela qual Lobato empenhara-se com uma pertinácia quixotesca, perdia-se nas engrenagens do Estado, sufocada por interesses poderosos”(p.260).

Sem desistir de envolver-se na luta pelo desenvolvimento brasileiro, Monteiro Lobato iniciou, posteriormente, sua campanha pela exploração do petróleo.

Como escrevem Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001) acerca das idéias de Lobato, “quanto mais um país explorasse carvão, ferro e petróleo, mais do desenvolvimento industrial, melhores seriam suas condições econômicas e, conseqüentemente, maior liberdade e poder adquiriria no contexto mundial” (p.270). Era necessário independência política para que o país pudesse explorar e usufruir de suas riquezas, assim como a democracia tornava-se essencial para o desenvolvimento. Com este pensamento e buscando a independência econômica brasileira, Lobato “empenhará todos os esforços para viabilizar uma estrutura industrial capaz de assegurar o desenvolvimento do Brasil” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.270)

Acreditando na existência de petróleo no Brasil, e que sua exploração traria a independência econômica e o desenvolvimento brasileiro, em 1931 Lobato lançou a *Companhia Petróleos do Brasil*, que fazia prospecção em Araquá, no município de São Pedro – SP, e ligaria-se a outras companhias. Em sua nova empreitada, “satisfeito com os primeiros resultados, Lobato percorre o país divulgando o andamento das últimas

descobertas. O importante era imitar os americanos, mobilizando as riquezas do subsolo” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.275).

Aparentemente, ferro e petróleo formariam um “círculo vicioso” para o desenvolvimento. É o que pode ser percebido nas palavras de Lobato: “transformar as pedras em ferro, transformar o ferro em máquinas e extrair do seio da terra esse petróleo que move as máquinas” (LOBATO *apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.270).

Em 1935, de acordo com esses autores:

[...]por intermédio de Ronald de Carvalho, secretário da Presidência e seu amigo, reitera a Getúlio Vargas os termos de um relato confidencial denunciando manobras da Standard Oil. A multinacional, segundo Lobato, pretendia assenhorar-se dos melhores lençóis petrolíferos brasileiros, através da filial argentina.[...] (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.279)

A situação agravou-se pela conivência governamental, e a Lei de Minas atenderia aos interesses da corporação estrangeira. Em seu livro *O Escândalo do Petróleo*, Lobato denunciou os entraves colocados nas tentativas de exploração do petróleo nacional. Estava ele “convencido de que os trustes tudo fariam para sabotar o petróleo brasileiro” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.286).

Sobre a luta de Monteiro Lobato em defesa da exploração do petróleo brasileiro, Mário Donato (1982) escreve:

Todos neste país sabem o que foi a luta de Lobato para dar ferro e petróleo ao Brasil. Coisa de sonhador? Nunca: sonho de homem prático. Se não deu petróleo com suas companhias, mobilizou a consciência nacional em favor da prospecção, e a Providência, fazendo-lhe justiça, fez jorrar o precioso combustível, pela primeira vez, na localidade de Lobato, no Recôncavo Baiano. (DONATO, 1982, p.118).

E foi justamente em reconhecimento de sua luta pelo petróleo nacional que o primeiro núcleo de exploração petrolífera ganhara seu nome (BRUNO,1982).

As tentativas para tornar o Brasil independente na exploração do ferro e petróleo foram prejudicadas pelo golpe de 1937, que instituiu o Estado Novo. Sem poder manifestar-se na imprensa em razão da ditadura que se estabelecera, Lobato escreveu a governantes e prosseguiu com suas denúncias quanto aos impedimentos para a

conquista da independência econômica nacional. Assim, “gera polêmica no seio do governo e suscita a ira de alguns dirigentes do Estado Novo” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.294).

Essa tensão resultaria na detenção de Monteiro Lobato, em janeiro de 1941. No inquérito policial, o motivo apontado para tal fato fora a tentativa de desmoralização, sem apresentação de provas das acusações, ao Conselho Nacional de Petróleo (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001). O real motivo, no entanto, como apontam os autores de *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*, teriam sido suas críticas à ditadura em um artigo-entrevista de 1940, que teria “furado, em nível internacional, o cerco do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda” (2001, p.297).

Lobato permaneceu detido por apenas quatro dias, mas o processo continuou. Em 19 de março de 1941 foi novamente detido, enquadrado, então,

[...]no art. 3º, inciso 25, do Decreto-Lei n.431/1938 – conhecido como Lei de Segurança Nacional -, que punia com penas de seis meses a dois anos de prisão quem injuriasse “os poderes públicos, ou os agentes que os exercem, por meio de palavras[...]”(AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.298)

Tivera a prisão preventiva decretada quando, sem saber que o Tribunal de Segurança Nacional trabalhava para tentar culpá-lo, tentara viajar para a Argentina.

A segunda permanência na prisão se deu de forma mais tranqüila para Lobato, pois agora lhe era permitido manter comunicação com amigos e familiares, recebendo visitas. Brincava, inclusive, ser grato à Vargas pelo repouso do qual pode desfrutar (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001). Em 8 de abril foi absolvido, porém, houve recorrência à instância superior.

Lobato animou-se com a vitória inicial pois, além de ver desmoralizado o Conselho do Petróleo, com a repercussão de seu caso colocava-se novamente em discussão e evidência a questão do petróleo (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001)

Em 20 de maio de 1941, contrariando as expectativas, Lobato foi declarado culpado. Através de escutas telefônicas utilizadas para incriminá-lo, houve consideração de que

[...]o escritor tinha a intenção de obter a revogação do ato CNP, proibitivo do funcionamento das companhias a que se achava vinculado,”com a pleiteada ruína de uma instituição nacional e a degradação moral dos seus membros” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.305).

Na verdade, segundo esses autores, a nova condenação teria sido motivada por carta enviada por Lobato ao general Horta Barbosa, após sua absolvição, e duas cartas enviadas à Getúlio Vargas, a segunda em 19 de abril; todas escritas no estilo lobatiano, dotadas de críticas e ironias, e expressando seu real pensamento. Foi condenado, então, a 6 meses de prisão. Três meses depois, lhe foi concedido indulto, graças à luta de amigos, intelectuais e familiares. A perseguição a Lobato, no entanto, permaneceu. Aos seus livros infantis, em específico *Peter Pan*, foi atribuído conteúdo subversivo, devendo sair de circulação (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001).

De acordo com Peixoto (1982) teriam sido suas divergências com Getúlio Vargas, também, o real motivo pelo qual Lobato recusara a concorrência à vaga para a Academia Brasileira de Letras, em 1944. Conforme Lobato alega:

É apenas coerência; lealdade para comigo mesmo e para com os próprios signatários; reconhecimento público de que rebelde nasci e rebelde pretendo morrer. Pouco social que sou, a simples idéia de me ter feito acadêmico por agência minha me desassossegaria, me perturbaria o doce nirvanismo ledó e cego em que caí e me é o clima favorável à idade. (LOBATO *apud* PEIXOTO, 1982, p.103-104).

Porém, segundo esse autor, a verdadeira recusa estava em não querer estar ao lado de Getúlio Vargas na Academia.

Artur Neves, citado por Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001), aponta os anos de 1941 a 1945 como difícil período da vida do escritor, pela perda de seu filho Edgard, e por ser “nessa época que se vê obrigado a acompanhar, numa revolta surda, o enervante processo de liquidação das companhias que havia fundado com tantos sacrifícios” (NEVES *apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.333), que como afirmam Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001), alude “às empresas petrolíferas do escritor que sucumbiram diante da pressão dos monopólios estrangeiros e escassez de capital para investimento” (p.333). As dificuldades seriam, também, provocadas pelo cenário criado pela ditadura do Estado Novo, que lhe tirou, inclusive, a liberdade de expressão.

Como afirma Artur Neves, “isolado em sua posição de resistência, contando apenas com a solidariedade e o apoio de pouquíssimos amigos, Lobato deixa transparecer em todos os escritos daquele período um profundo ceticismo” (NEVES *apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.336). Encontrava-se, então, desiludido e com a saúde debilitada.

Foi a perda dos filhos, Guilherme em 1938 e Edgard em 1943, que segundo Everardo Tibiriçá, com subsídios do testemunho de Antonio Augusto, zelador do prédio da Livraria Brasiliense, em que Lobato residira ao retornar da Argentina, levara Monteiro Lobato a uma aproximação com a Doutrina Espírita: “costumava Lobato, ao comentar o desaparecimento de Edgard e Guilherme, ser essa a causa de haver abraçado a doutrina espírita” (TIBIRIÇÁ, 1982, p.217).

No período a que se referira Artur Neves, Lobato rompeu com a União Cultural Brasil-Estados Unidos, motivado pela incoerência do país norte-americano em lutar contra o facismo europeu mas apoiar o facismo no Brasil. Em 1945, tornou-se diretor do Instituto Cultural Brasil-URSS, e foi convidado a compor a chapa do Partido Comunista. Recusou o convite,

[...]sem disposição para se filiar a qualquer organização política [...] mas não se furta a saudar Luís Carlos Prestes por ocasião do comício realizado no Estádio do Pacaembu, em 15 de julho, reunindo mais de 130 mil pessoas. (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.338).

Em 1946, mudou-se para a Argentina, onde sua obra infantil fez grande sucesso. Lá, fundou a *Editorial Acteon*, e declarou aos amigos estar feliz no novo país de morada.

Em 1947 retornou ao Brasil, já desferindo largas críticas às ações do governo Dutra. Foi neste período que surgiu *Zé Brasil*, obra em que

[...]o Jeca Tatu indolente de ‘Uma velha praga’, que depois se transformara em vítima de endemias crônicas no *Problema vital*, agora surgia como um trabalhador sem terra [...] capaz de lutar por uma estrutura fundiária mais justa. (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.347).

Na obra de Henry George, Lobato encontrou, naquele momento, resposta aos problemas nacionais. “No Georgismo todos os homens têm direitos iguais ao uso e

gozo do ar, da água e da terra. Mas cada homem tem direito exclusivo ao que produz com o seu trabalho” (LOBATO *apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.350). Segundo os autores, “a grande vantagem, portanto, do Georgismo, seria justamente efetivar uma reforma agrária sem necessidade de alterar a ordem social vigente” (p.350).

Segundo Bruno (1982), “nos últimos tempos de sua existência Monteiro Lobato fez uma profissão de fé no socialismo de que se mostrava adepto no tempo da Academia de Direito” (p.79).

Em abril de 1948, Lobato sofreu um espasmo vascular cerebral, que afetou suas funções de leitura e escrita; teve boa recuperação, porém, em 4 de julho de 1948, sofreu um segundo espasmo, falecendo.

Reservou-se para este momento deste trabalho a discussão sobre aquele em que, talvez, seja o campo em que Monteiro Lobato figure de forma mais marcante: sua literatura infantil.

A importância de Lobato para a literatura brasileira ganhou maiores dimensões em decorrência de sua literatura infantil e a criação dos personagens do *Sítio do Picapau Amarelo*. Como afirma Sandroni (2002), “Lobato é considerado o pai da nossa literatura infantil” (p.85). É movido pelo pensamento de contribuir para as transformações necessárias para a construção do futuro brasileiro que Lobato se dedicará a escrever para crianças: “capitando a lógica e a estrutura do pensamento infantil, Lobato falava não *para* elas, mas *como e no lugar delas*” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.312, grifo dos autores).

A respeito da importância do escritor para o gênero infantil, Moneta (1982) escreve:

Como já afirmei a princípio, Monteiro Lobato é o grande pioneiro de idéias fundamentais para o desenvolvimento nacional. É também o incomparável escritor para adultos, profundamente conhecedor e crítico de nossa realidade social. Mas é especialmente sua obra infantil que tem feito o enlevo e o encanto de incontáveis gerações de crianças, não apenas brasileiras, visto que a criação infantil lobatiana tem sido traduzida em várias partes do mundo ocidental e oriental.

Divertindo e ao mesmo tempo transmitindo conhecimentos indispensáveis à boa formação geral da criança, Lobato não pode deixar de ser considerado a maior figura de nossa literatura infantil, sem prejuízo de outras qualidades

igualmente importantes como cidadão participante de seu tempo e merecedoras de admiração e respeito por parte da gente brasileira. (MONETA, 1982, p.198)

Sua literatura infantil, e o surgimento do *Sítio do Picapau Amarelo*, de acordo com Cavalheiro (1966), têm seu gremem em *História do Peixinho que morreu afogado*, que Lobato escrevera estando inquieto com a história que ouvira de Toledo Malta em um intervalo entre partidas de xadrez. Nela, um peixinho morreu afogado por desaprender a nadar. Pouco depois, escreveria *Menina do Narizinho Arrebitado* (1921), que juntamente com suas publicações posteriores, representariam “uma revolução nos meios editoriais” (CAVALHEIRO, 1966, p.43).

Segundo Cavalheiro (1966), o sucesso se daria em razão de aspectos como: o fato de tratar-se de uma narrativa objetiva, por partir “do princípio de que tudo é maravilhoso para a criança, dentro do universo da criança” (p.44) e considerar “muito logicamente, que nada existe de impossível ou de irrealizável, para ela” (p.44), e pelo “nenhum intuito moralizador” (p.46), mas sim de ensinar. Lobato transmitia, em suas obras, “uma série de valores e ensinava as crianças a refletir” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.317).

Havia uma relação afetuosa e de estreitos laços com seu público infantil, como exemplificam inúmeras cartas trocadas por ambos, que demonstram as opiniões e sugestões sobre os enredos, o desejo dos leitores em conhecerem Lobato pessoalmente e seus personagens, e até mesmo tornarem-se personagens dos livros lobatianos, entre outros assuntos. As cartas eram sempre respondidas com muita atenção pelo próprio autor.

Em seus últimos anos de vida, Lobato diz arrepende-se de não ter se dedicado mais à literatura infantil, julgando ter desperdiçado seu tempo com as questões nacionais em que não obtivera êxito. Apesar disso, Lobato nunca abandonara inteiramente essas causas, mesmo desiludido com as derrotas sofridas (Cavalheiro, 1966).

Como seria a retrospectiva da vida do autor, se escrita pelo próprio Lobato? Em Azevedo, Camargos e Sacchetta (2001) é possível vislumbrar uma pequena biografia, de sua autoria; texto bem humorado, foi publicado em *A Novela Semanal*, em 1921:

Nasceu em Taubaté, aos 18 de abril de...1884 [na verdade 1882]. Mamou até 87. Falou tarde, e ouviu pela primeira vez, aos 5 anos, um célebre ditado: 'Cavalo pangaré/Mulher que ... em pé/ Gente de Taubaté/ *Dominuslibera mé*'. Concordou.

Depois teve caxumba aos 9 anos. Sarampo aos 10. Tosse comprida aos 11. Primeiras espinhas aos 15.

Gostava de livros. Leu o *Carlos Magno e os doze pares de França*, o *Robinson Crusóé*, e todo o Júlio Verne.

Metido em colégio, foi um aluno nem bom nem mau – apagado. Tomou bomba em exame de português, dada pelo Freire. Insistiu. Formou-se em Direito, com um simplesmente no 4º ano – merecidíssimo. Foi promotor em Areias, mas não promoveu coisa nenhuma. Não tinha jeito para a chicana e abandonou o anel de rubi (que nunca usou no dedo, aliás).

Fez-se fazendeiro. Gramou café a 4.200 a arroba e feijão a 4.000 o alqueire. Convenceu-se a tempo que isso de ser produtor é sinônimo de ser imbecil e mudou de classe. Passou ao paraíso dos intermediários. Fez-se negociante, matriculadíssimo. Começou editando a si próprio e acabou editando aos outros. Escreveu umas tantas lorotas que se vendem – *Urupês*, gênero de grande saída, *Cidades Mortas*, *Idéias de Jeca Tatu*, subprodutos, *Problema vital*, *Negrinha*, *Narizinho*. Pretende publicar ainda um romance sensacional que começa por um tiro:

- Pum! E o infame cai redondamente morto...

Nesse romance introduzirá uma novidade de grande alcance, qual seja, a de suprimir todos os pedaços que o leitor pula.

Particularidades: não faz nem entende de versos, nem tentou o *raid* a Buenos Aires.

Físico: lindo! (LOBATO *apud* AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.17-18).

Lobato questionara, sentindo a aproximação da chegada ao fim de seus dias, se a morte seria vírgula, ponto e virgula, ou ponto final (Cavalheiro, 1966). Diante da importância deste homem aqui apresentado, de marcante trajetória em tantos cenários da vida brasileira e da vida pessoal de muitos de seus leitores, termina-se esta biografia sugerindo que a morte de Monteiro Lobato fora apenas reticências...

Direcionando, a partir deste ponto, nossa pesquisa mais especificamente à temática por ela proposta, a saber, a investigação acerca das concepções de natureza e da relação sociedade-natureza no pensamento de Monteiro Lobato, afirma-se que, no tocante à aproximação de Lobato aos demais elementos da natureza, é possível perceber, a partir dos apontamentos realizados por alguns de seus biógrafos, que o contato direto de Lobato com a natureza se dera de forma marcante e prazerosa em sua vida, desde a infância. Essas marcas parecem emergir quando, ao desenvolver o que seria “A história do peixinho que morreu afogado”,

[...]Lobato reaviva suas lembranças dos tempos de menino, repletas de cenas da roça onde passara a infância. E, assim inspirado, lançou a primeira versão

de 'A menina do narizinho arrebitado' (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p.157).

Como apresenta Sandroni (2002):

Lobatinho teve uma infância bem parecida com a de Narizinho: com muito verde, muito pé de jabuticaba, ribeirão. Fez caçadas e pescarias como Pedrinho, adorava ler na biblioteca do avô, como o Visconde de Sabugosa e...era teimoso e mandão como a Emília.(SANDRONI, 2002, p.13).

Na mesma obra, destaca-se um excerto que revela, na idade adulta, o estabelecimento de uma relação igualmente prazerosa e de exaltação dos demais elementos da natureza:

Com a morte do avô, Lobato recebeu de herança a Fazenda São José do Buquira – na língua dos índios, buquira significa “rio dos pássaros”. Era uma propriedade de dois mil alqueires, terra que não acabava mais. A casa da fazenda era um casarão de oitenta janelas e portas onde poderiam morar mais cinco famílias. A natureza lá era exuberante: matas, rios, cachoeiras. Lobato e a família despertavam com o canto dos pássaros. Ele montava sua égua moura pela manhã e ia tomar um belo banho de cachoeira. E foi assim, encantado pelo lugar, que ele decidiu conciliar as suas paixões: a de escritor e a mais recente, de fazendeiro.[...] (SANDRONI, 2002, p.46-47)

Em artigo escrito por Dantas (1982)<sup>4</sup>, vincula-se Monteiro Lobato à “luta pela ecologia”:

Abraçando a luta social e política, o desafio à ditadura da época, todo empenhado em causas públicas ou em problemas coletivos, como descoberta do petróleo, defesa da saúde, luta pela industrialização, siderurgia, *ecologia*, independência econômica do País, Monteiro Lobato, mais do que um profeta social, foi um pioneiro em tudo. (DANTAS, p.23, grifo meu)

No mesmo texto, mais adiante, como um “pensador ecológico” que lutara na defesa do meio ambiente:

Lobato amava as denúncias, Lobato gostava das queixas e reclamações, sendo através de uma delas, que se tornou escritor. Lobato era um pensador digno, era um *pensador ecológico*, um escritor que amava e defendia a natureza, o verde das nossas matas destruídas pelas velhas e novas pragas [...] (DANTAS, p.33, grifo meu).

---

<sup>4</sup> Obra composta por depoimentos, em edição comemorativa do centenário de nascimento de Monteiro Lobato.

Em Marinho (1982), o sítio em que vivem os personagens de Monteiro Lobato, do *Sítio do Picapau Amarelo*, é apresentado como modelo de perfeita e harmoniosa relação dos seres humanos entre si, e destes com os demais seres da natureza:

O Sítio do Picapau Amarelo é o protagonista fundamental da saga, grupo de pessoas que não agem isoladamente, é *uma enturmação*, e lugar em si, moradia, sítio, com as suas peculiaridades arquitetônicas e de natureza (as jabuticabeiras, a floresta, a varanda, as galinhas, o pinto Sura, a vaca Mocha, o clima, o mês do ano, os marimbondos, os insetos, o riacho, os passarinhos, etc).

[...]

O sítio realiza o sonho dos ecólogos e arquitetos: a adequação perfeita das pessoas entre si, com a natureza e com o lugar de moradia.”(MARINHO, 1982, p.190, grifo do autor)

São os questionamentos acerca das concepções de natureza, bem como da relação sociedade-natureza, e sua coexistência com os ideais de desenvolvimento brasileiro vislumbrados por Monteiro Lobato, que serão abordados nos capítulos a seguir.

## 2. O HOMEM NA OBRA DE LOBATO: BREVE APONTAMENTO

Monteiro Lobato desferiu duras críticas à espécie humana, predominando uma visão negativa de homem em suas obras.

Em *A barca de Gleyre*, 1º tomo, Lobato escreve à Rangel:

A obra capital da minha literatura, Rangel, o porco macho da ninhada, é ideia muito velha em minha cabeça: o homem visto por um não-homem – e para comodidade este não-homem pode ser a alma duma montanha. Livro fragmentario. Impressões. Jactos. Manchas. Notas dum não-homem. Tenho algumas e mandarei para que ajuizes.(LOBATO, M.,1956a, p.366)

É interessante notar a intenção de Lobato de criar uma visão do homem por um não-homem<sup>5</sup>, como se lhe fosse possível observar sua própria espécie de uma perspectiva diferente, sem o viés de ser humano. Como seria este homem?

Em alguns momentos de sua obra, Lobato refere-se a uma “natureza humana”, como em *Condes...*, de *Onda Verde*,

Mas vem a Republica e entende de revogar a natureza humana decretando a planicie geral.

[...]

Ingenua Republica! Falhou nisto como falhará em tudo quanto faz contra os pendores irresistiveis da natureza humana.(LOBATO,M., 1956c, p.90)

e em *O 22 da Marajo*, da mesma obra:

Esse delirio que por aí vai pelo futebol tem seus fundamentos na propria natureza humana. O espetaculo da luta sempre foi o maior encanto do homem; e o prazer da vitoria, pessoal ou do partido, foi, é e será a ambrosia dos deuses manipulada na terra.(LOBATO,M., 1956c, p.109)

A respeito da existência de “uma natureza humana”, Chauí (2005) afirma que os humanos são sociais ou históricos, e inexistente um “gênero humano natural”:

---

<sup>5</sup> À presente pesquisa foge a informação de que tal obra tenha realmente sido escrita e quais impressões estariam nela presentes.

Poderíamos examinar muito do que dizemos ou ouvimos em nosso cotidiano notando o quanto naturalizamos os seres humanos, naturalizamos seus comportamentos, idéias, valores, formas de viver e de agir. Veríamos então como, em cada caso, os fatos desmentem tal naturalização. Veríamos como os seres humanos variam em consequência das condições sociais, econômicas, políticas, históricas em que vivem. Veríamos que somos seres cuja ação determina nosso modo de ser, agir e pensar e que a idéia de um gênero humano natural e de espécies humanas naturais não possui fundamento na realidade. Veríamos que a idéia de natureza humana como algo universal, intemporal e existente em si e por si mesma não se sustenta. Por quê? Porque os seres humanos são culturais ou históricos.(CHAUÍ, 2005, p.244)

Os posicionamentos de Lobato divergem desta afirmação de Chauí ao naturalizar o ser cultural que é o homem, assim como ao defender, como fez em excertos que serão posteriormente apresentados nesta pesquisa, um ser humano que conservasse a harmonia com o meio guiado pelo instinto, sem sua capacidade de raciocinar. Vale lembrar que, em uma perspectiva socio-ambiental, a cultura humana interfere de maneira positiva no meio ambiente, assim como este influencia na construção da cultura. É uma relação de interdependência, na qual considera-se e respeita um homem cuja natureza é cultural (GONÇALVES, 1998), e que esta característica não o torna um ser alheio à natureza.

Em alguns momentos, como em *A cegueira naval*, de *Opiniões* (do volume *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*), Lobato faz referências a processos evolutivos, aparentemente com certo sarcasmo ou ironia, remetendo-nos a idéias difundidas na Grécia antiga:

[...]O que se vê á tona das aguas corresponde ao telhado; a massa maior do monstro de ferro só se visibiliza para os peixes – que muito se hão de admirar do engenho dos seus netos. Sim. O *Homo sapiens*, pelo transformismo, procede dos peixes. No “amphioxus” está um dos nossos avós – donde não passar de puro canibalismo retrospectivo o comermos uma simples pescada de escabeche...(LOBATO,M., 1956g, p.155)

Já em *Prefacio ao Afinal, Quem Somos?* de *Pedro Granja*, de *Prefácios*, Lobato questiona o que na verdade somos, o que é o homem, um ser tão contraditório, dotado em alguns casos de bons sentimentos e boas ações, e noutros, agente de terríveis posicionamentos, atitudes e sentimentos maléficos. Coloca em dúvida a própria condição do homem de ser “gente”, diante das atrocidades das quais é capaz de cometer.

O homem talvez seja apenas uma “coisa viva”, cheia de contradições. Um ser ao qual é colocada uma condição de evoluir enquanto houver condições para a vida orgânica na Terra:

[...] AFINAL, QUEM SOMOS? é o título da obra, e já aí sofro o primeiro esbarro. Eu poria, AFINAL, *QUE SOMOS?* O “quem” da primeira pergunta indica que somos gente – mas seremos gente, Pedro Granja? Os horrores de Dachau e Buchenwald me deixam incerto. Talvez sejamos apenas coisas vivas. E neste caso a pergunta seria: “Que coisa, na ordem universal, é esse bichinho que ora se revela como São Francisco de Assis, a pregar amor aos peixes em vez de pesca-los, ora como aquela Irma Griese que num campo de concentração nazista amarrava as pernas das prisioneiras grávidas, para que morressem nas dores horrendas de um parto impossível? Que coisa é esse estranho bichinho que aprimora a inteligência até ao ponto de desintegrar o invisível átomo, e depois vai com a bomba atômica destruir cidades habitadas por dezenas de milhares de irmãos inocentes de qualquer crime?  
O transformismo define esse vertebrado como um pouco de protoplasma que foi evoluindo em certo sentido, está hoje no estágio do *Homo sapiens* e continuará evoluindo enquanto houver no planeta condições para a vida orgânica. (LOBATO, M., 1956, p.123-124, grifo do autor)

O homem permanece ao longo dos tempos, segundo afirma Lobato em *História do Mundo para Crianças*, capítulo *A era dos milagres*, um animal estúpido, cujas invenções nada modificam a “Estupidez Humana”. Com a superação deste seu estado no qual será “vencida pela força da Bondade e da Inteligência”, viriam melhores tempos para a humanidade:

- Mas será que as invenções melhoram a vida, vovó? – perguntou a menina.  
- Melhoram a vida, sim, embora não melhorem o homem. A nossa vida hoje podemos dizer que é riquíssima, se a compararmos com a de um século atrás. Entretanto o homem é o mesmo animal estúpido de todos os tempos. Abra o jornal e leia os principais telegramas. Só falam em miséria, em crimes, em guerras. A humanidade continua a sofrer dos mesmos males de outrora – tudo porque a força da Estupidez Humana ainda não pôde ser vencida pela força da Bondade e da Inteligência. Quando estas ficarem mais fortes do que aquela, então, sim, teremos chegado à Idade de Ouro. (LOBATO, M., [19--]c, p.1734-1736)

Continuando suas críticas às práticas da guerra realizadas pelos homens, Lobato apresenta em *O pai da guerra*, de *Onda Verde*, o ser humano como um parasita da própria espécie, fugindo da normalidade das leis biológicas. A guerra seria o meio pelo qual o homem poderia parasitar os povos vencidos:

O homem inventou uma coisa fora da natureza: o parasitismo na mesma espécie.

O parasitismo é uma lei na vida, mas sempre entre espécies diversas. Na própria, só o caso do homem.

E a guerra é, em última análise, uma simples manifestação desse parasitismo. É o meio violento a que um estado recorre para escravizar os povos mais fracos e aparasitar-se neles, vivendo-lhes à custa do sangue.(LOBATO,M., 1956c, p.53)

Em *De São Paulo a Cuiabá*, de *Miscelânea*, Lobato apresenta o homem, no caso específico o Bandeirante, como criatura tomada a “emoções primitivas”, impulsionado pelo prazer da caça, seja ela animal ou humana; é um “animal de presa”, para quem perseguir e matar significa prazer, transformado, inclusive, em uma atividade lucrativa.

O bandeirantismo era negócio e esporte a um tempo; o esporte da caça com todas as suas emoções primitivistas e o negócio de enriquecer depressa. Animal de presa que é o homem, nada o seduz tanto quanto a caça seja de veados ou de gente. Perseguir uma criatura viva, mata-la, que delícia! Pega-la viva no sertão para vendê-la no litoral, que negócio! (LOBATO,M., 1956h, p.258)

O homem seria, também, pejorativamente associado ao lobo, como faz em *Uma história de mil anos*, de *Negrinha*, ao questionar, por meio de uma personagem: “Vingará Vidinha, solta no mundo em meio da alcateia humana?”(1956j, p.136).

No entanto, este homem que Lobato adjetiva, ora negativa ora positivamente, ou até mesmo sem julgamento de valor, não é um homem sem variações dentro da própria espécie. Apesar de referir-se em *Um romancista argentino*, de *Idéias de Jeca Tatu*, que “o homem é o mesmo em toda parte” (1956f, p.206), o caipira é apresentado como homem inferior, ainda em estado latente, em *Um fato*, de *Problema Vital*:

A nossa gente rural possui ótimas qualidades de resistência e adaptação. É boa por índole, meiga e docil. O pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português o espanhol.

Mas é um homem em estado latente.

[...]

O caipira não “é” assim. “Está” assim.(LOBATO,M., 1956f, p.285)

Em *Idéias de velho*, de *Mundo da Lua*, esta mesma inferioridade aparece, quando, subdividindo os homens, classifica o “caipira” na categoria de “bicho”:

Um velhinho hoje, extremamente original nas ideias. Dá sobre tudo opiniões só suas. Como se queixasse de doenças varias, perguntei-lhe se consultara medico. Riu-se.

- Você concebe relojoeiro que conserta relógio pelo buraco da chave?

Os relógios do tempo dele eram de chave.

Falamos de mil coisas e por fim do caipira. Aqui propôs-me uma adivinhação: qual o bicho mais parecido com o homem!

- O macaco.

- Não. É o caipira. Tem olhos, tem pernas, tem voz articulada como o homem, e no entanto é bicho! (LOBATO, M., 1956h, p. 68)

Poderia este aspecto remeter-nos ao período histórico em que pessoas afastadas do “civilizado”, cultural e socialmente aceito, ganhavam correspondência ao natural, que era sinônimo de inferioridade, do selvagem, do bruto, e por isso, mereciam um tratamento inferior?

Como escreve Thomas (2001b): “se a essência da humanidade era definida como consistindo em alguma qualidade específica, seguia-se então que qualquer homem que não demonstrasse tal qualidade seria sub-humano ou semi-animal” (p.49).

No capítulo XXVII de *América*, apesar de citar Nietzsche, o homem valorizado por Lobato não seria o mesmo “homem natural” idealizado por Rousseau?

As crianças...Creio que foi Dumas quem disse ser estranho como duns animaisinhos tão inteligentes sai o estúpido bicho que é o homem adulto. Sim, sim. Tem razão. O lindo da criança, o ultra lindo das crianças está em que são naturais. Como o crescer mete-se a educação a fazer do animalzinho natural o animalejo social. Educar vale dizer socializar, isto é, artificializar. Daí a estupidez adulta. Educação...Meio de arruinar a exceção em proveito da regra, disse Nietzsche. Meio de destruir a coisa única que dá valor: - personalidade, individualidade. Mas...(LOBATO, M., 1956d, p.211)

Como se pode perceber, a criança, em oposição ao adulto, está mais próxima do natural. A educação é, então, a fonte dos males, a que transforma o “animalzinho natural” no “animalejo social”, sendo ela o processo pelo qual é possível artificializar. Isso seria o equivalente a dizer que, em um modelo em que o natural é o ideal, educar significa afastar o homem deste estado.

Quanto à ligação do homem à natureza, ela se daria pelo instinto, como afirma em *Rabulices*, de *Cidades Mortas*:

Nos dias de Juri reúnem-se os advogados e rabulas na ante-sala do tribunal, os primeiros a virem, os últimos a saírem, como gente que procura gozar, bem

gozado, um ambiente poucas vezes fornecido pelas circunstâncias. E, como peixes n'água, á vontade, dão trela á comichão mexeriqueira da rabulice, esquecendo-se em interminável prosa sobre processos, atos judiciais, movimento forense, nomeações, negócios profissionais, pilherias jurídicas.

As cabeças estão abarrotadas de leis, regulamentos, decretos e fatos jurídicos, de modo a só tomarem conhecimento das relações entre o fato e a lei escrita, e nunca entre o fato e a lei natural – o que é próprio do filósofo. Na natureza só vêm coisas fungíveis, infungíveis, moveis, imoveis, semoventes, bens, *res nullius*, artigos de *enfiteuse* – a carne e o osso, enfim, da propriedade. Essa janelinha que o artista e o filósofo trazem aberta para a natureza bruta, ou para a humanidade, vistas, uma como turbilhão de forças em perene esfervilhar, outra como oceano de paixões onde se debate o *Homo* – animal filho da natureza, todo ele vegetação viçosa de instintos irreduzíveis – o homem de leis abre-a para a rede de fios que a Lei trama e destrama, fios que atam os homens entre si ou á Natureza convertida em *propriedade*.

E toda a maranha velhaca que isso é engloba-se dentro da mais bela concepção do idealismo – a Justiça. (LOBATO, M., 1956e, p.23-24, grifo do autor)

Por fim, o homem lobatiano deveria seguir o exemplo de seres da natureza, no caso as formigas, aprendendo com elas a convivência pacífica com sua própria espécie, como aponta em *Reforma da Natureza*:

[...]Dona Benta acha que os homens devem formar no mundo uma coisa assim como as formigas. Elas são de muitas raças, ruivas, pretas, saúvas, sará-sarás, quenquéns etc., mas vivem perfeitamente lado a lado umas das outras sem se guerrearem, sem se destruírem. Se as formigas conseguem isso, por que os homens não conseguirão o mesmo? (LOBATO, M., 1967, p.41)

Lobato expressara a Rangel, em carta já citada no início deste capítulo, seu desejo de escrever uma obra a respeito do homem, visto por um não-homem, quem sabe, por uma montanha... Seria o homem aqui apresentado o mesmo que Lobato descreveria pelos olhos da montanha?

### 3. AS CONCEPÇÕES DE NATUREZA

As concepções de natureza são culturalmente construídas, e é partindo-se delas que se estabelecerão as relações com o meio e os demais seres:

[...]Cada sociedade, de acordo com a sua cultura e com suas condições materiais de existência, constrói, elabora uma idéia de Natureza. A concepção que essa sociedade tem de Natureza será determinante nas relações que serão estabelecidas com a mesma.

Nesse sentido, explicitar a forma como determinada sociedade torna a Natureza presente é de fundamental importância para a compreensão e superação dos impasses gerados pela problemática ambiental.(CAVALARI, 2007, p.02)

Nos escritos de Monteiro Lobato, como já apontado anteriormente na apresentação do autor, é possível entrever certas contradições em seus posicionamentos e concepções, motivados seja por acontecimentos que interferiram no aspecto emocional do autor ou pelo momento histórico vivido que lhe desperta novas convicções.

Tratando-se da análise de obras literárias, em que se pode encontrar tanto retratos fidedignos da realidade quanto criações do autor que lhe não encontre correspondência, torna-se bastante tênue a linha que divide o pensamento do próprio Lobato sobre a natureza e as relações com ela estabelecidas, e os posicionamentos que fazem parte apenas de suas criações literárias. Em alguns momentos, por exemplo, pode-se perceber que as personagens expressam as opiniões do autor; em outros, parece que as idéias por elas expressas fazem parte apenas do contexto criado pela história. Esta dificuldade de identificação amplia-se dada a inconstância do pensamento lobatiano.

Sendo assim, as concepções de natureza identificadas em suas obras são contraditórias entre si. Em alguns momentos revela-se o Lobato profundamente afetado pelo senso estético, para quem o belo e harmonioso conjunto da natureza não deve ser

alterado pelo homem, tamanha sua perfeição e organização. Em outros, aparece o Lobato que vê a natureza como fonte de recursos a serem utilizados, algo que deve ser conhecido e receber as modificações humanas, tanto para um aprimoramento em benefício do natural, como para o próprio ser humano. Assim sendo, a partir das análises realizadas, identificou-se nas obras lobatianas, predominantemente, as concepções utilitarista e romântica da natureza.

Considerando que o período das décadas de 1920 e 1930 compreende grande parte da produção literária de Lobato, a recorrência à concepção utilitarista da natureza poderia refletir as idéias do momento histórico em questão; isto porque, de acordo com os apontamentos de Cavalari (2007), pode-se perceber que esta concepção predominava, também, no ideário educacional da época:

[...]é importante destacar que, apesar do predomínio das concepções antropocêntrica e utilitarista de Natureza, no ideário educacional do período estudado [décadas de 1920 e 1930], já se começava a levantar a necessidade de ações que resultassem na preservação ambiental e no respeito aos animais não-humanos. No entanto, essas ações ocorriam de maneira extremamente tímida. E, em que pese a defesa da “preservação”, o que se pretendia, em última instância, era o bem-estar do homem. (CAVALARI, 2007, p.19)

### **3.1 A dimensão estética, a sabedoria e a superioridade do natural: uma concepção romântica/idílica**

São recorrentes na obra de Monteiro Lobato passagens que revelem uma concepção romântica da natureza. Por esta entende-se, de acordo com Carvalho, I. (2002), uma visão que valorize o meio natural, a natureza selvagem, em detrimento do que é humano, urbano. O natural, sem as interferências humanas, é tomado como ideal estético e moral, sendo adjetivado como algo harmonioso. Partindo-se desta valorização, a interferência humana e a apropriação utilitária da natureza passam, então, a ser largamente criticadas.

Para Crupi (2008) “na concepção romântica a natureza é apresentada como portadora de virtudes exemplares, servindo, muitas vezes, como modelo para os homens no que diz respeito ao comportamento e à moral” (p.89).

Cavalari (2007), ao referir-se à “concepção estética e/ou romântica de Natureza”, escreve:

[...]De acordo com essa concepção, a Natureza é sempre bela, exuberante, apresentada de forma romântica, idealizada. Defende-se que o estudo da Natureza e, principalmente, das flores torna o homem melhor e mais feliz.[...] (CAVALARI, 2007, p.16)

Em pesquisa realizada por Argenton e Cavalari (2001), ao referirem-se à concepção romântica de natureza, as autoras definem:

Segundo essa concepção [...] a natureza é compreendida como algo belo, harmônico e de extrema grandiosidade. No entanto, essa “beleza” é constantemente ameaçada pelo homem, que novamente aparece como agente destrutivo do equilíbrio natural.  
[...]  
Cumpre destacar que nesta concepção é muito freqüente a existência de elementos de caráter emocional e subjetivo.[...] (ARGENTON e CAVALARI, 2001, p.06)

Carvalho, F. (1994) afirma que, de certo modo, nos autores regionalistas pré-modernistas, dentre eles Monteiro Lobato, haverá uma retomada da visão romântica tanto da natureza quanto do próprio homem, opondo-se ao cientificismo característico do Realismo-Naturalismo, em que a compreensão do real dava-se pelo viés científico. Esta visão romântica inclinaria-os a uma “atitude poética ou filosófica, sem querer transformá-los em objeto do conhecimento” (p.57).

São constantes nos textos de Lobato descrições detalhadas dos elementos da natureza, suas ações, o enaltecimento de sua beleza, sua diversidade.

Questiona-se se o escritor conservara dentro de si o olhar do pintor que não pudera ser, considerando-se que cria com seus parágrafos pitorescas imagens, repletas de sensibilidade e admiração pelo mundo que percebe ao seu redor. Neste excerto de *As garças do paraíba*, do volume *Mundo da Lua e Miscelânea*, percebe-se este Lobato que, com grande valorização estética, “pinta” um quadro com palavras:

Abro a janela. Que paisagem! Ceu, serra e vale. Ceu – gaze de purissimo azul translucido. Serra – a Mantiqueira, rude muralha de safira. Vale – o do Paraíba, tapete sem ondulações que lhe enruguem o plaiño.  
Ao longo do vale singra uma pinta branca, vôo de giz sobre a imprimadura azul.

Garça! Reconheço-a logo pela amplitude do vôo. Que maravilha o vôo da garça em manhã assim! Neve sobre azul.

Subito...

- O bando!

Vinham em bando alongado, ora a erguer-se uma, ora a baixar-se outra, estas ganhando a dianteira, aquela atrazando-se. Passam a quilometro da minha janela, tão nitidas que lhes percebo o afluir das asas. Mas...

- Outro bando! E outro, atrás!

E outro bem ao longe!...

Jamais vi tantas, e em tão formoso quadro. Subiam rio acima. Emigravam. Passavam. Passaram... E deixaram-me com a alma tonta de beleza, a sonhar mil coisas, a rever o lindo vôo de cegonhas que Machado de Assis evoca – as cegonhas que das margens do liso partiam para as ribas africanas...(LOBATO,M., 1956h, p.40-41)

Em *A paisagem brasileira*, excerto contido em *Lobatiana: meio ambiente*, e que originalmente faz parte do livro *Idéias de Jeca Tatu*, a riqueza natural é literalmente emoldurada:

Paisagem brasileira é essa tela desdobrada por mais de oito milhões de quilômetros quadrados, na amplitude dos quais a Natureza assume todas as modalidades possíveis – campos nativos, floresta tropical, carrascais, desertos, pântanos, cordilheiras, rios e pampas. (LOBATO,M.,[19--]d, p.19)

À essa capacidade de produzir imagens ou de “pintar com palavras” (p.41), Camargo, L. (2008) refere-se e elenca os procedimentos textuais utilizados por Lobato para criar imagens na mente de seus leitores.

Em *A mata virgem*, do livro *Na antevéspera*, essa natureza é capaz de despertar sensações marcantes para quem tem a possibilidade de entrar em contato com ela, ou, nas palavras do próprio Lobato “a sensação da mata virgem, a inicial, a envolvente, a sensação a que todas as mais se ligam, como as cambiantes se ligam às cores fundamentais, é única e inesquecível” (1956i, p.259).

Como mostra Carvalho, F. (1994) no conto lobatiano *Meu conto de Maupassant*, Lobato também compara a beleza natural à obra de arte. Desta forma, como analisa a autora, a natureza sai do campo do divino e inimitável; porém, o que ela produz espontaneamente, “o homem só conseguiria igualar com genialidade e os recursos da arte ou da técnica” (p.75).

Em carta à Adroaldo Ribeiro da Costa, em 1943, do volume *Cartas Escolhidas* 2º tomo, Lobato (1961b) escreve “não há dúvida, a Natureza é a eterna e inesgotável fonte de tôdas as artes” (p.104).

A atenção voltada ao que é belo confere aos elementos naturais, inclusive, aspectos religiosos. É o que se percebe em excerto retirado do 1º tomo de *A Barca de Gleyre*: “havia uma gameleira colossal perto da choça, arvore centenaria – uma pura *catedral*” (1956a, p.363, grifo nosso).

Em *Bucólica*, do livro *Urupês*, Lobato disserta sobre as belezas da natureza que, não sofrendo a intervenção humana, torna-se ainda de maior perfeição. Nota-se, no excerto selecionado, a diferenciação que o autor faz entre as flores de jardim, “a nobreza floral”, e aquelas que nascem no espaço livre, e que os moradores da roça julgam como inferiores, “a plebe humilima”. Para o autor, nestas últimas existe “mais alma”, devido às adversidades que vencem, seu estado selvagem e a liberdade que gozam.

Meu Deus! O que vai de aranhos pela relva – nos galinhos de joveva, nas flechas de capim, grandes e pequeninos, todos mimosos de desenho, tecidos a fio de seda... Compraz-se a noite em agrupar neles milhões de diamantezinhas que a luz da manhã irisa. Malmequeres por toda a parte - amarelos, brancos. E tanta flor sem nome...

- Flor atôa, diz a gente roceira.

São, coitadinhas, a plebe humilima. A nobreza floral mora nos jardins, esplendendo côres de dansa serpentina sob formas luxuriosas de odaliscas. A duquesa Dalia, sua majestade a Rosa, o samurai Crisantemo - que fidalguia! Bem longe estão destas aqui, azuleguinhas, um pouco maiores do que uma conta de rosario.

Não obstante, vejo nestas mais alma. Leio mil coisas na sua modestia. Lutaram sem treguas contra o solo tramado de raizes concorrentes, contra as lagartas, contra os bichos que pastam. Que tenacidade, que prodigio de economia não representam estas iscas de petalas, e o perfume agreste que as oloriza, e a côr - tentativa de azul - com que se enfeitam, as feiticeirinhas!

São belas, sim - da sua beleza, a beleza selvatica das coisas que jamais sofreram a domesticação do homem.

As flores de jardim: escravas de harem... Adubo farto, terra livre, tutores para a haste, cuidados mil – cuidados do homem para com a rez na ceva... As agrestes morrem livres no hastil materno; as fidalgas, na guilhotina da tesoura. Fabula do lobo e do cão...(LOBATO,M., 1966, p.193-194).

É possível também identificar neste excerto a antropomorfização da natureza. Sobre a “concepção antropomórfica da Natureza”, Cavalari (2007) escreve:

[...]De acordo com essa concepção, são aplicados à Natureza, conceitos ou comportamentos próprios ao homem. Assim, são atribuídos a alguns seres da Natureza, plantas ou animais, atitudes, valores e comportamentos tipicamente humanos, como por exemplo, a tristeza, a bondade, a maldade o ciúme, a traição, a beleza, a feiúra, a infidelidade e outros.(CAVALARI, 2007, p.14)

Retornaremos à questão da antropomorfização da natureza ao tratarmos a concepção utilitarista da natureza.

A respeito de *Bucólica*, Carvalho, F. (1994) também destaca que é possível perceber “exemplos de bucolismo que, afinal, representa o amor e a exaltação à natureza”(p.76). Segundo a autora, neste conto haveriam, também, passagens que refletem “várias atitudes que apresentam os traços essenciais do pré-modernismo” (p.78). Para ela, “são passagens que mostram como a obra de Monteiro Lobato pode conter, no que se refere ao tratamento da natureza, quase todas as tendências da época” (p.78). Infere-se que, de acordo com Carvalho, F., estas características sejam: “atitude carinhosa de familiaridade” (p.79), “humor ingênuo” (p.79), “atitude de exaltação” (p.79), contraste entre o natural e o domesticado (no texto, Carvalho, F. expressa “contraste entre a flor campestre e a doméstica” (p.79), a partir do que concluímos nossa definição), “contraposição da vida urbana à vida no campo, com o elogio a esta última em detrimento da outra, considerada degradada” (p.79), “o homem do campo, familiarizado com ele, não reconhece o seu valor” (p.80).

No entanto, de acordo com a mesma autora, no conto *Os faroleiros*, que também integra o livro *Urupês*, Monteiro Lobato “não deixa de censurar, irônico, as digressões românticas sobre a natureza” (1994, p.77).

Lobato irá destacar em *Bucólica* a qualidade do ar campestre, fonte de vida em oposição ao poluído ar da cidade, característica da visão em que tudo aquilo que se aproxima da vida selvagem é colocado como ideal, em contradição ao urbano:

Que ar! A gente das cidades, afeita a sorver um indecoroso gaz feito de pó em suspensão num mixto de mau azoto e peor oxigenio, ignora o prazer sadio que é sentir os pulmões borbulhantes deste fluido vital em estado de virgindade. O oxigenio fresquinho foi elaborado naquele momento pela vegetação viçosa. Respira-lo é sorver vida à nascente.(LOBATO,M., 1966, p.194)

O mesmo posicionamento pode ser observado em dois contos de *Urupês*, quanto à qualidade da água pura do campo, diferente da água consumida nas cidades. Lê-se

em *O mata-pau*:

Sofrea o animal sem o sentir mas não pára. Vai parar adiante, na Volta Fria, onde um broto d'agua gelada, a fluir entremeio ás pedras, o tenta a sorver um gole aparado em folha de caeté. Bebida a agua, e dito que nas cidades não ha daquilo, leva-lhe a vista o soberbo mata-pau que domina o grotão. (LOBATO,M., 1966, p.203)

E, igualmente, em *O comprador de fazendas*:

- Na cidade, senhor Moreira, uma agua assim, pura, cristalina, absolutamente potavel, vale o melhor dos vinhos. Felizes os que podem bebe-la! A familia entreolhou-se; nunca imaginaram possuir em casa semelhante preciosidade, e cada um insensivelmente sorveu o seu golezinho, como se naquele instante travassem conhecimento com o precioso nectar. Zico chegou a estalar a lingua...(LOBATO,M., 1966, p.239)

Esta característica da concepção romântica de natureza também é apontada por Cavalari (2007), que identifica em textos por ela analisados:

[...] a oposição entre a cidade e o campo e a defesa da idéia que o homem do campo é menos cruel que o da cidade. O preconceito com relação à cidade era bastante forte na época. A pureza do homem do campo em oposição à degeneração do homem da cidade era defendida por alguns autores da época. (CAVALARI, 2007, p.18)

Considerando a valorização de Monteiro Lobato à dimensão estética da natureza, percebe-se uma crítica do autor à tentativa de interferência humana em *A mata virgem*, *Mr. Deibler e Zago*, do livro *Idéias de Jeca Tatu*. Ao descrever minuciosamente um trecho de mata nativa conservado na Avenida Paulista<sup>6</sup> e transformado em parque público, posiciona-se ironicamente sobre as estátuas colocadas no parque:

O contraste entre tanta chatice, entre aquele absurdo cão sem corpo, entre a coisa mais sovada do mundo que são as quatro estações na representação classica e a "beleza natural" da mata nativa tornou-a infinitamente mais bela. O contraste entre a completa ausencia de invenção e originalidade daquelas esculturas e o modo de ser tão á vontade e seguro das florestas que o homem não mexeu com sua mão de mico...(LOBATO,M., 1956f, p.176).

Como se pode perceber, há superioridade na beleza natural intocada pelo homem, aquela que, inclusive, é realçada diante do contraste causado pelas esculturas,

<sup>6</sup> Provável referência ao Parque Trianon.

em que se percebe “a completa ausencia de invenção e originalidade”. Nota-se a maneira depreciativa, “mico”, como Lobato refere-se ao homem que atreve-se a interferir na harmonia do meio natural.

No capítulo II de *O Presidente Negro* (1956c), intitulado *A minha aurora*, na descrição dos arredores do “castelo” do professor Benson pode-se perceber que a interferência humana no meio natural ocorreu apenas para que o homem pudesse desfrutá-la em seu estado inalterado, sem utilizar-se de suas riquezas, “possibilidades do solo”:

Em redor do castelo estendiam-se campos e florestas. Região montanhosa mas de relevo suave, coxilas mansas que ao longe ganhavam corpo até se erguerem na morraria de um dos contrafortes da serra do Mar. Nos vales, belos capões de mata virgem; e nas lombas, um tapete de gramíneas crioulas naquela época revestidas de florinhas roseas.

Notei logo que a natureza não era ali trabalhada. Tudo vivia em estado selvagem, sem sombra de intervenção humana além da impressa nos caminhos. Nem gado nas pastagens, nem sombras de cultura – porteiras ou cercas. Um pedaço de natureza virgem onde o homem só abriria passagens que lhe dessem o gozo das perspectivas naturais.

Compreendi que não estava numa fazenda. Homem de posses, o professor Benson teria aquilo apenas para recreio dos sentidos, sem o menor recurso às possibilidades do solo. Unicamente em redor da casa havia algo beneficiado: belo jardim garrido de rosas; aos fundos, o pomar.

Caminhei por espaço de meia hora e, no alto de uma colina, sentei-me no topo de um cupim para admirar a vista soberba dali descortinada. Impressionava estranhamente aquele castelo de inexplicável arquitetura, em meio duma natureza rude e calma, onde só uma ou outra ave silvestre rompia o silêncio com o seu piar. (LOBATO, M., 1956c, p.138-139)

Merece destaque a impressão que o personagem tivera diante de tal paisagem, em que a ausência de intervenção humana o fez sentir-se parte da natureza, integrado a ela:

Afeito ao meu viver de cidade, no tumulto das ruas, aquele silêncio e aquela solidão punham-me novidades na alma. Senti no cérebro um refulgir de idéias novas, a saírem da casca que nem pintos.

A impressão geral que tive diante da natureza liberta da presença e ação do homem, coisa que via pela primeira vez, foi da minha absoluta inutilidade – da inutilidade absoluta dos meus patrões, naquele momento a se esbofarem no escritório e a maldizerem do empregado desaparecido sem licença. Para eles era eu o *empregado* – e também vinte dias antes eu me considerava apenas um empregado, isto é, humilde peça da máquina de ganhar dinheiro que os senhores Sá, Pato & Cia. houveram por bem montar dentro de uma certa aglomeração humana. Mas ali não me via empregado de ninguém; era um ser igual às ervas que esverdeavam as colinas, as árvores que frondejavam nas

grotas e as aves que piavam nas moitas. Sentia-me deliciosamente integrado na natureza. (LOBATO,M., 1956c, p.139-140, grifo do autor)

O título do capítulo ao qual pertencem os excertos, *A minha aurora*, representaria, então, uma certa renovação para o personagem, motivada por seu contato e descobertas diante do meio natural?

Em *Bucólica*, a descrição do meio natural ganha proximidade do irreal, do imaginário, do ilusório, tamanha sua beleza. Lobato, em um certo deslumbramento, compara o que vê ao que só pode ser criado pela fantasia:

Respiro um ar cheiroso, adocicado, e fico-me em enlevo a ver as flores que caem regirantes. Se afluía mais forte a brisa, despegam-se em bando e recamam o chão. Devem ser assim as arvores do país das fadas... (LOBATO,M., 1966, p.196)

Diante desta beleza provocadora de êxtase em quem sabe apreciá-la, surge o humano que lhe está alheio; mais especificamente o caboclo, morador da roça a quem Lobato dirigiu largas críticas em sua literatura. Nota-se como o caboclo destoa de toda a beleza e toda a vida que a rica natureza emana, “é o sombrio urupê de pau podre” que “no meio de tanta vida, não vive...”, neste excerto de *Urupês*, em livro homônimo:

No meio da natureza brasilica, tão rica de formas e cores, onde os ipês floridos derramam feitiços no ambiente e a inflorescência dos cedros, às primeiras chuvas de setembro, abre a dança dos tangarás; onde ha abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, cor, perfume, vida dionisiaca em escachão permanente, o caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas.  
Só ele não fala, não canta, não ri, não ama.  
Só ele, no meio de tanta vida, não vive...(LOBATO,M.,1966, p.291-292)

Outro texto que oferece subsídios para a análise de uma concepção romântica da natureza são *Os tangarás*, do livro *Onda Verde*:

Esta avezinha [tangarás], cujo nome nem sequer entrou para os dicionários que Portugal nos vende, merece da Poesia as honras dispensadas na Europa ao roxinol e aqui ao sabiá.  
É incrível, com a riqueza da nossa fauna ornitológica, que acampemos toda a vida no sabiá de Gonçalves Dias, com menospreço da variedade infinita de temas plumados que andam aos regorjeios de ramo em ramo.  
O sabiá é, de fato, uma coisa séria no mundo dos voadores. Caruso nostálgico, filho da laranja e dos crepúsculos, é o sonnoso poeta alado das saudades.

Ouvi-lo em tardes languidas é mergulhar a alma num banho de suave tristeza. Só não pensam, assim os donos de pomar, gente rude para quem peste peor que o sabiá, só o sanhaço. (LOBATO,M., 1956c, p.48)

Cabe neste excerto a atenção para a maneira pela qual Lobato descreve os donos do pomar, “gente rude para quem peste peor que o sabiá, só o sanhaço”, percebendo-se certa crítica ao que poderia ser compreendido por uma apropriação utilitária da natureza, incapazes de perceber toda a poesia do sabiá diante dos prejuízos materiais que estes lhe causam, alimentando-se das frutas das quais os homens proclamam-se donos.

Prosseguindo, Lobato afirma que, considerando o canto do sabiá, nada justifica a massiva dedicação dos poetas a esta espécie; e, em defesa da natureza diante das adjetivações injustas que o homem faz a certas espécies, emenda:

Vá que repudiem o João-Bobo, excelente criatura maltratada pelo homem com essa alcunha difamadora; ou aquele gracioso passarinho preto, irmão da graúna, batisado escatologicamente; mas deixar sem as festas da rima aos tangarás, os nossos Nijinskys de pena e bico, é coisa que brada aos céus. (LOBATO,M., 1956c, p.49).

Antes de descrever detalhadamente o espetáculo que a ave proporciona aos olhos mais atentos, já que “infelizmente o tangará é uma avezinha esquiva, pouco amiga de relações com o homem, cuja ferocidade certamente conhece” (1956c, p.52), o autor descreve que o pássaro provoca igual encantamento em outra espécie animal:

Há séculos que os tangarás cantam e dançam, fazendo abrir a boca, em extase, os seus colegas de pena e os seus inimigos peludos. Dizem que a onça, ao ve-los, entrepara, e assiste á festa com um brilho “besta” nos olhos. Será ficção. Vem logo aí um naturalista demonstrar com ruins pronomes que tal brilho não é de extase estético, mas de fome pura e, possa a onça, lá irão os tangarás concluir a dança no seu bucho. Não importa. O extase da onça ficará, porque é uma nota necessaria á harmonia das coisas, com tempero dulçoso da ferocidade felina. (LOBATO,M., 1956c, p.49-50)

As classificações feitas pelos naturalistas, como se pôde ver, apontam que o brilho nos olhos da onça não é de “extase estético”, mas sim de “fome pura”.

Na concepção romântica da natureza, atribui-se ao natural *harmonia*, *sabedoria*, *racionalidade*, *lógica*, e *equilíbrio*, adjetivos que buscam demonstrar um todo de perfeita

funcionalidade, cuja presença humana interfere de modo negativo.

O mesmo texto, *Os tangarás*, permite entrever a harmonia e sabedoria da natureza, quando traz a expressão “o tangará é talvez o único passaro do mundo que evolui do canto á dança, e os conduz de par com uma ciencia de ritmos tão sabios como os da Pawlova” (1956c, p.50).

Em *O tumultuario das florestas*, presente em *Fragmentos* (que integra o livro *Mundo da Lua e Miscelânea*), Lobato apresenta esta *harmonia* como um concerto sinfônico, “a floresta é um concerto sinfônico de formas, de cores, de apetites e lutas”. Nota-se que as espécies adaptam-se, modificam-se buscando a perfeita relação entre o todo. A visão de toda esta harmonia foge, no entanto, aos “observadores levianos”:

A pecha de tumultuario dada pelos observadores levianos ao interior das florestas, vem de que lhes foge justamente a coisa bela por excelencia nas matas: o regime ingenito de cada especie vegetal, o seu modo normal de crescer e engalhar, as modificações a que se submete por contingentes de vizinhança. A adaptacao daquele jogo de “ansias de viver” é tão bem realizada que a flora inteira – da arvore gigantesca ao arbusto mesquinho – subsiste integra como um todo harmonico, esplendidamente belo, onde cada vida – orquidea, parasita, liana, musgo ou liquen – tem uma função de nota musical em sinfonia. A floresta é um concerto sinfonico de formas, de cores, de apetites e lutas.(LOBATO,M., 1956h, p.107)

Prosseguindo no que diz respeito à *sabedoria* inerente à natureza, um bom exemplo pode ser encontrado em *A Reforma da Natureza*, na qual a personagem Emília propõe-se a reformar tudo aquilo que julga estar errado no meio e nos seres que a cercam, movida pelo desejo de aperfeiçoamento. Dona Benta, no entanto, demonstra à personagem o equívoco que comete com suas modificações:

- Mas que absurdo, Emília, reformar a Natureza! Quem somos nós para corrigir qualquer coisa do que existe? E quando reformamos qualquer coisa, aparecem logo muitas conseqüências que não previmos. A obra da Natureza é muito sábia, não pode sofrer reformas de pobres criaturas como nós. Tudo quanto existe levou milhões de anos a formar-se, a adaptar-se; e se está no ponto em que está, existem mil razões para isso. (LOBATO,M., 1967, p.63)

Importante atentar para a maneira como essa *sabedoria* é apresentada: a natureza como obra sábia diante da qual nós humanos somos hierarquicamente inferiores e, por isso, indignos de interferência. “Quem somos nós”, que direito,

sabedoria, ou destreza possuímos para modificar algo que, legitimado por um longo período histórico, desenvolveu-se de tal forma que qualquer intervenção poderia perturbar a perfeição e resultar em danos? Sabedoria implica prudência, portanto, uma natureza sábia já se organizou de maneira a evitar problemas.

No excerto que segue, Emília contesta Dona Benta, alegando inúmeros erros e injustiças cometidos pela Natureza. É a voz da própria natureza, no entanto, que vem desmentí-la, na figura de um passarinho que reclama dos inconvenientes das reformas sofridas:

- Minha boa senhora, livrai-me do que a Emília fez em mim. Transformou-me em passarinho-ninho, com os ovos às costas, e isso tem sido uma atrapalhão medonha, porque não me deixa voar com desembaraço, e desse modo não consigo escapar aos meus perseguidores. (LOBATO, M.,1967, p.64)

Ao reformar o passarinho-ninho, Emília realizou diversas alterações, e à medida que inconvenientes iam surgindo, realizava novas modificações, tentando prever todas as hipóteses. Sobre essa questão, Godoy (2001) reflete que:

Certamente o leitor poderá questionar sobre as dificuldades em se prever todas conseqüências das reformas que resultam no passarinho-ninho, especialmente quando isso implica o futuro, além do direito que Emília teria de manipular a natureza, transformando o passarinho. Questionamentos que acarretam a habilidade de dar respostas, ou seja, que implicam necessariamente a responsabilidade dos homens em relação aos outros seres da natureza. (GODOY, 2001, p.04-05)

Ainda sobre o livro *A Reforma da Natureza*, Godoy (2001) afirma que:

Podemos pensar que, através dessas personagens [Emília e Rázinha], o leitor de “A Reforma da Natureza” poderá percorrer o caminho que é natural à vida dos homens: exercer o poder de criar a si próprio e ao seu meio, como o seu lugar, como a sua morada, numa permanente interação e troca com as forças da natureza. Neste caminho, o leitor faz sua história, que é o modo como a natureza vem a ser para os homens. (GODOY, 2001, p.03)

Em *Serões de Dona Benta*, no capítulo *Ainda o ar*, a sabedoria é demonstrada por meio da correta existência de certos elementos (no caso, o azoto), como se na natureza tudo existisse após uma decisão resultante de reflexão:

- Ao contrário, minha filha, é utilíssimo, porque sem ele o oxigênio, na sua fúria oxidante, daria cabo de nós. O azoto sossega esse leão, diluindo-o enfraquecendo-o, de modo que ele nos faça bem e não mal. Além disso o azoto é da maior importância na composição dos alimentos requeridos pelos animais e pelas plantas. Tudo na natureza é muito sábio, minha filha. Tudo tem sua razão de ser e está muito bem arrumadinho.(LOBATO,M., [19--]h, p.1750)

A *racionalidade* da qual a natureza é dotada, “a inteligência é uma faculdade que aparece em todos os seres”, característica essa que é própria do homem, único animal racional, aparece de forma explícita no Capítulo II de *O saci*. Ao observarem a relação dos Joãos-de-Barro entre si, e o processo de construção de seu ninho, os personagens do Sítio do Picapau Amarelo travam o diálogo a seguir, constatando curiosamente que, “depois de acabado o ninho novo, eles, em vez de se mudarem, resolveram fazer um segundo ninho em cima daquele” ([19--]g, p.202):

- Por que será, vovó? - quis saber Pedrinho.  
 - Não sei, meu filho, mas eles devem ter lá as suas razões.  
 - Eu sei - berrou Emília. - É para alugar!...  
 Todos riram-se.  
 - Eu acho - disse Narizinho - que é para acomodar os filhotes quando chegarem ao ponto de voar.  
 - Isso não - observou Dona Benta. - Porque se os pais construísem casa para os filhos, estes não aprenderiam a arte da construção e essa arte perde-se-ia. É fazendo que se aprende, já disse o velho Camões.  
 - Mas então esses passarinhos raciocinam, vovó - têm inteligência...  
 - Está claro que têm, meu filho. A inteligência é uma faculdade que aparece em todos os seres, não só no homem. Até as plantas revelam inteligência. O que há é que a inteligência varia muito de grau. É pequeniníssima nas galinhas e nos perus, mas já bem desenvolvida no João-de-Barro - e é um colosso num homem como Isaac Newton, aquele que descobriu a Lei da Gravitação Universal.(LOBATO,M., [19--]g, p.202)

Nota-se que aos demais seres vivos, animais e plantas, é atribuída a capacidade de raciocinar. Todos os seres são, para Lobato, possuidores de inteligência, variando-se apenas o grau em que ela se manifesta em cada um.

Outro aspecto a ser apontado é como para o João-de-Barro as ações são guiadas pela razão, considerando-se, inclusive, que a eles reserva-se um aprendizado pela experiência, deduzindo-se daí um ensino como atividade intencional. Essa mesma intencionalidade, “estou convencido de que os animais ensinam uns aos outros o que vão aprendendo”, pode ser observada em *Os pequeninos*, do livro *Negrinha*:

- Ah, meu caro, a natureza está inçada de coisas assim, que para nós são misterios. Com certeza houve um periperí que por acaso fez isso uma primeira vez, e como deu certo ensinou a lição aos outros. Estou convencido de que os animais ensinam uns aos outros o que vão aprendendo. Oh, vocês, criaturas da cidade, não imaginam que coisas interessantes ha na natureza da roça...(LOBATO,M.,1956j, p.151)

Entendendo-se que ao racional seja inerente a *lógica*, uma concepção de natureza exatamente dotada dessa capacidade é apresentada por Lobato em *Justiça e Lógica*, de *Mundo da Lua e Miscelânea*:

A ideia de justiça é criação puramente humana. Na natureza não ha justiça, ha logica. A natureza não é boa nem má, justa ou injusta: é logica. Vai ao fim cegamente colimado através de todos os obices – e vai sempre pelo caminho mais curto. A linha curva é invenção humana. Fôra do homem, ha o ponto de partida, o ponto de chegada e a reta que os une.(LOBATO,M., 1956h, p.36-37)

Por fim, Lobato apresenta em *A Reforma da Natureza* uma idéia de natureza que conquistou seu *equilíbrio* às custas de anos de transformações, adaptações, alterações; equilíbrio que não cabe ao homem a ousadia de romper:

- Que história de passarinho-ninho é essa? - perguntou Dona Benta, e quando soube de tudo abriu a bôca. Era demais a ousadia da Emília. Alterar daquele modo a Natureza! Mudar as coisas que levaram milhões de anos para se equilibrarem...[...](LOBATO,M.,1967, p.64)

Uma concepção romântica da natureza apresenta, além do que já foi aqui discutido, críticas à apropriação utilitarista dos recursos naturais. Tal posicionamento pode ser conferido, na obra de Lobato, em excertos de *A Reforma da Natureza* e de *A reinação atômica*, do livro *Histórias Diversas*. Em ambos os excertos percebe-se um certo julgamento da organização natural, e até mesmo tentativa de modificá-la de acordo com os interesses humanos. No entanto, isto é contestado, demonstrando-se que os elementos da natureza não existem em função do homem, para o atendimento de suas necessidades ou para seu prejuízo, mas sim possuem uma razão de existir para a própria natureza.

A começar pelo texto de *A Reforma da Natureza*, Emília, em suas reformas, com o intuito de facilitar a colheita das frutas, faz com que estas dêem apenas nos galhos baixos das árvores. A esta atitude Dona Benta pondera que:

[...]essa reforma só era aceitável do ponto de vista humano mas explicou que as frutas não existiam para que nós as apanhássemos e comêssemos - existiam para o bem da árvore, e apareciam em todos os galhos, tanto os de baixo como os de cima, porque assim ficavam mais bem distribuídas pela árvore inteira, podendo vir em maior quantidade.  
 - Os galhos de baixo serão só metade dos galhos da árvore toda - disse ela. Fazendo que as frutas só apareçam nos galhos de baixo, você diminui de metade o número de frutas de uma árvore. (LOBATO,M., 1967, p.69)

Destaca-se que Godoy (2001) associa o início deste excerto ao radicalismo do pensamento da *Deep Ecology*. Percebe-se que a referência da autora à crítica que é feita ao homem como “senhores e donos da natureza” também é constante na obra de Lobato, como o próprio leitor poderá verificar na presente pesquisa.

Essa fala de Dona Benta pode nos remeter a algumas idéias centrais de uma das principais tendências do pensamento ecológico conhecido como Ecologia Profunda (Deep Ecology): a crítica radical ao antropocentrismo, em que os homens são considerados como senhores e donos da natureza, e também, o reconhecimento dos direitos da natureza.

A Ecologia Profunda reconhece os valores intrínsecos da natureza como fundamentais para a existência humana e, ao seu modo, ao responder sobre o sentido do progresso da ciência, da técnica, da sociedade e da economia no mundo de hoje, em nome dos direitos da natureza, formulou uma das críticas mais radicais à civilização ocidental e à problemática humanista.(GODOY, 2001, p.13)

Semelhante posicionamento ao apresentado no excerto citado de *A reforma da natureza*, ao qual os demais elementos da natureza não existem em função do humano, é demonstrado na conversa de Dona Benta e Narizinho, em *A reinação atômica*, do livro *Histórias Diversas*:

Narizinho e Dona Benta, na cozinha, ajudavam tia Nastácia a “pelar vagens.” Em certo momento a menina disse:  
 - Por que estas burrinhas hão de ter estes fios, vovó? Só para dar trabalho às cozinheiras.  
 Dona Benta respondeu:  
 - Quando a Natureza fez as vagens, não pensou nas cozinheiras; nem havia cozinheiras naquele tempo, nem gente no mundo, nem fogo, nem animal nenhum – só vegetais.  
 - E para que fez a Natureza as vagens?  
 - Tão fácil perceber, minha filha! Para abrigar as sementes. Note que cada planta inventou um jeito de cuidar de suas sementes e defendê-las. Repare que berço macio é uma vagem para as sementinhas tenras que dormem lá dentro.(LOBATO,M., 1982, p.32-33)

Uma natureza assim, dotada de tamanha regularidade e perfeição, tornar-se-ia, necessariamente, fonte de ensinamentos e exemplo ao homem, que a deveria ter como modelo. Diante da superioridade do natural o homem é apenas aprendiz, quando não o destruidor, uma criatura aquém de sua perfeição.

No texto *Camões*, do livro *Mundo da Lua*, Lobato apresenta a natureza como ambiente adequado para o verdadeiro aprendizado, “tristes os que aprendem nos livros, dentro da clausura morna dos gabinetes! Um só livro existe: a Vida; um só gabinete, a Natureza” (1956h, p.11). Questionamos se este posicionamento não poderia remeter-nos às idéias de Rousseau, quando este aponta o meio natural como ideal para a aprendizagem humana.

No tocante à “natureza como modelo” é constante na obra lobatiana a referência à organização das abelhas e das formigas, insetos sociais possuidores de uma sociedade ideal que, se copiada, promoveria a felicidade e a solução dos problemas humanos.

No capítulo *A rainha*, da obra *Reinações de Narizinho*, o reino das abelhas é tido como modelo de organização superior à organização dos homens. São as abelhas exemplos de “ordem, economia e inteligência”, em uma auto gestão que conduz para a felicidade verdadeira:

- Já reparou, Emília, como é bem arrumado este reino? Uma verdadeira maravilha de ordem, economia e inteligência! [...]O que admiro é como as abelhas sabem aproveitar de modo que a colmeia funcione como se fosse um relógio. Ah, se no nosso reino também fosse assim... Aqui não há pobres nem ricos. Não se vê um aleijado, um cego, um tuberculoso. Todos trabalham, felizes e contentes.

[...]“Faça o favor, senhora abelhinha, de nos dar uma informação. Quem é, afinal de contas, que manda neste reino? A rainha?”

- Não senhora! - respondeu a abelha. Nós não temos governo, porque não precisamos de governo. Cada qual nasce com o governo dentro de si, sabendo perfeitamente o que deve e o que não deve fazer. Nesse ponto somos perfeitas. Narizinho ficou admirada daquelas idéias, e viu que era assim mesmo. “Que pena que também não seja assim na humanidade!”

[...]Olhe, menina, lá no reino dos homens costumam falar muito em felicidade, mas fique certa de que felicidade só aqui. Cada uma de nós é feliz porque todas somos felizes. Lá não sei como pode alguém ser feliz sabendo que há tantos infelizes em redor de si!

Narizinho e Emília ficaram tristes. Que pena serem gente e não poderem transformar-se em abelhas para morar numa colmeia daquelas, toda a vida ocupadas num trabalhão tão lindo como esse de recolher o mel e o pólen das flores...

[...]Narizinho, cada vez mais admirada da inteligência da rainha, murmurou ao ouvido da boneca: "Vê, Emília? Isto é que é falar bem! Até parece aquele filósofo que vovó às vezes lê, o tal Rou... Rousseau<sup>7</sup>, creio".(LOBATO,M., 2003, p.39-41)

Percebe-se neste excerto a admiração do humano pela capacidade da natureza de organizar-se. Narizinho expressa o desejo humano de pertencer àquele mundo, ou pelo menos, que o mundo humano pudesse se tornar igual ao das abelhas.

Indagamos se, ao referir-se a esta organização perfeita e livre das mazelas humanas, Lobato não poderia também estar difundindo suas idéias eugenistas, ao defender uma sociedade com seres perfeitos que não atrapalhassem seu bom funcionamento, "não se vê um aleijado, um cego, um tuberculoso". Da mesma forma, questiona-se se, nesta passagem, não estaria implícito o conformismo com a realidade, defendendo-se que a cada um destina-se uma função, que deve ser executada sem protestos, remetendo à uma organização social estratificada nos moldes positivistas de Augusto Comte.

No capítulo XIV de *O Presidente Negro*, intitulado *Eficiência e Eugenia*, ao expor sua idéias eugenistas, Lobato refere-se às abelhas e à organização das colméias como um ideal que a eugenia asseguraria aos homens:

O principio da Eficiencia resolvera todos os problemas materiais dos americanos, como o eugenismo resolvera todos os seus problemas morais. Na operosidade e uniformidade do tipo, aquele povo lembrava a colmeia das abelhas. Quasi não havia distinguir um individuo de outro, pois tomar um homem ao acaso era ter nas mãos uma poderosa unidade de eficiencia dentro de um admiravel tipo de ariano pele-avermelhado.

[...]

- O caracteristico mais frisante dessa epoca, todavia, estava na organização do trabalho. *Todos* produziam. Muito cedo chegou o americano á conclusão de que os males do mundo vinham de tres pesos mortos que sobrecarregavam a sociedade - o *vadio*, o *doente* e o *pobre*. Em vez de combater esses pesos mortos por meio do *castigo*, do *remedio* e da *esmola*, como se faz hoje, adotou solução muito mais inteligente: suprimi-los. A eugenia deu cabo do primeiro, a higiene do segundo e a eficiencia do ultimo. Aliviada da carga inutil que tanto a embaraçava e afeava, pôde a America aproximar-se de um tipo de associação já existente na natureza, a colmeia - mas a colmeia da abelha que raciocina. (LOBATO, 1956c, p.231-233, grifos do autor)

<sup>7</sup> Estudo comparativo entre Monteiro Lobato e Jean-Jacques Rousseau pode ser encontrado em *Descobrendo Rousseau em Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, de Cristina Maria Vasques. Disponível em <http://www.unicamp.br/~jmarques/gip/AnaisColoquio2005/cd-pag-texto-15.htm>

Na seleção a seguir, do livro *Geografia de Dona Benta*, apesar de um dos focos principais do diálogo se encontrar na questão da alimentação humana, Lobato aponta, assim como faz com as abelhas, a organização das formigas como superior à organização humana, perfeitamente em equilíbrio e sem desigualdades:

- Mas como poderão elas, tão pequenininhas, vencer o homem, tão grande?— duvidou Emília.
- São pequenininhas, mas têm a seu favor o número infinito e a perfeita organização social em que vivem. Enquanto os homens brigam uns com os outros e jamais encontram meio de viver em harmonia, elas se regalam no mais perfeito equilíbrio. *Sabem alimentar-se*, e por isso não conhecem doenças, como os homens. Entre os homens já há mais de cinco mil moléstias estudadas, quase todas conseqüências da alimentação errônea e da desigualdade das condições sociais. Vemos ricos e pobres — os que morrem de indigestão e os que morrem de fome. Os que vivem em palácios e os que vivem em casebres imundos. Entre as formigas a igualdade é perfeita. Todas comem a mesma coisa e vivem na mesma casa. (LOBATO, M., 1977, p.46, grifo do autor)

No tocante à natureza como exemplo moral, no excerto a seguir, que segundo Souza (2008) faz parte de nota introdutória ao livro *Fábulas*, publicado em 1921, Lobato demonstra-se favorável ao gênero “fábulas”, “boa fada”, para veicular ensinamentos morais sem, no entanto, tornar isto tedioso e desagradável para as crianças:

- As fábulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infancia. Por intermedio dellas a moral, que não é outra coisa mais que a propria sabedoria da vida accumulada na consciencia da humanidade, penetra na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação. Esta boa fada mobiliza a natureza, dá fala aos animaes, ás arvores, ás aguas e tece com esses elementos pequeninas tragedias donde resurte a ‘moralidade’, isto é, a lição da vida.
- O maravilhoso é o assucar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável a sua ingestão.
- O autor nada mais fez senão dar forma sua ás velhas fabulas que Esopo, Lafontaine e outros crearam. Algumas são tomadas do nosso “folk-lore” e todas trazem em mira contribuir para a criação da fabula brasileira, pondo nellas a nossa natureza e os nossos animaes, sempre que é isso possivel. (LOBATO *apud* SOUZA, 2008, p.105)

Sendo os ensinamentos transmitidos por seres da natureza, pode-se inferir a consideração do natural como fonte de sabedoria, ensinamentos e juízos morais.

Diversos são os exemplos na obra de Monteiro Lobato nas quais a natureza, o natural, é colocado como superior ao cultural, ao instituído pelo homem, ao artificial. No

conto *Negros*, do livro *Negrinha*, as criações humanas para organização social, os elementos chamados culturais e civilizadores, são criticados e colocados em oposição à uma condução ingênua e superior da natureza, prejudicada pela cultura:

A sociedade, as leis, os governos, as religiões, os juizes, as morais, tudo que é força social organizada presta mão forte á Estupidez Onipotente.  
E assanha-se em punir, em torturar o ingenuo que, conduzido pela natureza, arrosta com os mandamentos da megera.(LOBATO,M., 1956j, p.100)

Destaca-se a referência de Lobato, “Estupidez Onipotente”, para a organização social e o que o viver em sociedade implica, afastando o homem do natural em um processo que lhe causa sofrimento, “pune”, “tortura”.

Cabe-nos destacar que, uma das características que Crupi (2008) aponta, ao teorizar a concepção naturalista da natureza, é justamente a oposição natureza-cultura, característica essa que reforça a dicotomia na qual o homem não faz parte da natureza.

Em *Ao luar*, de *Mundo da Lua*, o estado de não-consciência parece gerar no homem uma felicidade verdadeira, equivalente às “coisas todas que mereceram o prêmio por não ter nascido homem”. Estes seres lhe são superiores, talvez justamente por esta falta de consciência:

Quarto crescente. Oblivion dorme sob o luar. Pascem no ceu carneirinhos brancos, e na terra só os grilos picam a doçura do silencio.  
O cerebro adormece. Nosso eu se anula. Sentimo-nos despersonalizados, simples celulas integradas num corpo imenso. Deixamos de ser para existir – disse Thoreau.  
Estado de felicidade extatica, como deve ser a felicidade das arvores, das aguas, das pedras, das coisas todas que mereceram o premio de não ter nascido homem. (LOBATO,M., 1956h, p.13)

Nota-se que esta superioridade encontra-se justamente na felicidade, da qual o homem não desfruta.

A leitura do capítulo XXVI de *América* pode causar estranheza ao leitor contemporâneo pelos ideais eugênicos apresentados e defendidos por Lobato, a partir do qual declara que “teremos afinal o homem e a mulher perfeitos – perfeitos como os cavalos e eguas de puro sangue ” (1956d, p.208), em uma comparação da perfeição humana ao modelo animal. Estas idéias podem ter sido marcadas pelo momento

histórico em que foram concebidas, e foge ao intuito desta pesquisa aprofundar esta discussão.

Apresentando os negros africanos como “animais perfeitos”, Lobato declara:

- É realmente onde se encontram em maior numero os mais belos animais humanos do sexo feminino, advertiu Mr. Slang, com a sua autoridade de turista conhecedor de todos os continentes. Só na Africa vi mulheres lindas como aqui, desta lindeza que a saude dá.
- Na Africa? Exclamei desconcertado. Que ideia!
- Na Africa, sim. Os negros, sobretudo em certas zonas de condições climatericas favoraveis, são animais perfeitos. Com alterar e infringir o que ha de natureza em nós, a civilização nos vai deformando. A americana é este belo animal porque, graças á higiene, está cada vez mais se voltando á natureza, ao ar livre, ao exercicio muscular, á satisfação normal dos seus “urges” organicos. Quando as inibições religiosas cederem lugar ás prescrições da Eugenia, será a America o campo mais propicio para a florescencia do homem de amanhã, animal muito mais belo que o homem de hoje. Porque hoje, meu caro. somos ainda uma congerie de monstros.[...] (LOBATO,M., 1956d, p.207-208)

Percebe-se a valorização do natural e a defesa de uma volta à natureza, sendo a civilização colocada não apenas em oposição ao natural, como também a responsável pela deformação humana.

Em *Diagnóstico*, de *Problema Vital*, obra que integra o volume *Mr.Slang e o Brasil e Problema Vital*, comparando a vida e os homens que dela desfrutam, no campo e na cidade, Lobato afirma que, com exceção da situação brasileira, o habitante do campo é o ideal de saúde, de constituição física, aquele que garante a qualidade biológica da espécie e o desenvolvimento econômico do país (p.255). O habitante urbano, em oposto, tem seu “tonus vital” afetado negativamente:

O urbanismo é um mal nocivo á especie humana. Os vicios, o artificialismo, o afastamento da vida natural, o ar impuro, a moradia anti-higienica, se conjugam para romper o equilibrio organico do homem citadino, rebaixando-lhe o tonus vital. Mas o campo intervem e restaura-se o equilibrio. A infiltração permanente de sangue e carne de boa tempera, vinda dos campos, contrabalança o desmedramento das cidades.(LOBATO,M., 1956g, p.255)

Ao campo, portanto, cumpre a função de devolver ao homem nestas condições o equilíbrio necessário, e efetua-se aqui a crítica à vida afastada do meio natural.

Este excerto nos remete ao naturalismo arcádico do século XVII, que, como já apontado, valorizava a vida no campo em detrimento da vida nas cidades, buscando a harmonia do homem com o meio natural. (CARVALHO, I., 2002)

Considerando as obras infantis, os exemplos de superioridade da natureza em relação ao homem aparecem de diferentes formas, seja pela recusa à excessiva precisão provocada pela racionalidade humana, pela “sabedoria nata” que a natureza possui, ou por sua autosuficiência que lhe dispensa a necessidade de adaptar-se como os homens.

Em *Viagem ao Céu*, Lobato distingüe o natural do artificial, com clara superioridade do primeiro em relação ao segundo. A natureza não é precisa como as criações do homem, “parece que tem horror à Geometria”, e daí vem toda a sua beleza, “com seu olhómetro a natureza produz belezas”. Possui, no entanto, certa regularidade, que a torna perfeita e superior às criações humanas, “são duma regularidade que não é própria da natureza”:

- Ótimo! Quem vai para Marte deve sentir-se leve como rolha. Para corridas e pulos deve ser o planeta ideal.
- Houve um ponto em que Dona Benta muito insistiu: os canais que através dos telescópios os astrônomos enxergam nesse planeta. E disse:
  - Os astrônomos distinguem em Marte uma verdadeira rede de canais, em linhas retas e curvas, ligando mares; mas não são coisas naturais - parecem artificiais, ou feitas pelos homens de lá.
  - Como sabem? - duvidou Pedrinho.
  - Porque parecem traçados a compasso e régua, que são invenções dos homens. A natureza tem o bom gosto de não usar esses instrumentos. Já reparou que ela nada faz perfeitamente reto ou perfeitamente curvo, como as linhas e círculos traçados pela régua e o compasso?
  - Isso não, vovó! - contestou o menino. - Certas palmeiras têm o tronco em linha reta, e o maracujá e outras frutas são bem redondinhos.
  - Se com a régua e o compasso você conferir a linha reta duma palmeira ou o redondo de qualquer fruta, verificará que são mais ou menos - nunca exatamente. A natureza tem horror à precisão da régua e do compasso.
  - Eu sei - disse Pedrinho pensativo. - O instrumento que a natureza usa é o mesmo daquele Zé Caolho que esteve consertando a casa do Elias Turco: o olhómetro! O Zé Caolho mede tudo com aquele olho torto, a que Emília deu o nome de “olhómetro”. Ele não usa régua, nem compasso, nem trena, nem nível, nem prumo. É tudo ali na “batata do olhómetro”, como diz a Emília.
  - Pois a natureza é assim, meu filho. Parece que tem horror à geometria. Faz tudo mais ou menos - e por isso são tão belas as coisas naturais. Se você mandar a geometria fazer uma árvore, ela faz uma árvore toda cheia de linhas retas e curvas, de elipses, espirais e triângulos, tudo de uma “precisão geométrica” - e fica a feiúra das feiúras. Mas com o seu olhómetro a natureza produz belezas como aquela - e apontou para o cedrão do pasto. Veja. Não há naquela árvore nenhuma regularidade geométrica, e vem daí a beleza do nosso

velho cedro. Pois os canais de Marte são assim - são duma regularidade que não é própria da natureza. Ora, se não são naturais, são artificiais.(LOBATO,M., [19--]i, p.228)

Em *Discussão*, capítulo de *O saci*, Saci e Pedrinho travam um diálogo no qual fica claro o questionamento acerca da superioridade do homem ou dos animais. Os animais são apresentados superiores, e o homem como inventor de algo que os outros seres possuem já naturalmente, chegando inclusive a ser motivo de zombaria:

O saci deu uma gargalhada.

- Que gabolice! - exclamou. - Casas? Qual é o bichinho que não constrói sua casa na perfeição? Veja a das abelhas, ou das formigas, ou os casulos. Poderão existir habitações mais perfeitas? Todos aqui na mata moram. Cada um inventa o seu jeito de morar. Todos moram. Todos, portanto, têm suas casinhas, onde ficam muito mais bem abrigados do que os homens lá nas casas deles. O caramujo, esse então até inventou o sistema de carregar a casa às costas. É o mais esperto.Vai andando. Assim que o perigo se aproxima, arreia a casa e mete-se dentro.

- Casa, vá lá - disse Pedrinho meio convencido. - Mas aeroplano? Que bichinho daqui seria capaz de construir aviões como nós, homens, os construímos?

Outra risada do saci.

- Olhe, Pedrinho, você está-me saindo tão bobo que até me causa dó. Aviões! Pois não vê que o avião é a mais atrasada máquina de voar que existe? Aqui os bichinhos de asas estão de tal modo adiantados que nenhum precisa de mostrengos como o tal avião. Todos possuem no corpo um aparelho de voar aperfeiçoadíssimo.[...](LOBATO,M., [19--]g, p.214-215)

Prosseguindo o texto, Pedrinho se posicionará em defesa do homem, colocando-o como a “glória da natureza”. O Saci, então, o desmentirá, demonstrando a crueldade causada pelo homem com as guerras, que age contra as leis da natureza, não matando outro homem apenas com o intuito de alimentar-se, como ocorre com as demais espécies dentro da cadeia alimentar ([19--]g, p.215).

Fica claro que, na voz de Lobato, está a contestação da supremacia do homem, colocando-o como inferior aos animais, desde a consideração de seus aspectos físicos e de adaptação ao meio, às questões morais.

Dois capítulos depois, na mesma obra, ao explicar a Pedrinho a vida na natureza, o personagem folclórico declara que os seres da floresta não necessitam dos livros, pois nascem já sabendo, em decorrência de um aprendizado herdado dos pais e que os confere a oportunidade de saber exatamente como agir e viver: “cada qual nasce sabendo fazer o certo — e não erram” ([19--]g, p.218).

- Sim - disse Pedrinho. - Nascer sabendo e nós temos de aprender com os nossos pais ou nos livros. Isso só prova o nosso valor. Que mérito há em nascer sabendo? Nenhum. Mas há muito mérito em não saber e aprender pelo estudo.

- Perfeitamente - concordou o saci. - Não nego o mérito do esforço dos homens. O que digo é que eles são seres atrasadíssimos - tão atrasados que *ainda precisam* aprender por si mesmos. E nós somos seres aperfeiçoadíssimos porque já não precisamos aprender coisa nenhuma. Já nascemos sabidos. Que é que você preferia: ter nascido já com toda a ciência da vida lá dentro ou ter de ir aprendendo tudo com o maior esforço e à custa de muitos erros?

O menino foi obrigado a concordar que o mais cômodo seria nascer sabendo.(LOBATO,M., [19--]g, p.217, grifo do autor)

Lobato defende uma sabedoria nata aos demais seres. O homem seria colocado como ser inferior, desprovido dessa sabedoria e atrasado pelo fato de ter que aprender, “o que digo é que são seres atrasadíssimos – tão atrasados que ainda precisam aprender por si mesmos”.

Segundo Camargo, E.(2008), existem na obra *O saci*

[...] debates entre Pedrinho e o Saci acerca do saber letrado em oposição ao saber instintivo e, finalmente, as conversas dos dois, nas quais o Saci parece exprimir a visão pessimista de Lobato sobre o “bicho-homem”. [...] (CAMARGO, E., 2008, p.93)

Contraditoriamente, em *História das Invenções*, no capítulo *A boca*, o escritor apresenta o homem como superior aos animais, em todos os aspectos:

- Mas os animais também falam, vovó - advertiu Pedrinho. - Nós é que não entendemos a linguagem deles. Duas formigas que se encontram falam entre si na lingüinha delas e decidem coisas. Tenho observado isso muitas vezes.

- Sim, os animais também possuem linguagem, que nós não entendemos. É, porém, uma linguagem muito rudimentar, que de nenhum modo pode comparar-se à nossa. Eles também são inventores, mas em escala mínima. Em tudo somos mais, mais, mais, e em matéria de linguagem somos tremendamente mais.(LOBATO,M., [19--]b, p.1895)

Esta obra, mesmo considerando-se que em decorrência da metodologia adotada nesta pesquisa não lhe foi conferida leitura integral, permitiu-nos entrever a valorização que Lobato atribui à inteligência humana e ao desenvolvimento material dela resultante. Percebe-se outra contradição nesta valorização, já que em outras obras, o escritor aponta a inteligência como responsável pelo afastamento do homem de seu estado natural, a exemplo do conto *Era no Paraíso....* Outras referências a este respeito serão

retomadas no capítulo reservado às questões do desenvolvimento nacional na obra de Monteiro Lobato.

É possível encontrar na obra lobatiana referências a superioridade do instinto, em detrimento da inteligência humana, outra contradição identificada nos posicionamentos do autor. Em algumas passagens, como esta que está presente no 2º tomo de *A Barca de Gleyre*, Lobato apresenta esse estado natural do humano, o instintivo, como ideal:

As moscas! Vejo que são fontes de inspiração. Tens que ler o Fabre nos *Souvenirs Entomologiques* e admirarás a mosca e todos os bichinhos. Que maravilha o mundo superior do Instinto! Às vezes penso que a Inteligência não passa de fase rudimentar do instinto – fase em que o instinto em formação ainda vacila, escolhe e erra. Sobre o assunto mandei um artigo para *La Nación*, que receberás quando sair. (LOBATO, M., 1956b, p.257)

Refere-se, portanto, à superioridade do instinto e, conseqüentemente, dos animais, considerando a inteligência um estado rudimentar do instinto.

No excerto a seguir, do 1º tomo da mesma obra, os instintos são colocados como condutores à felicidade. Eles garantiriam a harmonia das coisas, ao contrário da razão, que é guiada pelo que é ditado pela religião, limitada pelas ordens médicas, ou pelos códigos, morais e legais, “ a razão é uma coisa cheia de padres e bispos, de professores e filósofos, de tiranias e sedimentações de vontades alheias”:

Sofrendo da vista? Que horror! Não será de ler muito á noite? A natureza vingasse da infração de suas leis. Á noite ela quer que durmas. Conselho pratico: só leia na cama livros que saciem logo e arranquem bocejos. Eu, se fosse medico de olhos, receitava Artur Goulart para a cura da mania de ler á noite. Ando a elaborar uma teoria da vida. Escuto a voz do corpo e a voz do espirito e ponho a Vontade ali de pé, muito solícita, para dar ás duas vezes tudo quanto elas pedem. Acho que não temos o direito de contrariar os desejos de nenhum dos dois cuja soma somos; se pedem algo, é por força de misteriosas elaborações alheias á nossa consciencia; e se não o damos, porque um tal papa assim o determinou, ou uma moda medica ou um codigo quer, isso será levar desarranjos e desharmonias ao fundo das celulas e preparar desastres futuros. Uma espinha que nos brote na asa do nariz talvez seja consecuencia de pequenina insatisfação dum pequenino desejo do espirito. O metodo de atender a todas as exigencias da “dupla” traz calma e serenidade. Os instintos mais sutis da nossa maquina, vendo que seus irmãos mais fortes são sempre atendidos, arriscam-se a espichar os pseudopodos; e encontrando o caminho livre realizam suas impalpaveis ambições, desse modo contribuindo para a Vida Perfeita. Que é que chamamos felicidade senão a perfeita harmonia entre corpo e alma, o perfeito funcionamento de ambos – a direção da vida entregue aos instintos – ou vozes misteriosas do nosso ignoto? Nunca entregue á razão. A razão é uma

coisa cheia de padres e bispos, de professores e filósofos, de tiranias e sedimentações de vontades alheias.(LOBATO,M., 1956a, p.126-127).

Uma versão acrescida de novos posicionamentos, mas que ainda mantém esta visão, prossegue no mesmo tomo. Novamente, Lobato valoriza o instinto, chegando a compará-lo ao mesmo que existe nos demais animais. Não anula a inteligência, mas sim a apresenta como complemento do instinto. Apresenta, ainda, a vantagem que seria poder prescindir da inteligência, pois isto tornaria o homem uma criatura exclusivamente natural. Diante dessas idéias, cabe perguntar, o que seríamos então para Lobato? Não somos exclusivamente naturais porque somos também culturais?

Descreve a superioridade em beleza, perfeição e felicidade dos demais animais por serem movidos apenas pelo impulso do instinto. Ao cachorro, por exemplo, declara ter sido castigado por afastar-se da natureza:

Você negou a superioridade da vida com base na vontade diretamente assentada na rocha viva dos instintos. É que não me expliquei bem. Imaginaste que na minha teoria o papel da inteligência era nulo, mas não foi o que eu disse e penso. A inteligência existe como complemento do instinto, como desenvolvimento ulterior deste. Exemplo: sinto uma irresistível impulsão para destruir: vou e faço desse impulso a base dos meus estudos militares e da minha vida militar, e com a maior segurança e glória torno-me Napoleão. Compreende? Agora, se prescindirmos da inteligência, muito melhor ainda, porque nos tornaremos criaturas pura e exclusivamente naturais. Um tigre, um beijaflor, uma árvore são coisas absolutamente belas, perfeitas e felizes, porque só movem levadas pelos impulsos do instinto. O pobre cachorro, só pelo fato de viver há uns milênios com o homem, adquiriu um pouco de inteligência e ficou uma coisa mais feia e infeliz que o lobo e sujeito a mais doenças – justo castigo de ter-se afastado da natureza. Diz você que é difícil saber o que o nosso instinto pede. Difícil saber quando temos fome ou vontade de mulher? Como, se o Instinto fala pelas maravilhosas bocas do Desejo, da Vontade e da Necessidade? E quero uma coisa: que você me aponte em tua vida um só ato bom, feliz e saudavel, que não tenha alicerces no instinto. Até em teu programa diario de estudo vejo o instinto – um instinto que sabe que é a força de método, de pouco-a-pouco, de tijolo a tijolo, que se arquitetam as grandes obras. O mesmo instinto que criou o método inextinguível das abelhas e formigas. O teu programa já existia no fundo dos formigueiros.(LOBATO,M., 1956a, p.131-132)

Percebe-se, portanto, a superioridade e valorização por parte de Lobato do que é natural, inclusive no próprio homem.

### **3.2 A natureza serve para quê? – Conhecer para dominar: uma concepção utilitarista**

Contrariamente à visão romântica, a concepção utilitarista, fortemente marcada pelos ideais da modernidade, prioriza, como mostra CARVALHO, I. (2002), o civilizado, o cultural, em oposição ao natural, que revela-se sinônimo do rústico, selvagem, e portanto, com a necessidade de ser domado (atentando-se que isto valeria também para a chamada “natureza humana”). Partindo-se então de uma visão antropocêntrica, as classificações da natureza decorrem da utilidade que seus elementos possam apresentar ao homem.

Esta postura de oposição ao natural sob a qual estruturou-se a sociedade moderna surge com a Renascença, onde firmam-se novos valores e formas de organização social contestadores a tudo que se aproxime ao padrão medieval (CARVALHO, I. 2002).

Nesta concepção de natureza, marcada pela dicotomia sociedade-natureza, a natureza assume o papel de objeto a ser conhecido, para então ser dominado e utilizado de acordo com as necessidades humanas.

De acordo com Cavalari (2007):

A bem da verdade, a dicotomia sociedade-natureza não é única, nem original. A visão dicotômica do real parece ser característica marcante do pensamento do Ocidente. Assim, a par da dicotomia homem-natureza, convivem as dicotomias corpo-alma, interior-exterior, matéria-espírito, homem-cultura, entre outras. A origem dessas dicotomias tem sido explicada como decorrentes da clássica separação entre sujeito-objeto que funda a teoria do conhecimento dos chamados povos ocidentais, acentuada a partir do século XVII, fruto do racionalismo e do empirismo, marcantes naquele período. Portanto, a necessidade de o homem submeter a Natureza aos seus desígnios, embora existente desde os primórdios da humanidade, ganha força a partir da Modernidade com o surgimento da Ciência e da Filosofia modernas. (CAVALARI, 2007, p.19)

Interessante relatar que, em pesquisa realizada por Cavalari, Campos, e Carvalho, L. (2001), já citada na introdução deste trabalho, os autores observam que, em alguns dos materiais por eles analisados, a dicotomia sociedade-natureza permanece inalterada mesmo quando, em alguns casos, há tentativa de superação da visão de homem como não pertencente à natureza e superior a ela:

[...] concepção de natureza como um depósito inesgotável de recursos e, conseqüentemente, numa relação utilitarista e antropocêntrica que, como vimos, é a mais freqüente entre as encontradas nos materiais analisados. De

acordo com essa concepção, justifica-se a existência da natureza na medida da sua utilidade: ela existe para a utilização e bem-estar do homem. Além dessa concepção marcada pela dicotomia podem se observar no material analisado algumas concepções que apontam para a superação dessa visão, na medida em que buscam compreender, de forma mais integrada e orgânica, a relação homem-natureza. No entanto, contraditoriamente, a visão dicotômica homem-natureza é enfatizada ainda quando se quer negá-la; parece que, na ânsia de superar a visão dicotômica, acaba-se por cair em um outro extremo. Dessa maneira, pode-se perceber, em alguns textos, a questão da dicotomia às avessas. Nesses casos, não é mais o homem o dono da natureza, mas a natureza a dona do homem. Ou ainda, não são os homens os superiores aos animais, mas os animais são superiores aos homens. Assim sendo, parece que os autores desses materiais permanecem reféns da concepção que pretendem superar. (CAVALARI; CAMPOS; CARVALHO, L., 2001, p.15-16)

Como também demonstrado por Cavalari (2007), uma concepção antropocêntrica da natureza resultaria em uma concepção utilitarista da mesma, já que “é exatamente porque o homem se concebe como superior, como senhor da Natureza, que esta é vista, unicamente, para servi-lo, para ser-lhe útil”(p.05). Esta questão poderá ser observada em alguns momentos da obra lobatiana.

Para Crupi (2008), em uma concepção utilitarista a natureza predomina como recurso natural, destinado à subsistência ou explorada por atividades lucrativas. Uma concepção utilitarista da natureza sempre acompanhara a humanidade, e seu desejo de controle da natureza, sendo que “a partir do início da modernidade que novas formas de pensar, especificamente o racionalismo cartesiano e o empirismo inglês, consolidam-se e viabilizam a realização desse projeto tão antigo” (CRUPI, 2008, p.53).

Iniciando a discussão da concepção utilitarista pelo proposto no livro *A Reforma da Natureza*, pode-se considerar que, nesta obra, apesar de a proposta central parecer girar sobre a interferência prejudicial do homem na natureza ordenada, perfeita e harmoniosa, em alguns momentos Lobato parece render-se aos benefícios de algumas alterações. Mesmo as intervenções de Emília sendo contestadas por Dona Benta, e na voz da própria natureza virem as reclamações e demonstrações dos prejuízos, algumas reformas são mantidas: reformas estas que guiam-se unicamente pelo aspecto utilitarista do homem.

[...]A Emília é mesmo uma danadinha. Outra coisa de que gostei muito foi o que ela fez com as pulgas. Entrei no meu quarto vi uns pontinhos prêtos parados no ar. Peguei um. Olhei. Era pulga, Sinhá, pulga parada no ar – e pulga mole,

Sinhá, mole como qualquer bichinho mole! Essa reforma foi boa, porque quanto mais velha fico, mais me custa pegar uma pulga daquelas do sistema antigo... Dona Benta aprovou a mudança das pulgas e também a das môscas e pernilongos. E com a sua grande sabedoria de filósofa, disse:  
 - Está bem, Emília. Vou examinar detidamente tôdas as reformas que você fêz, porque estou vendo que há muita coisa aproveitável.(LOBATO,M., 1967, p.72-73)

O excerto ilustra como estas reformas, responsáveis por certa comodidade aos seres humanos foram mantidas, declarando ainda Dona Benta a possibilidade de manter outras que seriam aproveitáveis. Isso demonstra que, apesar de defendida uma lógica, sabedoria, e equilíbrio na natureza, Lobato aprovaria que algumas coisas fossem modificadas, em benefício do homem.

Uma das reformas citadas, a relativa às moscas, demonstra a visão antropocêntrica que guia as modificações propostas, na qual inclusive atribui-se ao inseto o adjetivo “inútil” e “incômodo”:

- E as môscas? - perguntou a Rã.  
 - E as môscas - respondeu Emília - vão ficar sem asas, porque são uns bichinhos inúteis e incômodos.Sem asas terão de andar pela terra, como as formigas, e num instante as formigas dão cabo de tôdas. Para que môscas no mundo? Suprimindo as asas, liquidaremos com as môscas.(LOBATO,M., 1967, p.35-36)

Como demonstrado por Godoy (2001), as criações resultantes da reforma na natureza executada pelas personagens Emília e Rãzinha visavam “a praticidade imediata que satisfaça as suas necessidades” (p.03).

A mesma “inutilidade” atribuída aos demais seres em *A reforma da natureza* pode ser encontrada em *Os pequeninos*, do livro *Negrinha*. Neste excerto, entra em discussão a utilidade do personagem criar uma ema, utilidade esta que se declara inexistente, oferecendo apenas uma função decorativa que conferiria um certo *status* ao dono:

[...]Domar uma ema corresponde a domar um potro. Exige o mesmo muque. Mas são aves de boa indole. Domesticam-se facilmente e eu andava querendo ter uma em meus cercados.  
 - São de utilidade? perguntou o utilitario da roda.  
 - De nenhuma; apenas enfeitam a casa. Aparece um visitante. “Viu minha ema?” – e lá o levamos a examina-la de perto, a assombrar-se do tamanho, a

abrir a boca diante dos ovos. São assim como uma laranja baiana das graúdas.(LOBATO,M., 1956j, p.147)

Em outro excerto de *A Reforma da Natureza*, constante na segunda parte do livro, percebe-se a utilização de algumas espécies em experiências científicas realizadas pelo Visconde de Sabugosa. Estas espécies, no entanto, são classificadas como “animais vagabundos”, demonstrando uma certa hierarquia entre os seres não humanos estabelecida pelo humano, e que lhe confere o direito de utilizá-las como quiser. É o que está implícito em: “E lá fizemos o que êle chama experiências *in anima vile*, isto é, experiências em animais vagabundos, como formiga, grilo, pulga, centopeia e minhoca” (1967, p.119).

Lobato, que se tornara fazendeiro em razão das terras que herdara do avô, apresenta-se como o próprio sujeito dessa interferência na ordem natural em carta enviada a Godofredo Rangel, constante no 1º tomo de *A Barca de Gleyre*. Considerando a manipulação das espécies em busca de melhor excelência na criação, declara ao amigo as idéias sobre o cruzamento entre raças de aves, sem deixar de citar a questão econômica envolvida:

[...]Não calculas, Rangel, como tomo a serio a lavoura, nem que belezas ha na vida do solo. O cruzamento das raças, a hibridação, a seleção – mundos! Tudo biologia ali na fonte. Estou empenhado em fixar uma nova raça de galinhas por meio do cruzamento da Wyandotte Silver-laced com uma raça crioula que encontrei aqui, muito rustica e adaptada. Aplico os processos americanos, que nisto são incomparaveis e têm formado raças maravilhosas. Adoro uma ninhada de pintos – penugentas biologias vivas. Que pena não te interessares pelo assunto! Ensejo de trocarmos cartas utilissimas. Poderás começar criando galinhas – ha de haver aí lugar para elas. Minas é grande. E apurarás um raça, selecionarás. Impossivel melhor distração, e mais nobre, para um homem de letras. Paderewsky é um dos primeiros criadores do mundo. Tem uma *basse-cour* avaliada em 2 milhões de francos. Pintos que piam em sustenido e galos que cantam em lá menor.(LOBATO,M., 1956a, p.330)

Em outra carta, Lobato apresenta esta mesma relação utilitária, resultante de uma visão antropocêntrica da natureza, ao, utilizando-se de metáfora, comparar sua derrubada de “árvore inútil” ao que deveria Rangel realizar aos seus romances. Fica explícito neste excerto que, em sua fazenda, a derrubada de árvores ocorria de acordo com a utilidade que estas lhe apresentam:

Venho por-me em dia. Não ha duvida, os teus *Pioneiros* ganharão com algum desbaste a foice, sabiamente feito nalguns trechos que me parecem muito copados. É o que estou fazendo aqui numa chacara que foi de meu avô: desbastando, derrubando tudo quanto é árvore inutil. Só ficam as arvores que dão renda. Pés de cambucá que produzem mal e frutas enferrujadas – machado neles! Mangueiras maninhas – machado nelas! No romance tambem é assim. Tudo que for inutil ao progressivo efeito central pede foice e machado. Podar, podar! Eis o grande segredo. Desbastar. O que fica eleva-se, ganha realce.(LOBATO,M., 1956a, p.303-304)

A consideração da existência de leis na natureza, regulares e previsíveis, que segundo o projeto da modernidade deveriam ser conhecidas para serem previstas e dominadas, também aparece na obra lobatiana.

Cumprе destacar que, em Crupi (2008), uma das características elencadas para a “concepção científica” de natureza é justamente ser a natureza “regida por leis, as quais podem ser conhecidas pelo homem mediante a utilização do método científico” (p.76).

Em *A lampreia*, de *Histórias Diversas*, Dona Benta externaliza o conceito de que a natureza possui leis de funcionamento inalterável:

- Meu filho, pode ser que você engane Emília ou Narizinho; mas quem tem mais de sessenta anos de experiência neste mundo sabe que as leis naturais não sofrem exceções. Se esta pitangueira está dando jabuticabas, isso não quer dizer que tenha havido mudança nas coisas, e sim que algum “espírito santo de orelha” fez o milagre – e sacudiu o queixo do menino. (LOBATO,M., 1982, p.23)

Em *O pau vivente*, parte do livro *O irmão de Pinóquio*, que compõe a obra *Reinações de Narizinho*, percebe-se novamente a consideração de uma natureza inalterável:

- Eu acho - observou ele cuspindo um pigarrinho - que não é preciso ir à Itália para descobrir madeira com "propriedades pinoquianas". A Natureza é a mesma em toda parte; e se lá há disso, não vejo razão plausível para que não o haja aqui também. Logo, se você procurar, bem procurado, é possível que descubra em nossas matas algum "exemplar esporádico da mirífica substância".(LOBATO,M., 2003, p.107-108)

Em *A velhinha*, de *Mundo da Lua*, Lobato cita a existência de um mecanismo implícito da natureza de predeterminação do futuro. A partir disso, todo fenômeno seria resultante da soma de fatores a ele precedentes. O futuro estaria condicionado aos atos presentes:

[...]Para a mecânica das forças naturais o futuro está rigorosamente predeterminado pelos fatores que o terão como resultante.  $A+B+C+D+\dots=F$ . Enquanto se vão seriando os fatores cuja resultante está no futuro, *pari-passu* se vai predeterminando o futuro, que não existe mas já está condicionado. Isto é imagem grosseira do como procede o mecanismo da natureza, agindo com milhões de fatores que em absoluto escapam à percepção humana consciente. *Consciente*, porque pela percepção inconsciente esse total-futuro é às vezes vislumbrado. Como? Ignoramos. Temos a palavra pressentimento para nomear o fenómeno, e contentamo-nos com isso.(LOBATO,M., 1956h, p.85)

Se o futuro é predeterminado por fatores seriados, e afirma-se que assim “procede o mecanismo da natureza”, poderíamos questionar se os desequilíbrios ambientais seriam, então, resultantes de uma desarmonia causada pela interferência humana em uma ordem perfeitamente pré-estabelecida e previsível.

No capítulo *A floresta*, de *O saci*, a necessidade de conhecer a natureza, desvendar-lhe estas leis e seus mistérios para, então, apropriar-se dela e dominá-la, aparece no diálogo entre Pedrinho e o Saci:

- Pois assim é - continuou o saci. - A lei da floresta é a lei de quem pode mais - ou por ter mais força, ou por ser mais ágil, ou por ser mais astuto. A astúcia, principalmente, é uma grande coisa na floresta. Está vendo ali aquele galhinho seco?

- Sim. Um galhinho como outro qualquer - respondeu o menino.

- Pois está muito enganado - replicou o saci. - Não é galho nenhum, sim um bichinho que finge de galho seco para não ser atacado pelos inimigos. Pedrinho não quis acreditar mas, cutucando o galhinho viu que ele se mexia. Ficou assombrado da esperteza.

- Bem diz vovó que a mata é perigosa! Um que não sabe há de levar cada logro aqui...

- É aquilo? - perguntou o saci apontando para uma folha. - Que parece a você que aquilo é?

Pedrinho olhou; viu bem que era uma folha de árvore; mas como já estava ficando sabido nas traições da floresta, piscou para o saci e disse:

- Desta vez não caio na esparrela. Parece que é uma folha, mas com certeza é outro bichinho que se disfarça em folha.

E cutucou-a para ver se mexia. A folha, porém, não se mexeu.

- É folha mesmo, bobinho! - disse o saci dando uma risada.- Inda é muito cedo para você "ler" a mata. Isto é livro que só nós, que aqui nascemos e vivemos toda vida, somos capazes de interpretar. Um menino da cidade, como você, entende tanto da natureza como eu entendo de grego.

- Realmente, saci! Estou vendo que aqui na mata sou um perfeito bobinho. Mas deixe estar que ainda ficarei tão sabido como você.

- Sim, com o tempo e muita observação. Quem observa e estuda, acaba sabendo. Aqui, porém, nós não precisamos estudar. Nascemos sabendo. Temos o instinto de tudo.(LOBATO, [19--]g, p.214)

A natureza, quando desconhecida, é perigosa. Ela é um livro que precisa ser interpretado, “é um livro que só nós, que aqui nascemos e vivemos toda vida, somos capazes de interpretar”, sendo, no entanto, que esta interpretação não é facilmente realizada por aquele que vive na cidade, “um menino da cidade”. Para compreendê-la é necessário estudo, tempo e “muita observação”. Ou seja, o homem, com seus conhecimentos, pode ler a natureza. Poderíamos inferir que a mensagem aqui expressa é a de que a natureza necessitaria ser conhecida para ser então dominada, sendo a ciência humana quem lhe conferiria tal poder?

A respeito da referência à “natureza como livro”, cabe-nos destacar que, em seus estudos, Cavalari (2007) elenca-a como uma das concepções de natureza encontrada nos livros didáticos por ela analisados.

Integrando a pasta “Monteiro Lobato e Meio ambiente”, do arquivo da Biblioteca Monteiro Lobato de São Paulo-SP, já citada na introdução desta pesquisa, há uma fotocópia de prefácio assinado por Monteiro Lobato, do *Guia Botânico da Praça da República e do Jardim da Luz*, de autoria de A. Usteri, datado de 1919, em que o jardim é apresentado como “verdadeiro livro aberto com linguagem inteligível” :

A lembrança do Sr. Usteri, de organizar um guia botânico para os principais jardins paulistanos, foi das mais felizes. Vem tornar estes parques susceptíveis de serem *lidos e entendidos* pelos leigos curiosos de se iniciarem em história natural pelo ramo mais atraente que é sem dúvida a botânica.

O Guia habilita-os a classificar com facilidade as plantas em questão, conhecer-lhes os nomes populares e a procedência de cada espécie.

Os jardins serão dest’arte, para os estudiosos, munidos de Guia, um verdadeiro livro aberto com linguagem inteligível.

Quem não sabe é como quem é cego. A mesma natureza que assombra o naturalista, e arrebatou os Humboldt, os Darwin, é tão incógnita para o ignorante, como um livro para o analfabeto. Este folheia o livro, aquele perambula através da natureza sem perceber as ideias encerradas no primeiro nem apreender a maravilhosa harmonia da segunda. Abram-se-lhe os olhos porém, e eles se quedarão extasiados. Tudo que era enigma torna-se lei, o que era obscuro ilumina-se, a aparente desordem das coisas trahe-se como a ordem suprema, e o iniciado, se crente, genuflecte diante da Providência; se determinista, enlewa-se no fenómeno maravilhoso da evolução. O Guia cura apenas da iniciação botânica, não abrange o jardim na integralidade do seu aspecto ecológico. Mas ainda assim presta notável serviço á leitura do jardim, e servirá de estímulo para que algum dia se faça um precioso guia geral, espécie de chave científica por meio do qual os visitantes possam sair dali como quem sahe duma fecunda escola ao ar livre: aumentados nos seus conhecimentos da natureza pelo estudo daquella formoso trecho ageitado pela mão do homem. (LOBATO, 1919, grifo do autor)

Na obra lobatiana também pode ser percebida a imposição de uma ordem humana ao natural, de regularidade e simetria. Sobre este assunto, Thomas (2001a) escreve:

[...] A prática de plantar cereais ou vegetais em linhas retas não era apenas um modo eficiente de aproveitar espaços escassos; também representava um meio agradável de impor a ordem humana ao mundo natural desordenado.[...] Esmero, simetria e padrões formais sempre foram a maneira caracteristicamente humana de indicar a separação entre cultura e natureza. Mas a tendência para o cultivo uniforme parece, no mínimo, ter aumentado no início do período moderno.[...](THOMAS, 2001a, p.304-305)

Em *O drama da geada* nota-se a sobreposição da ação humana sobre o natural vista como arte, a imposição de um ordem na plantação em oposição ao crescimento natural desorganizado. No mesmo excerto, nota-se a necessidade de dominação, com a declaração de que, dominada, subjugada, a natureza torna-se não mais adversária, mas uma acolhedora e contribuidora mãe, “a natureza depois de subjugada é mãe; mas o credor é sempre carrasco...”.

Chamam muita atenção o terceiro e quarto parágrafos do excerto selecionado. Neles há uma referência de piedade para com a situação das árvores deixadas em meio ao cafezal, “órfas da mata nativa”. Enfatiza-se um ser esteticamente feio e deslocado, que beira ao grotesco, além das condições do ambiente que as prejudicariam, como excesso de ar, de luz, a falta das demais árvores. Nestas condições, antropomorficamente, as árvores sentiriam vergonha, dor. O surpreendente vem após essa declaração: há a sugestão não para a preservação e respeito às áreas nativas e ao demais seres, mas sim para que *todas* as árvores de um cafezal sejam cortadas. A justificativa? Um argumento que prioriza o estético e atribui à árvore características humanas:

Tocamos os animais a passo, com os olhos sempre presos ao cafezal intermino. Sem um defeito de formação, as paralelas de verdura ondeavam, acompanhando o relevo do solo, até se confundirem ao longe em massa uniforme. Verdadeira obra d’arte em que, sobrepondo-se á natureza, o homem lhe impunha o ritmo da simetria.

- No entanto, continuou o major, a batalha ainda não está ganha. Contraí dividas; a fazenda está hipotecada a judeus franceses. Não venham colheitas fartas e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas. A natureza depois de subjugada é mãe; mas o credor é sempre carrasco...

A espaços, perdidas na onda verde, perobeiras sobreviventes erguiam fustes contorcidos, como galvanizadas pelo fogo numa convulsão de dôr. Pobres árvores! Que destino triste verem-se um dia arrancadas á vida, em comum e insuladas na verdura rastejante do café, como rainhas prisioneiras á cola de um carro de triunfo! Orfãs da mata nativa, como não hão de chorar o conchego de outrora? Vêde-as. Não têm o desgarre, o frondoso de copa das que nascem em campo aberto. Seu engalhamento, feito para a vida apertada da floresta, parece agora grotesco; sua altura desmesurada, em desproporção com a fronde, provoca o riso. São mulheres despidas em publico, hirtas de vergonha, não sabendo que parte do corpo esconder. O excesso de ar as atordoa, o excesso de luz as martiriza – feitas que estavam ao espaço confinado e á penumbra sonolenta do *habitat*.

Fazendeiros desalmados – não deixeis nunca arvores pelo cafezal... Cortai-as todas, que nada mais pungente do que forçar uma arvore a ser grotesca.

- Aquela perobeira ali, disse o major, ficou para assinalar o ponto de partida deste talhão. Chama-se a peroba do Ludgero, um baiano valente que morreu ao pé dela estrepado numa jissara...(LOBATO,M., 1956j, p.23-24)

Já em *A violeta orgulhosa*, primeiramente, atribui-se às zínias, um tipo particular de flor, uma certa racionalidade, onde qualquer imperfeição provém de um erro, já que sua constituição resulta de uma ação consciente. Narizinho, ser humano, classifica-a, então, de inferior, guiada por um senso estético que cobra regularidade, ordem e perfeição. Assim, Visconde intervém, disposto a manipulá-las e torná-las satisfatórias para o julgamento humano, afirmando “discipliná-las”. Nota-se que, esta modificação, passa pela “metodologia científica”; é o conhecimento científico que permite ao homem esta intervenção para alterar a natureza a seu favor:

O canteiro do Visconde era apenas experimental, coisa mesmo de sábio. Tempo houve em que só havia ali zínias – a *Zinnia elegans*, a menos elegante de todas as flores.

- São umas perfeitas tontas! – havia dito certa vez Narizinho. Nunca acertam a mão, nem na forma, nem na cor. A cor das zínias é sempre atrapalhada.

- Como atrapalhada?

- Não é bem uma cor certa – é um “entre-côr.” Fica no meio, não vai até ao fim. O côr-de-rosa das zínias não é bem cor-de-rosa, nem vermelho, nem carmim, não é bem coisa nenhuma. A zínia parece uma flor que ainda está apalpando, procurando o que ser – e não sabe o que quer.

E colhendo uma para amostra:

- Olhe esta, por exemplo. As pétalas não têm cor do lado de baixo, só no de cima; não são como as daquele cravo ali, que têm a mesmíssima cor no direito e no avesso. As pétalas das zínias têm direito e avesso, como certas chitas ordinárias. E repare que as pétalas são ora muito compridas, ora muito curtas – irregularíssimas. E nascem sem ordem nenhuma aqui neste miolo do centro, o qual miolo é também muito irregular: vai desde as rodelinhas perfeitas das margaridas até esta espécie de comprido dedal, ou copa de cartola do tempo de dantes. Aqui está uma assim – e Narizinho colheu uma muito grotesca, com a sua enorme copa de cartola ou dedal, de onde saíam três ou quatro “tentativas” de pétalas. “Botar pétalas aqui, veja que asneira! Não é lugar de

pétalas, e sim dos estames e pistilos, como o Visconde já me explicou. Estas porcariazinhas de pétalas nasceram aqui por engano, por erro da flor. As zínias erram muito, tal qual meninos vadios que nunca sabem a lição. Estas pétalas tontas, vendo o erro, pararam de crescer, ficaram bobamente fora do lugar certo – e a menina as foi arrancando sem dó de todas as zínias erradas ali do canteiro. “Espirros de pétalas, bolas! Até os talos as zínias não sabem fazer. Repare. Uns talos ocos, fraquíssimos, que a gente pega e já quebram, ou pendem. Também não sabem fabricar folhas bonitas. Veja como são ásperas, pura lixa. E dum verde feio, sujo. E de forma deselegante.”

Foi por causa dessas críticas de Narizinho que o Visconde resolveu encher o seu canteiro só daquela flor, para estudá-las e aperfeiçoá-las por meio da seleção e fixação das qualidades. “Hei de disciplinar estas boêmias tontas” – dizia o sabuguinho científico. (LOBATO, M., 1982, p.14-15)

Da visão antropocêntrica da natureza resulta outra atitude humana: atribuir aos demais seres vivos características antropomórficas.

Exemplos de antropomorfismo podem ser encontrados em diversas obras, como em *Uma história de mil anos*, do livro *Negrinha*:

A juriti, pombinha eternamente magoada, é toda *us*. Não canta, geme em *u* – geme um gemido aveludado, lilás, sonorização dolente da saudade.

O caçador passarineiro sabe como ela morre sem luta ao mínimo ferimento. Morre em *u*...

Já o sanhaço é todo *as*. Ferido, debate-se, desfere bicadas, pia lancinante.

[...]

Que amiga dos contrastes é a natureza!

Ali naquele barranco crescem no arido as samambaias. Rijas, ásperas, corajosas, resistem aos ventos, aos enxurros, ao cargueiro que as esbarra, ao viandante distraído que as chicoteia. Batidas, reerguem-se. Cortadas, rebrotam. Esmagadas, revičam. Cínicas!

Mais adiante, na prota fria onde tudo é sombra e cerração, ergue-se a espaços, em meio dos caetês valentes e dos fetos rendados, a solitaria begonia.

Timida e fragil, o menor contacto a magoa. Toda ela – caule, folhas, flores – é a mesma carne tenra de criança.

Sempre os contrastes.

Os eleitos da sensibilidade, os martires da dor – e os fortes. A juriti e o sanhaço. A begonia e a samambaia. (LOBATO, M., 1956j, p.135-136)

Nos contrastes demonstrados, de um lado a fragilidade, sensibilidade e os sofredores. De outro, a força e a coragem. À juriti, as ações são manifestações da magoa por ela sentida, uma mágoa marcada pela saudade. As samambaias, caracterizadas como corajosas e cínicas. Os caetês, valentes. A begônia, solitária, tímida, frágil e sensível à mágoa. Nota-se, portanto, a atribuição de sentimentos humanos à animais e vegetais.

Em *O mata-pau*, conto de *Urupês*, trava-se um diálogo sobre a ação da árvore

parasita, “árvore assassina” (1966, p.203). Questionada a convivência da árvore prejudicada:

- Que é que ha de fazer? Não desconfia de nada, a boba. Quando vê no seu galho uma isca de quatro folhinhas, imagina que é parasita e não se precata. O fio, pensa que é cipó. Só quando o malvado ganha alento e garra de engrossar, é que a arvore sente a dôr dos apertos na casca. Mas é tarde. O poderoso daí por diante é o mata-pau. A arvore morre e deixa dentro dele a lenha podre. (LOBATO,M., 1966, p.204-205)

A árvore, ingênua, não possui desconfiança, não se precave, e é dotada de imaginação. Sua incapacidade de desconfiar das intenções do parasita a leva à dor e à morte. Um jogo de poderes característico de relações humanas.

Em excerto de *Negros*, do livro *Negrinha*, os animais ganham a capacidade de amar. Na voz da personagem, os periquitos realizam ações intencionais; são, também, exemplos de amor e cumplicidade que nem entre os homens se observa:

- [...]Mas amará ele a alguém?  
 - Pois de certo. Quem não ama neste mundo? Os passarinhos, as borboletas, as vespas...  
 [...]  
 - Dizem que se querem tanto, os periquitos, que quando um morre o companheiro se mata. Tio Adão teve um assim, que se afogou numa pocinha d’agua no dia em que a periquita morreu. Só entre os passaros ha coisas dessas...(LOBATO,M., 1956j, p.90-91)

O antropomorfismo é recorrente em obras infantis, apresentando-se como um recurso literário, podendo-se encontrar, portanto, referências diversas aos personagens animais ou vegetais que ganham vida e passam a agir e sentir como os humanos.

Só para constar um exemplo deste gênero, apresenta-se aqui uma pequena passagem de *O garimpeiro do Rio das Garças*<sup>8</sup>: “quando o jacaré percebeu que estava com as calças na boca e com o dono delas já lá longe, ficou desapontadíssimo” (1993, p.32). O animal, desejando ganhar a presa, é invadido pelo “desapontamento”, ao verificar que falhou em sua ação.

<sup>8</sup> Esta obra foi publicada em 1924; trata-se de um livro menos conhecido pelos leitores dentre a obra de Monteiro Lobato, e que não fora incluído nas Obras completas, organizadas e publicadas em 1946. A edição mais recente é de 1993, separada por um período de 53 anos da edição anterior. Estas e mais informações sobre a obra podem ser encontradas em: BIGNOTTO, C. João Nariz, o garimpeiro que virou raridade. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J.L. (Org.) *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: Ed.UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008 .

Este recurso de atribuir à natureza características humanas não é exclusivamente utilizado por obras literárias. A este respeito, citamos Cavalari, Campos, e Carvalho, L. (2001) que, em pesquisa a materiais impressos relativos à educação ambiental no Brasil, cadastrados no Banco de Publicações de Educação Ambiental, organizado pelo Instituto ECOAR para a Cidadania, a saber, cartilhas, livros didáticos, livros paradidáticos, literatura infanto - juvenil, folders, cartazes, periódicos, jogos, expressam a recorrência da antropomorfização:

[...]um outro aspecto pode ser ressaltado a partir da análise do material. Trata-se do constante uso do recurso de antropomorfização, utilizado nos diferentes tipos de material pelos diferentes autores. A antropomorfização de elementos da natureza aparecem tanto nos desenhos e ilustrações quanto nos textos das obras.[...] (CAVALARI; CAMPOS; CARVALHO, L., 2001, p.13)

Da mesma forma, pode-se encontrar na obra lobatiana comparações ou atribuições de características animais aos seres humanos, em um movimento inverso: leia-se no conto *Negros*, do livro *Negrinha*, passagens como “criança é como ave: cria pena, avôa. O mundo é grande – andam pelo mundo avoando...”(1956j, p.73) e “bobagens, muxoxou a mucama, trepando á pitangueira com agilidade de macaco” (1956j, p.98); ou expressões como “é tão mosca-morta o Galeno...[...]” (1966, p.183) em *Pollice verso* de *Urupês*.

Quanto à atribuição de utilidades à natureza, partindo-se de uma visão antropocêntrica, citamos os estudos de Fensterseifer (2005) que também as identifica, dentre outros apontamentos, nos episódios da série televisiva por ela analisados:

Como a natureza está representada nesta série televisiva e nos vídeos que colocam tal série em circulação? Penso ser possível afirmar que a natureza é representada no *Sítio do Picapau Amarelo* através de oposições binárias, tais como as que a configuram ora como ameaçadora ora como ameaçada; ora como útil, ora como nociva.[...]

O apelo ecológico é bastante característico nos vídeos analisados, principalmente em *As caçadas de Pedrinho*. Ao que parece, as preocupações com as questões ambientais não se faziam presentes na literatura da coleção *Sítio do Picapau Amarelo*, e esta é uma problemática que ganha este sentido bem mais recentemente. Nos livros, nos quais se inspiraram os episódios relativos às análises conduzidas [O Saci, Caçadas de Pedrinho e O poço de Visconde], a natureza apresenta-se como uma ameaça e as posições utilitaristas são bem freqüentes[...]

Nos vídeos, ao mesmo tempo em que se utiliza um discurso que pode ser associado a preocupações com a problemática ambiental, é posto, também, em

circulação, um outro discurso que representa a natureza de modo utilitarista e antropocêntrico – é dela que o ser humano retira tudo o que precisa para sobreviver. Assim, exclui-se o humano da natureza, ao deixá-lo à parte dela. Reafirmam-se, também neste discurso, os “poderes” (plenos), que o homem detém sobre a natureza, ao destacar-se, especialmente, a utilidade que essa tem para ele.[...] (FENSTERSEIFER, 2005, p.95-96)

Desta maneira, verifica-se que a visão utilitarista da natureza está presente não apenas na literatura de Monteiro Lobato, como também em sua adaptação para a televisão.

#### **4. A RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA**

Como já apontado, Gonçalves (1998) afirma que as relações estabelecidas pelas sociedades com o meio ambiente são decorrentes do conceito de natureza que instituem, sendo ele um conceito cultural, e não natural. Sendo cultural, portanto, esse conceito varia nos diferentes momentos históricos e de acordo com as características culturais de quem o formula.

De acordo com Cavalari (2007):

As relações sociedade-natureza, no chamado mundo ocidental, têm sido marcadas, fundamentalmente, como uma relação de oposição, de confronto. De um lado, encontra-se o homem, ser frágil e inseguro; de outro, a Natureza, forte e poderosa. Entretanto, paulatinamente, esse ser frágil, graças à sua inteligência e engenhosidade, conseguiu subjugar, quase que totalmente, a Natureza a si e a seus desígnios. Esse domínio do homem sobre a Natureza têm sido visto como algo positivo, como motivo de orgulho para a humanidade. (CAVALARI, 2007, p.19)

As relações sociedade-natureza demonstradas por Lobato em suas obras novamente mostram-se, muitas vezes, contraditórias, e podem ser compreendidas como decorrentes do momento pessoal vivido pelo autor: nota-se que, em períodos de maior envolvimento com questões do desenvolvimento nacional, como a do ferro e do petróleo, o discurso lobatiano carrega-se de maior defesa à exploração dos recursos naturais. Influenciado por uma visão mais romântica da natureza, critica, então, a intervenção destrutiva e perturbadora da ordem natural.

##### **4.1 Sociedade: afastamento e destruição da natureza**

Em diversos momentos da obra lobatiana, seja na obra adulta ou infantil, a sociedade estabelece com a natureza relação destrutiva, seja da fauna ou da flora.

Homem e natureza são apresentados como opostos, em um discurso em que o humano não é apenas um ser alheio, afastado do natural pela civilização e pela cultura, mas um ser do qual a natureza se beneficiaria imensamente se não existisse. Em um todo perfeito e harmonioso que é a natureza, o homem destoa, “estraga” essa perfeição.

Como revela Crupi (2008), a dicotomia sociedade/natureza encontra-se de forma tão acentuada nas representações da realidade, ao ponto do significado de “natureza” ser constantemente associado a ambientes que excluem ou minimizam a presença humana.

Essa dicotomia parece bastante arraigada nas representações de Lobato, considerando que em suas referências à natureza a descrição é de um quadro no qual, por inúmeras vezes, o homem está excluído. Além disso, quando este aparece, é constantemente vinculado à imagem de destruição de um ambiente perfeito, em que predominam as espécies vegetais e as demais espécies animais.

Considerando isto, é possível entrever em alguns momentos da obra de Monteiro Lobato características do que Crupi (2008) classifica como “concepção naturalista” da natureza. Nesta concepção, o homem não está incluso na natureza, é um ser alheio a ela, em que esta se limita como “conjunto de elementos naturais não-humanos, por exemplo, nas referências à vegetação, às condições geográficas e ao clima” (p.70). Assim como na concepção utilitarista da natureza elencada por Crupi, a concepção naturalista enfatiza a dicotomia ser humano-natureza (Crupi, 2008).

Dona Benta, em *Geografia de Dona Benta*, apresenta o homem como um ser que “até agora não descobriu o meio de viver em harmonia com a Natureza nem consigo mesmo” (1977, p.46). Essa desarmonia traduz-se em ações destrutivas, apresentadas com objetivo único de destruir, como consequência de ações que o homem realiza pensando apenas em seu benefício, ou como atos gerados por uma mentalidade tão criticada em sua obra, a saber, do caboclo. A este último elemento refere-se aqui uma passagem do texto *O mata-pau*, de *Urupês*, em que para a cultura do homem da roça, tão criticada por Lobato, a destruição de um elemento da natureza transforma-se em demonstração de virilidade, de ser homem:

O rapaz pediu-lhe que pusesse em prova a sua virilidade.

O pai refletiu e disse:

- Derrube o jataí da grotinha, sem tomar folego.

Elesbão afiou o machado, arregaçou as mangas e feriu o pau. Em toada de compasso, bateu firme a manhã inteira. À hora do almoço, o *pan pan* continuava sem esmorecimento. Só quando o sol aprumou no pino é que a madeira gemeu o primeiro estalido.

- Está no chão, disse o pai, que se acercara do filho exausto mas vitorioso. Pode casar. É homem.(LOBATO,M., 1966, p.206)

Um texto que demonstra claramente este homem destruidor, em oposição à uma natureza superiormente perfeita, é *Homo sapiens* de *Onda Verde*.

Motivado por um sentimento de revolta contra as atrocidades cometidas pelo homem, principalmente aquelas que se voltam contra as vítimas inocentes dos tempos de guerra, propõe a deposição do homem de sua condição de rei da terra, tendo o lugar assumido por outro animal.

Convoca, então, diversas espécies para se unirem e voltarem-se contra o “gorila que evoluiu e, senhor da Inteligencia e da Má Fé” (1956c, p.61), e que os oprime e escraviza. Assim, o globo terrestre ganharia em amabilidade, que Lobato classifica como “carater do que é digno de ser amado” (1956c, p.59), o que não é gerado pelas mãos humanas.

Lobato apresenta a inferioridade da inteligência comparada ao instinto, sendo ela a fonte de todos os males. É possível perceber a superioridade animal diante dos homens no seguinte excerto:

Que perfeição nas abelhas! A mais rudimentar colmeia constitue ideal inatingível ao senhor da inteligencia. As aves e os insetos sorriem dos seus progressos de aviação. Os rouxinóis não lhes toleram os Carusos. Os ratos zombam da guerra que eles lhes declaram. Os pombos apiedam-se da sua pobreza de instintos. Esvoaçando num hospital, a mosca, tão bem aparelhada para a vida, tão segura de vôo, tão aguda de faro, tão precisa nos fins, vê a miseria fisiologica do homem qual um monturo infeto de que só ela sabe tirar bom partido (LOBATO,M.,1956c, p.62)

Na vida “perfeita de ritmo e de beleza” (1956c, p.62) dos animais, qualquer perturbação é causada pelo homem. As interferências humanas no meio ambiental, ou nas relações que o homem trava com as demais espécies, trazem sempre resultados negativos. Esta crítica inclui até a apropriação do mel das abelhas e a utilização de animais para tração.

O homem é apresentado como “cultor consciente da arte da dôr”(1956c, p.63) ou “o próprio mal encarnado” (1956c, 63), que dentre tantas interferências maléficas, segue “matando, esfolando, torturando, saqueando, desnaturando, perturbando a harmonia das coisas” (1956c, p.63). Segundo Lobato, nada diferente poderia ser esperado daquele que comete injustiças e crueldades contra a própria espécie, ao que cita Hobbes para enfatizar esta idéia: “lobo de si próprio” (1956c, p.63).É contra este homem que os animais são convocados a se unirem e não mais submeter-se.

Algumas das destruições criticadas, ou simplesmente retratadas pelo autor em algumas de suas obras, referem-se nos excertos analisados à destruição das matas e à caça de animais. É no conto *Os pequeninos*, do livro *Negrinha*, que declara na voz de uma personagem: “Ora, não ha ema que não fuja do homem – nem ema, nem animal nenhum. Nós somos o terror da bicharia toda” (1956j, p.148).

É recorrente nas obras de Lobato, tal como em diversos autores, como reflexo dos costumes de sua época, a referência à caça de variadas espécies animais. Em alguns momentos, as caçadas são relatadas sem nenhuma crítica, apenas como relatos de situações vivenciadas sem juízo moral sobre elas.

O excerto selecionado do conto *Negros*, de *Negrinha*, refere-se a uma caça que não se destina à sobrevivência, proteção ou alimentação, mas simplesmente a um “duelo” entre homem-animal, onde, aparentemente, o homem tenta demonstrar sua superioridade:

Lembro-me bem – era domingo e eu, de vadiagem, saí cedo a passarinhar. Seguiu pela margem do ribeirão tocaiando os passaros ribeirinhos. Um picapau de cabeça vermelha zombou de mim. Errei a bodocada e, metido em brios, afreimei-me em persegui-lo. E, salta daqui, salta dali, quando dei acordo estava embrenhado na gruta da cachoeira, onde num galho de ingá, pude visar melhor a minha presa e espelotea-la. Caiu a avezinha longe do meu alcance; barafustei pela trama dos taquaris para colhe-la.[...] (LOBATO,M., 1956j, p.84-85)

Aqui, a perseguição à caça parece ser impulsionada pelo suposto “zombar” da ave. À ave é atribuída uma característica que não lhe cabe, um ato que parece justificar uma ação que, eticamente, não poderia ser justificada.

Em *Caçadas de Pedrinho*, capítulo *Os habitantes da mata se assustam*, tem-se a declaração de guerra entre homens e animais. Em decorrência da caçada da onça

pelos habitantes do *Sítio*, primeiramente os animais sentem-se todos ameaçados, e além do medo e da defesa, são tomados por desejo de vingança pela onça morta e motivados a adotar medidas de segurança, “vamos reunir uma assembléia de todos os bichos, para discutirmos o caso e tomarmos as medidas necessárias à nossa segurança”. Para os animais:

[...]E se essas crianças haviam matado a onça dominadora da mata, com muito maior facilidade matariam a qualquer outro filho das selvas, fosse veado, paca, tatu ou mesmo capivara.

- A situação é bastante grave - disse, por fim, o animalão, depois de muito pensar e repensar. - Vejo que esses meninos constituem um grande perigo para nós aqui. Vou reunir uma assembléia de todos os bichos, para discutirmos o caso e tomarmos as medidas necessárias à nossa segurança.(LOBATO,M., [19--]a, p.166)

Prosseguindo o texto, ao tentarem levantar sugestões para a salvação dos demais animais do alvo dos habitantes do *Sítio*:

Um jabuti adiantou-se e disse:

- O meio que vejo é mudar-nos para outras terras.

- Que terras? - replicou a capivara. - Não há mais terras habitáveis neste país. Os homens andam a destruir todas as matas, a queimá-las, a reduzi-las a pastagens para bois e vacas. No meu tempo de menina podíamos caminhar cem dias e cem noites sem ver o fim da floresta. Agora, quem caminha dois dias para qualquer lado que seja dá com o fim da mata. Os homens estragaram este país. A idéia do jabuti não vale grande coisa. Impossível mudar-nos, porque não temos para onde ir.

- Amor com amor se paga - disse uma jaguatirica. - Matando a nossa rainha esses meninos nos declararam guerra. Paguemos na mesma moeda. Declaremos guerra a eles. Reunamos todos os animais de dentes agudos e garras afiadas para um assalto ao sítio de Dona Benta. (LOBATO,M., [19--]a, p.167-168)

Os homens são apresentados como destruidores da natureza, prejudicando, inclusive, a vida dos outros animais ao devastarem seu habitat, deixando-os sem opção para refúgio.

Destacamos a referência à destruição das matas para pastagens e criação de bovinos, antecipando-se Lobato a um problema largamente discutido nos dias de hoje. Vê-se, na atualidade, a preocupação com a crescente ampliação destas áreas destinadas a atender rebanhos cada vez mais numerosos, às custas da derrubada de matas nativas.

Ainda sobre *Caçadas de Pedrinho*, há referências de que, provavelmente, a caçada à onça fosse um desejo do próprio Monteiro Lobato. É o que afirma Rocha (2008): “Pedrinho, Narizinho, Emília, Visconde e Rabicó. São esses os heróis que matam a onça e, talvez, concretizam de forma ficcional um antigo sonho do próprio escritor” (p.237). Continuando, a autora cita carta endereçada à “Purezinha”, em 1907:

...sigo (SIC) amanhã para Serra com o Quim e a encontrarmo-nos com quatro caçadores de onça que lá estão. *Quero ver se mato a bicha. Foi sempre uma das minhas ambições: caçar onça.* E a que anda por lá promete, pois continua a fazer estragos, subindo a nove o número de rezes encontradas mortas por lá. Promete ser uma pintada de bom tamanho. Se eu a matar levo-te um dente. (LOBATO *apud* ROCHA, 2008, p.237-238, grifos da autora).

Quanto aos prejuízos causados à flora, são constantes os ataques de Lobato às queimadas provocadas pelo homem. Nestas incursões do autor, preocupações com o meio ambiente são mescladas com considerações unicamente voltadas para o prejuízo econômico causado, como quando, tornando-se fazendeiro, desferiu ferozes críticas aos caboclos que, utilizando-se das queimadas, acabavam por prejudicar o solo e torná-lo improdutivo.

No artigo *A velha praga*, presente na obra *Urupês* e que na época fora destinado à seção de cartas de reclamações de um jornal, Lobato denuncia os prejuízos da queimada para uma população que, naquele momento histórico, preocupava-se com os problemas externos. Como declara, se o alerta não recebesse a atenção necessária, “a Mantiqueira será em pouco tempo toda um sapezeiro sem fim, erisipelado de samambaias - esses dois terminos á uberdade das terras montanhosas” (1966, p.271). Enumera, então, os prejuízos que a desatenção à questão nacional não cuidariam em calcular:

[...]As velhas camadas de humus destruídas; os sais preciosos que, breve, as enxurradas deitarão fora, rio abaixo, via oceano; o rejuvenescimento florestal do solo paralisado e retrogradado; a destruição das aves silvestres e o possível advento de pragas insetiformes; a alteração para o pior do clima com a agravação crescente das secas; os vedos e aramados perdidos; o gado morto ou depreciado pela falta de pastos; as cento e uma particularidades que dizem respeito a esta ou aquela zona e, dentro delas, a esta ou aquela "situação" agrícola. Isto, bem somado, daria algarismos de apavorar; infelizmente no Brasil subtrai-se; somar ninguém soma...

É peculiar de agosto, e típica, esta desastrosa queima de matas; nunca, porém, assumiu tamanha violência, nem alcançou tal extensão, como neste tortíssimo 1914(...)" (LOBATO, M., 1966, p.270)

Percebe-se que, apesar de alertas sobre os prejuízos causados ao meio ambiente, há consideração dos prejuízos econômicos causados.

Lobato apresenta como culpado pela destruição o caboclo, o "parasita da terra" (p.271), que o escritor caracteriza com termos utilizados para referir-se pejorativamente à animais, em um discurso repleto de ironias e revolta. Este homem, acusado dos prejuízos, tem como uma das características a falta de fixação em um lugar para morar:

É de ve-lo surgir a um sitio novo para nele armar a sua arapuca de "agregado"; nomade por força de vagos atavismos, não se liga á terra, como o camponio europeu "agrega-se" tal qual o "sarcopte", pelo tempo necessario á completa sucção da seiva convizinha; feito o que, salta para diante com a mesma bagagem com que ali chegou.(LOBATO, M., 1966, p.272)

Bornheim (2001), referindo-se ao imigrante, apresenta como uma das causas para a relação destrutiva com a terra a falta de vínculo com ela, a sensação de não-pertença ao lugar. Questionamo-nos se esta afirmação não poderia auxiliar na compreensão da atitude também do caboclo, apesar deste, aparentemente, não fixar vínculos dentro de sua própria nação.

Segundo Lobato descreve, é assim que age o "parasita da terra":

Com a picapau o caboclo limpa a floresta das aves incautas. Polvora e chumbo adquire-os vendendo palmitos no povoado vizinho. É este um traço curioso da vida do caboclo e explica o seu largo dispendio de polvora; quando o palmito escasseia, rareiam os tiros, só a caça grande merecendo sua carga de chumbo; se o palmital se extingue, exultam as pacas: está encerrada a estação venatoria.

Depois ataca a floresta. Roça e derruba, não perdoando ao mais belo pau. Arvores diante de cuja majestosa beleza Ruskin choraria de comoção, ele as derriba, impassivel, para extrair um mel-de-pau escondido num ôco.

Pronto o roçado, e chegado o tempo da queima, entra em funções o isqueiro. Mas aqui o "sarcopte" se faz raposa. Como não ignora que a lei impõe aos roçados um aceiro de dimensões suficientes á circunscrição do fogo, urde traças para iludir a lei, cocando dest'arte a insigne preguiça e a velha malignidade.

*Cisma o caboclo á porta da cabana*<sup>9</sup>.

Cisma, de fato, não devaneios liricos, mas jeitos de transgredir as posturas com a responsabilidade a salvo. E consegue-o. Arranja sempre um alibi

<sup>9</sup> Referência à poesia de Ricardo Gonçalves.

demonstrativo de que não esteve lá no dia do fogo.(LOBATO,M., 1966, p.273)

Às críticas pela destruição do meio soma-se um tom de revolta de um fazendeiro que vê na cultura do homem do campo empecilhos para o prosperar de suas atividades.

Em um excerto de *Uma história de mil anos*, de *Negrinha*, Lobato acusa o homem de transformar em lugar inóspito uma paisagem antes fértil, em decorrência de sua capacidade de dominar o fogo: “Que terra! Ondula em mamelões verdolengos até encontrar o céu, longe, no horizonte. Hispidez, aridez – terra outrora bendita, que o homem, senhor do fogo, transfez em deserto maldito” (1956j, p.137).

No texto *A geada*, de *Miscelânea*, Lobato apresenta um outro responsável pelas queimadas, essas que, complementando as ações destrutivas da geada, causam tantos prejuízos econômicos ao país: a locomotiva a lenha.

Destaca ainda, o descaso administrativo com o problema, e refere-se a danos causados ao meio ambiente; porém, percebe-se novamente a predominância da preocupação com os prejuízos econômicos diante da inutilidade que a terra adquire. Na descrição do cenário decorrente das queimadas, a adaptação da palmeira para sobreviver à realidade alterada:

Os estragos da geada não ficarão apenas – apenas! – no que hoje se vê. Irão além. O fogo não tardará a completar a obra do gelo. Já começaram as queimas, detidas, felizmente, pelas últimas chuvinhas. Inda assim enormes extensões de matas, capoeiras e campos já estão reduzidas a cinzas. Logo que agosto, o mês clássico do fogo, entre com as suas longas estiagens, São Paulo assistirá ao maior incêndio que jamais assolou as suas terras.

Com a frouxidão das nossas posturas municipais relativas ao caso, com nossos costumes, com a escassez da população rural, não há aceiro, nem ação prática protetora de vestimenta do solo.

É incalculável a soma de males que faz ao nosso país o regime do fogo anual. Os sertões do Centro são já um deserto, árido e nú, carrasquento e inútil, por obra da queima sistemática. Inúmeras outras regiões caminham para esse mesmo fim. Aqui em São Paulo, nos campos marginais da Sorocabana, observa-se a fatura do deserto artificial. Há até o caso típico da palmeirinha indaiá, que num prodígio de adaptação meteu terra a dentro o caule, de modo que as palmas brotam à flor do solo. Só assim consegue subsistir, conformada ao regime periódico do fogo.

Os males da queimada, os prejuízos que ela acarreta ao solo, ninguém os poderá calcular. São infinitos. Todos os sais extraídos da terra pelas plantas durante um período vegetativo, se vêem de um momento para outro em estado de cinzas, depositados à superfície, de onde as águas os arrastam para os córregos, para os rios, para o mar, anemiando assim o solo. Ninguém dá ao fenômeno o devido valor, porque tais prejuízos não se fazem sentir no momento

e em moeda. Mas representam onus tremendos, e dificuldades sem conta, que amontoamos para o futuro.

Quem ateia o fogo? Ninguém. Ninguém e todo mundo. Os malvados de alma neroniana, amigos do belo espetáculo anual. Os descuidados. O acaso. As estradas de ferro. E até – diz o caboclo manhoso, inventando alibis para isentar-se de uma culpa velha – o sol. “Fogo de agosto gera por si.” Mas a grande incendiaria, não resta dúvida, é a locomotiva das nossas estradas de ferro que usam lenha. Basta uma delas, a Sorocabana, por exemplo, para atear fogo no mundo. Esta estrada, hoje inglesada em “Railway”, parece até que, para divertir os seus passageiros, ou alivia-los da infinita lombeira causada pela velocidade de 20 S. P. (entenda-se Snail Powder) que imprime aos seus trens maravilhosamente bem organizados em materia de atraso, transforma a chaminé das locomotivas em pistolões pirotécnicos. É de vêr, por entre rolos de fumo, o lindo efeito daqueles borbotões de faiscas que o vento espalha em todo o percurso pelos campos marginais.

Por estas e outras razões a opinião sensata pende a crêr no incendio geral em agosto. E assim, aos prejuizos já verificados da geada teriamos de acrescentar ainda os iminentes, em ser, mas inevitaveis, do fogo. Só em setembro, pois, com a entrada das chuvas, é que se tornará possível um calculo completo do desfalque determinado pela grande geada na economia de S. Paulo. (LOBATO, M., 1956h, p.301-303)

Uma outra decorrência desta relação conflituosa entre sociedade e natureza Lobato retrata no afastamento do homem do meio natural. Em *Filosofias, de Mundo da Lua*, expõe como o homem afasta-se da natureza e de suas leis. O progresso decorreria da aversão humana à natureza. Os seres evoluem em harmonia com as leis naturais, exceto o homem, cujas leis humanas são exceções desta primeira lei.

O progresso aqui é visto como decorrência de enfermidade, uma ilusão que o leva erroneamente a acreditar que “o progresso é movimento rumo à perfeição”, o que Lobato desmente por meio de idéias de Platão e Spencer: a perfeição esperada é apenas um ideal, que não é alcançado na realidade, e a significação do progresso é apenas “complicação”:

Ideia que me persegue: o homem perante a lei animal é produto teratológico, consequencia de molestia que o arrasta irresistivelmente a afastar-se da natureza. Na aparência paradoxal, a palavra naturofobia encerra um conceito digno de meditação. O homem é naturofobo. Isso explica o que chamamos progresso. Enquanto na vida organica a evolução dos seres se opera em harmonia com as leis naturais, no *Homo* essa evolução “derrapa”, desviando-se delas, arrastando-se por estranhos caminhos. A tal ponto vai o desvio que se torna possível a dedução de *leis humanas* – leis de exceção á lei natural.

Essa doença em estado febril cria o delirio a que chamamos ilusão – fogo fatuo que norteia o doente. Uma de suas consequencias é a convicção de que o progresso é movimento com rumo à perfeição (ideia platonica sem correspondencia no mundo das realidades), quando progresso (Spencer) significa apenas complicação.

A doença que determinou o desvio do homem da série zoológica e fez dele o rei, o deus, o proprietário, o operário, o sábio, o artista, trouxe consigo a nostalgia – nostalgia da saúde, inconsciente nostalgia da vida natural, e criou como terapêutica o inestudado sentimento da esperança. Desses dois sentimentos, nostalgia e esperança, filhos ambos do desvio evolutivo, nasceram as ideias do bem e do mal, porque nostalgia é dor, miséria, mal estar, e esperança é bem, coragem, justificação da vida. (LOBATO, M., 1956h, p.37-38, grifo do autor)

Esse afastamento do homem da natureza, que se caracteriza por medo exacerbado, “o homem é naturofobo”, que o coloca em uma situação de superioridade, lhe confere posse, transforma-o em construtor, criador e sábio, lhe provoca, igualmente, algumas perdas, carregadas de nostalgia: perda de qualidade de vida, perda da vida em seu estado natural. Contra este mal estar, o homem usaria o sentimento de esperança.

Aqui, Lobato contradiz as ideias expostas em alguns de seus escritos, ao colocar o progresso de forma negativa, afastando e, curiosamente, não garantindo um futuro harmonioso e perfeito.

Esta ideia do progresso como destruidor da natureza, este conflito entre o “deixar como a natureza criou” e “alterá-la para prosperar” também pode ser visto no excerto que segue, de *De São Paulo a Cuiabá*, do livro *Miscelânea*, com nítida opção pelo primeiro posicionamento, “quer isto dizer, na linguagem dos micróbios, que há ali culturas novas”:

São Paulo já ficou atrás. Na zona de Araçatuba, a última do estado líder, o estrago do tapete verde é intensíssimo – e estrago novo, em progresso rápido. Quer isto dizer, na linguagem dos micróbios, que há ali culturas novas, que a zona é rica e está prospera. A prosperidade do homem se resume em estragar o tapete natural, fazendo a terra produzir umas tantas coisas que os governos “protegem”.

[...]

Mato Grosso, enfim! Cessam os estragos na verdura do tapete. O tapetamento está como a natureza o fez – dum verde contínuo, plano, sem riscos fora o da Noroeste. O tapete verde parece não ter fim. Subito, um estraguinho: a cidade de Três Lagoas[...] (LOBATO, M., 1956h, p.242)

É interessante notar que os estragos realizados pelo homem, são caracterizados pelas plantações, pela formação de cidades. O autor chega até mesmo a dizer que a prosperidade do homem é conquistada diante de estragos do que foi criado pela

natureza. Deixa-se entrever aqui como o progresso humano é realizado às custas da destruição natural.

De *As grandes possibilidades dos países quentes*, do livro *Problema Vital*, pode-se destacar o seguinte excerto, pertinente à questão aqui discutida:

O homem, com civilizar-se, afastou-se da natureza. Desrespeitou-a, infringiu-lhe as leis. A consequência foi o enfraquecimento. O uso do vestuário quebrou a resistência da epiderme. O hábito de casa paralizou o desenvolvimento da resistência orgânica às agressões do ar livre, e atrofiou a já criada no longo estágio de vida selvagem. O regime alimentar, a vida em sociedade, o transporte fácil, a especialização de funções, cada criatura transformada em certa peça de imensa máquina, atrofiando assim as facetas do indivíduo que permanecem (SIC) inertes, os vícios, a hipertrofia do urbanismo, tudo, enfim, que a palavra civilização enfeixa, é, biologicamente, transvio – o transvio destruidor da defesa natural do corpo.

Cessada a função, ou desviada da trilha natural, o organismo enfraquece e reage com fraco vigor contra os assaltos dos inimigos. Além disso, o regime do direito e da moral, imposto pela vida em sociedade, anulou a força dos processos seletivos; os fracos defendidos pela lei, amparados e conservados artificialmente; o forte impedido de vencer e eliminar o fraco; a revogação, em suma, da suprema lei da biologia, lançou o *Homo sapiens* no despenhadeiro da degenerescência física. Biologicamente, o homem é um animal em plena decadência. (LOBATO, M., 1956g, p.325)

Tratando da questão do saneamento, e refletindo a respeito da prosperidade da vida, que de maneira geral, ocorre em ambientes quentes (com exceção da espécie humana), Lobato deixa entrever a consideração da civilização do homem como seu afastamento da natureza, o desrespeito e o infringimento de suas leis, o que lhe haveria resultado em sérios danos, e haveria lhe tirado a defesa do corpo. Outro problema causado pelo desenvolvimento da sociedade, segundo ele, seria que, dentro de um regime guiado pela moral e o direito, estaria o homem impedido de realizar uma seleção em sua espécie, “os fracos defendidos pela lei, amparados e conservados artificialmente; o forte impedido de vencer e eliminar o fraco”. Questiona-se, se novamente, não estariam aqui implícitas as idéias eugenistas de Lobato.

No entanto, o autor aponta a ciência como aquela que permitirá a solução dos problemas trazidos pelo afastamento do homem da natureza, mais especificamente, das moléstias que o atacam e o impedem de desenvolver-se:

A ciencia dá-nos elementos para modificar este estado de coisas de modo a permitir á vida humana na zona dos tropicos um surto paralelo ao das outras formas de vida.

Se lhe não é possível readquirir a resistencia perdida, ha meios de evitar os botes insidiosos do micro-organismo.

Vale tanto ser agredido e vencer o germe do mal pelo contra-ataque da imunidade nativa, como impedir por processos mecanicos a agressão.

A higiene, eis o segredo da vitoria.

A higiene é a defesa artificial que o civilizado criou em substituição da defesa natural que perdeu. (LOBATO,M., 1956g, p.326-327)

Em *Errare*, de *Mundo da Lua*, assim como em *Era no Paraíso...*, de *Cidades Mortas* (no qual Lobato desenvolve mais detalhadamente as idéias apresentadas no primeiro texto citado), utilizando-se de metáforas, o autor apresenta o “Homo” como resultante da inteligência surgida a partir de uma lesão grave no cérebro de um macaco caído do galho, “o lesado”. Esta inteligência é então considerada como “coisa nova, doença mental, desvio, força não prevista, norteadada para rumos não sonhados pela mecanica da vida”(1956h, p.91).

O macaco, que até então era integrado à natureza e detentor da “sabedoria dos instintos” (1956h, p.90), em uma natureza regida por leis biológicas e sábia adaptação dos seres, transforma-se em um ser alheio a isto:

Consequencia: o lesado entrou a agir de maneira diversa de seus irmãos. Enquanto estes, felizes, continuavam a viver na feliz integração da natureza, guiados sempre pelo deus interior, o macaco doente, vitima de eterna cefalalgia, punha-se de lado, *pensativo a ver e a errar*.

[...]

A dôr de cabeça persiste e força-nos a caminhar sempre em divorcio com os sábios mandamentos de *Bios*.

Criação extra-natural, rebelde ás leis da unidade, envolve sempre, cresce e arrasta consigo o ser parasitado, como o cancro arrasta e determina o canceroso.

E o *Homo*, triste descendencia de um individuo lesado, vê todas as especies felizes, paradas no admiravel equilibrio que o Instinto produz.(LOBATO,M., 1956h, p.90-91, grifos do autor)

No conto, *Era no paraíso...*, o paraíso criado por Deus revelava uma vida harmoniosa. O criador incutiou em cada criatura um “Código Ingênito” (instinto), que possibilitava “que ao nascer já viessem ricas da sabedoria infusa e agissem automaticamente de acordo com os imutaveis preceitos da lei natural” (1956e, p.198).

Certo dia, porém, um chimpanzé que desfrutava desta ordem perfeita, igualmente aos outros seres, sofre uma queda e lesiona-se gravemente. Segundo Jeová:

[...]A lesão do cérebro do meu macaco põe-no á margem da minha Lei Natural e fa-lo-á discrepar da harmonia estabelecida. Nascerá nele uma *doença*, que seus descendentes, cheios de orgulho, chamarão inteligência – e que, aí deles! Lhes será funestissima. Esse mal, oriundo da Queda, transmitir-se-á de pais a filhos – e crescerá sempre, e terrivelmente influirá sobre a terra, modificando-lhe a superfície de maneira muito curiosa. E, deslumbrados por ela, os homens ter-se-ão na conta de criaturas privilegiadas, entes á parte no universo, e olharão com desprezo para o restante da animalidade. E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...(LOBATO, 1956h, p.204, grifo do autor)

E prosseguindo,

- Essa inteligencia apurará aos extremos a crueldade, a astucia e a estupidez. Por meio da astucia se farão eles engenhosos, porque o engenho não passa da astucia aplicada á mecanica. E á força de engenho submeterão todos os outros animais, e edificarão cidades, e esfuracarão montanhas, e rasgarão istmos, destruirão florestas, captarão fluidos ambientes, domesticarão as ondas hertzianas, descobrirão os raios cosmicos, devassarão o fundo dos mares, roerão as entranhas da terra... (LOBATO,M., 1956h, p.205)

Além disso, dentre tantos males decorrentes da inteligência humana, segundo Jeová, os homens “viverão em guerra aberta com os animais, escravizando-os e matando-os pelo puro prazer de matar – esquecidos de que eu não criei o prazer de matar por matar” (1956h, p.206).

O conto traz ainda a declaração de que a inteligência humana “não conseguirá nunca resolver nenhum dos problemas elementares da vida, em contraste com os outros seres, que os terão a todos solvidos de maneira felicissima” (1956h, p.207). Manter-se um ser eminentemente “natural” acarretaria ao homem, portanto, a garantia de viver sem problemas, de maneira feliz.

Neste conto fica clara a inteligência humana como não apenas o afastamento da ordem natural e a apresentação do homem alheio à natureza, como também a grande responsável pelas descobertas que ele fez e pela destruição e exploração do meio que ele realiza.

Este afastamento do homem da natureza pode também ser constatado em passagens mais sutis, nas quais o ser humano não é colocado como opositor, mas um

ser para quem os demais animais causam estranhamento, tornam-se desconhecidos. Revela que, algumas vezes, posicionamentos vão sendo construídos sob influência de uma visão utilitarista herdada historicamente. É o que pode ser revelado pela leitura deste excerto de *Crianças*, de *Mundo da Lua*:

[...]Está no período encantado em que se voltam as primeiras paginas do livro da vida, as paginas de côr onde aparecem o boi, o cachorro, o cavalo, os gatos. Adora-os e sempre que pode planta-se á janela á espera de bichos[...]  
 [...]Mas só os conhece assim – na canga, jungidos ao carro, formando um bloco cheio de pernas, chifres, fueiros e rodas. O boi é para ele esse conjunto monstruoso, que anda, muge, roda, rechina.  
 Ora, aconteceu que passou pela rua uma vaca. O menino empertiga-se, franze a testa, abre a boca e, num pasmo, grita para dentro:  
 - Mamãe, venha ver um boi sem rodas!...(LOBATO,M., 1956h, p.05)

Nesta passagem dotada de humor sutil, Lobato explicita a simpatia que as crianças possuem pelos animais e, no entanto, não os conhecem tal como são, mas sim dentro da utilização que deles faz o homem. Isso assemelha-se muito aos comentários que informalmente ouve-se sobre a atual relação das crianças com os animais, que, muitas vezes, desconhecem até mesmo a proveniência dos próprios alimentos de origem animal que consomem, como o ovo, o leite, a carne.

O posicionamento de Lobato a respeito da destruição da natureza causada pelo homem, de seu afastamento do natural, ganha maior agressividade e radicalismo nos excertos que seguem, nos quais, aparentemente, o ideal seria um mundo sem a espécie humana, a grande perturbadora da ordem da natureza.

Em *De São Paulo a Cuiabá*, de *Miscelânea*, o homem é apresentado como o único destruidor da cobertura vegetal do planeta, como uma “traça daninha”, enquanto os demais animais mantêm com ela uma relação de respeito:

[...]A espaços em meio da verdura tapetante, uns quadradinhos de “estrago” como nos velhos tapetes de sala o esfiapamento que entremostra a tela basica: as fazendas ou sitios, com suas colonias e roças.  
 A natureza criou o tapete sem fim que recobre a superficie da terra. Dentro da pelagem desse tapete vivem todos os animais, respeitosamente. Nenhum o estraga, nenhum o roi, exceto o homem. Ah, que terrível estragador do tapete é o homem! Que traça daninha!(LOBATO,M., 1956h, p.240)

Mais adiante, no mesmo texto, o homem é novamente apresentado como destruidor, como “micróbio”, imagem que remete àquele que traz enfermidade e que deve ser eliminado para a restauração, no caso, de um ambiente saudável:

[...]O microbio-homem não é perceptível de mil metros de altura. E ficamos a pensar que sob aqueles pequeníssimos retangulos vivem familias desses microbios, machos e femeas, uns capitalistas, outros comunistas. E que se amam, e que brigam, e que se reproduzem, e que discutem política e se odeiam, porque um que é P.C. se julga muito menos microbio que o outro que é P.R.P. Coitadinho do homem!  
Mas a cidade passa. Continua o tapete verde, sempre com os estragos microbianos.[...](LOBATO,M., 1956h, p.241)

Esta imagem negativa chega a uma demonstração extrema em *Um romancista argentino*, texto de *Idéias de Jeca Tatu*. Ao comentar uma obra de Manoel Galvez, romancista argentino, expõe:

Porque a vida evolue, mas não melhora. O homem é uma doença da Natureza – e a peor de todas porque é uma doença inteligente. Teima em superpor á natureza a sua vontade e é, cada vez mais, um conflicto lamentavel de duas evoluções contrarias, a natural e a humana. (LOBATO,M., 1956f, p.208)

O homem é apresentado como “doença da Natureza”, um ser prejudicial e que não a integra. Critica-se a tentativa de se impor a vontade humana diante da natureza, e ocorre um conflito entre duas evoluções que são dadas como opostas: a natural e a humana.

Em *Errare*, de *Mundo da Lua*, é assim que Lobato refere-se ao homem prejudicado pela inteligência que o afastou do mundo natural: “e multiplica-se, e inventa, e faz-se o genio novo da terra, algo super, a coisa extra, o desnorteante flagelo do planeta e o peor flagelo de si proprio” (1956h, p.91). Nota-se aqui que o homem não é apenas o “flagelo” do meio que o cerca, como também de sua própria espécie.

Em *Era no Paraíso...*, o homem, criado pelo acaso, é colocado como “criatura aberrante” (1956e, p.210) e alheia ao planos divinos.

É contra este homem que Lobato opõe-se. É este homem que, no diálogo que segue, retirado de *Bucólica*, do livro *Urupês*, mostra preferência em derrubar árvores para colher a paina, ao invés de colhê-la com vara, com o intuito de ter menor trabalho. É este homem quem causa indignação no interlocutor, que possivelmente se trata do

próprio Lobato, que se revolta com o fato de o homem acreditar ter posse da árvore, e ter direitos sobre ela:

- Então, meu velho, na mesma?
  - Melhorzinho. A quina sempre é remédio.
  - Isso mesmo, quina, quina.
  - É... mas está cara, patrão! Um vidrinho assim, tres cruzados. Estou vendo que tenho de vender a paineira.
  - Não vê que o Chico Bastião dá dezoito mil réis por ela - e inda um capadinho de choro. Como este ano carregou demais, vem paina p'r'arobas. Ele quer aproveitar; derruba e...
  - Derruba!...
  - Derruba e...
  - Por que não colhe a paina com vara, homem de Deus?
  - Não vê que é mais fácil de derrubar...
  - Derruba!...
- Fujo dali com este horrível som a azoinar-me a cabeça. Aquela maleita ambulante é "dona" da árvore. O Urunduva está classificado no gênero "Homo". Goza de direitos. É rei da criação e dizem que feito à imagem e semelhança de Deus.
- Roças de milho. A terra calcinada, com as cinzas escorridas pelo aguaceiro da vespera, inça-se de tocos carbonizados, e árvores enegrecidas até meia altura, e paulama em carvão. Entremeio, covas de milho já espontando folhinhas tenras.
- Derruba!...
- Adiante, feijão. O terreno varrido, côr de sepia, pontilhado pelo verde das plantas recém-vindas, lembra chita de velha: as velhas gostam de chitas escuras com pintas verdes.(LOBATO,M., 1966, p.196-197)

É a este homem que Lobato recusa-se a conceber como “rei dos animais”. Em *Sol e pombo*, de *Mundo da Lua*, apresenta humanos e não humanos em contraste, com excessiva ênfase na superioridade dos segundos: em sua perfeição, harmonia, beleza. Retoma esta idéia da espécie humana como “reis e rainhas” injustamente colocados neste posto; o homem que é mendicante, que não se apresenta dentro de um padrão estético, que vive na miséria, que não corresponde às convenções sociais:

Desceu no largo um bando de pombos, e como o sol rutilasse lindamente naquelas vivas alvuras irrequietas, empolguei-me no espetáculo. Subito, assustam-se, debandam, vôm para longe. É que se aproximava o Chico Liso, mendigo horrendo, em farrapos, uma triste coisa de carne nauseante.

Que constraste, a saúde, a beleza, a harmonia, a perfeição daquels pombos e a hediondez do Chico Liso! É ele, no entanto, rei...

Continuo á janela. É domingo, Passa gente de rumo á igreja. Velhinhas minguadas, arrastando o corpo reumatico, chale sobre os ombros ou fichú á cabeça. O *chales*, como elas dizem.

Passou a Bebê Nogueira – “tia”, tipo da mulher “boa”, que não casou, que é “terceira” e feiíssima de cara e corpo, atentado clamoroso contra as leis da harmonia. Passou a Biloca, mocinha torta, arcada, microcefala, boba.

O sino repica. Todas apressam o passo. Nisto entra no largo uma vaca tangida pelo vaqueiro. A mais pacífica e inofensiva das vacas.

Pois houve tremendo pânico! Os reis dos animais e as rainhas – Bebê, Biloca, as velhas – tomavam-se de pavor e com gritinhos esgueiram-se pelos corredores ao alcance. Medo á vaca...No entanto a vaca, que não é rainha de coisa nenhuma, passou com serena majestade.

Houvesse mais justiça na terra, e o cetro da realeza mudaria de dono naquele momento...

.....  
 À esquina, sordido preto roi um bico de pão apanhado no lixo.

Reil...

.....  
 Tantas criaturas só têm perante a natureza uma função respeitável – a de fertilizante, e a essa mesma iludem indo apodrecer nos cemiterios...(LOBATO,M., 1956h, p.65-67)

Ao ser humano resta a imagem de inutilidade diante da natureza, a não ser servir de “fertilizante”, quando não “indo apodrecer nos cemitérios”. Destoa ele da natureza, e é injustamente classificado como “rei”.

Desta referência pode-se inferir a crítica lobatiana a uma visão antropocêntrica de natureza, que como demonstra Cavalari (2007) remete à figura humana como superior aos demais seres da natureza.

Mas, ao contrário do que possa parecer, a natureza não aceita passiva e submissa as intervenções, destruições e explorações humanas. Ela reage, “vinga-se”, nesta passagem de *Cidades Mortas*, de livro homônimo:

[...]Transfiltrou-se para o Oeste, na avidez de novos assaltos á virgindade da terra nova;[...]

Á mãe fecunda que o produziu nada coube; por isso, ressentida, vinga-se agora, enclausurando-se numa esterilidade feroz. E o deserto lentamente retoma as posições perdidas.

[...]Subsistem unicamente, como lagartixas na pedra, um pugilo de caboclos opilados, de esclerótica biliosa, inermes, incapazes de fecundar a terra, incapazes de abandonar a querência, verdadeiros vegetais de carne que não florescem nem frutificam – a fauna cadaverica de última fase a roer os derradeiros capões de café escondidos nos grotões.(LOBATO,M., 1956e, p.06-07)

Referindo-se mais especificamente à relação dos caboclos com a terra, o autor expõe a exploração por parte dos homens dos recursos naturais, ao que a terra, em vingança, torna-se infértil e prejudica a vida humana.

#### 4.2 Natureza: conhecê-la para dominá-la e explorá-la

O autor apresentado no item anterior, acusador do homem como destruidor da natureza, que valoriza a proximidade ao que é natural, repelindo a civilidade como aquela que afasta o homem da perfeição, posiciona-se aqui de maneira oposta.

Em alguns excertos de sua obra é possível perceber Monteiro Lobato apresentando o progresso humano como algo que positivamente decorre da inteligência e capacidade de inventar do homem. A ciência, grande resolutora dos problemas, permite que o homem não apenas vença as adversidades impostas pela natureza, mas que a domine e explore seus recursos, em benefício de sua espécie de maneira a garantir-lhe o progresso.

Lobato parece refletir em seus escritos as idéias iluministas que marcaram a modernidade: o homem, este ser dotado de razão, deve conhecer a natureza, para então dominá-la e utilizá-la ao seu favor.

Ao herdar a fazenda São José do Buquira, Lobato revela uma certa dificuldade em adquirir uma percepção utilitarista da terra, “o olho exclusivamente utilitário”, valorizando em demasia o aspecto estético, “uso muito o estético”:

Estou na fazenda há já uma semana, lidando com doenças de bestas, bicheiras de carneiro, roças de milho e mais coisas. Ainda não adquiri o olho exclusivamente utilitário. Uso muito o estético - e temo que isso me dê prejuízo no fim do ano. É a opinião de meu utilitaríssimo administrador. (LOBATO *apud* AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA, 2001, p.93)

Esta relação, porém, em que o homem interfere na ordem natural das coisas, alterando o espaço, modificando a natureza, trabalhando a terra para a tornar útil, pode ser vista em excertos que seguem, do conto *O drama da geada* e *Uma história de mil anos*, ambos retirados da obra *Negrinha*:

- Quando adquiri esta gleba, disse ele, tudo era mata virgem, de ponta a ponta. Rociei, derrubei, queimei, abri caminhos, rasguei valos, estiquei arame, construí pontes, ergui casas, arrumei pastos, plantei café – fiz tudo. Trabalhei como negro cativo durante quatro anos. Mas venci. A fazenda está formada, veja. (LOBATO, M., 1956j, p.21)

Neste excerto, retirado de *O drama da geada*, percebe-se a ação do homem contra a mata nativa, o que inclui roçados, derrubadas, queimadas, construção de vias de acesso, delimitação de espaço, e construções civis. Essa interferência, onde o natural é substituído pela necessidade de construção humana, é vista como uma luta, como revela a expressão “mas venci”.

Ainda no mesmo conto:

O fazendeiro paulista é alguma coisa séria no mundo. Cada fazenda é uma vitória sobre a fereza retratil dos elementos brutos, coligados na defesa da virgindade agredida. Seu esforço de gigante paciente nunca foi cantado pelos poetas, mas muita epopeia ha por aí que não vale a destes herois do trabalho silencioso. Tirar uma fazenda do nada é façanha formidável. Alterar a ordem da natureza, vence-la, impor-lhe uma vontade, canalizar-lhe as forças de acordo com um plano pre-estabelecido, dominar a replica eterna do mato daninho, disciplinar os homens da lida, quebrar a força das pragas... – batalha sem treguas, sem fim, sem momento de repouso e, o que é pior, sem certeza plena da vitória. Colhe-a muitas vezes o credor, um onzeneiro que adiantou um capital caríssimo e ficou a seu salvo na cidade, de cocoras num título de hipoteca, espiando o momento oportuno para cair sobre a presa como um gavião. (LOBATO, M., 1956j, p.22)

A relação homem-natureza é vista novamente como uma luta, batalha em que, na tentativa de estabelecimento da fazenda, “cada fazenda é uma vitória”, há uma ação contrária defensiva, “defesa da virgindade agredida”, por parte da natureza, “fereza retratil dos elementos brutos”. Essa vitória humana (a fazenda), nem sempre garantida, envolve “alterar a ordem da natureza, vencê-la, impor-lhe uma vontade, canalizar-lhe as forças de acordo com um plano pré-estabelecido, dominar a réplica eterna do mato daninho, disciplinar os homens da lida, quebrar a força das pragas...”. Nesta luta, aparentemente, a vitória é sempre humana, já que no excerto, dentre os elementos citados que poderiam atrapalhar o êxito do homem, não é citada nenhuma interferência da natureza.

A mesma luta contra os elementos impostos pela natureza também pode ser observada em excerto retirado de *Uma história de mil anos*, a saber, “o pai vive na luta silenciosa contra a aridez do solo, disputando ás formigas, ás geadas, á esterilidade, umas colheitinhas curtas. Não importa. Vive contente” (1956j, p.138).

As interferências humanas na natureza às quais Lobato não desfere críticas não se limitam a estas acima apresentadas.

Em *Geografia de Dona Benta* faz referência à construção do Canal do Panamá, como uma modificação sem conseqüências negativas ao meio ambiente:

[...]No Panamá temos o famoso *Canal do Panamá*, uma das obras mais grandiosas que os homens construíram sobre a Terra. A natureza havia feito ali o *Istmo do Panamá*, isto é, deixado uma estreita fita de terra amarrando a América do Sul à América do Norte – e vai o homem e corta o istmo por meio desse canal, ligando as águas dos oceanos – o Atlântico e o Pacífico.(LOBATO,M., 1977, p.65)

Na mesma obra, o escritor apresenta a questão da caça, uma prática muito freqüente em seus textos, sem dirigir a ela nenhuma crítica. Trata-se de uma ação humana que parte da consideração de superioridade diante das demais espécies, o que lhe confere o direito de tirar-lhes a vida sem a justificativa de defesa ou sustento alimentar: “a senhora disse que essas ilhas eram o paraíso dos animais; pelo que vejo são o paraíso dos caçadores. Deixe. Quando crescer eu hei de passar um ano inteiro aqui em Bornéu, caçando”(1977, p.118-119).

São diversos os excertos nos quais aparecem mais diretamente uma relação de exploração e utilização dos recursos naturais.

Em *De São Paulo a Cuiabá*, do livro *Miscelânea*, Lobato afirma que “pegar o que tem valor comercial e está ‘in natura’ na superfície da terra constitui o primeiro impulso duma civilização – e esse péga-péga traz em seus inícios uma febre aguda” (1956h, p.257).

Em *Ferro*, do volume *O Escândalo do Petróleo e Ferro*, em um posicionamento utilitarista relativo aos recursos naturais, Lobato coloca que o desenvolvimento econômico se dá pela transformação das reservas naturais em utilidades. Deve-se explorá-las para que possam ser comercializadas:

Um país só se desenvolve economicamente quando mobiliza as suas reservas naturais e as transforma em utilidades, para uso proprio ou intercambio com outros povos. Mobilizar reservas é tira-las de onde a natureza as pôs e lança-las na torrente do comercio. Só então a riqueza surge. Ora, mobilizar é sinonimo de transportar. Logo, produzir é transportar.(LOBATO,M., 1956k, p.262)

Isto poderá significar também que, diante de um questionamento a respeito da questão ambiental *versus* o desejo pelo desenvolvimento nacional em Monteiro Lobato,

o autor parece em alguns momentos não considerar os danos da exploração dos recursos naturais para o meio ambiente, motivado principalmente pela questão econômica; estas questões serão discutidas de maneira mais aprofundada oportunamente.

No capítulo X de *América*, dois excertos merecem destaque. Primeiramente, o momento em que Lobato apresenta a questão da dominação da natureza pelo homem garantida pela criação da máquina, “a astuciosa maneira de multiplicar tremendamente a força do músculo, ou substituí-lo no trabalho”, citando desde a extração de sua matéria-prima até a extração da sua fonte de energia; e a possibilidade que isso lhe dá de mobilizar e explorar as reservas naturais, “deste modo domina a natureza, mobiliza-lhe as reservas ocultas no seio da terra e transforma-as em utilidades – em riqueza”. Isso permite entrever um certo domínio do meio, resultando em uma visão utilitarista dos recursos naturais:

- Medite e entenderá. Do oxido de ferro o saudavel homem daqui tira o aço. Com o aço cria a maquina, isto é, a astuciosa maneira de multiplicar tremendamente a força do musculo, ou substitui-lo no trabalho. Depois, por meio da hulha e do petroleo – formas de carbono – produz a combustão que desenvolve a energia mecanica com a qual move a maquina. Deste modo domina a natureza, mobiliza-lhe as reservas ocultas no seio da terra e transforma-as em utilidades – em riqueza. (LOBATO, M., 1956d, p.88)

O segundo ponto ao qual deve-se manter a atenção é a questão do carbono, colocado como essencial para a produção de energia. Desconhece-se a discussão sobre a emissão de carbono na época, e se Lobato estaria ou não consciente de tais conseqüências para o meio ambiente, mas chama atenção a alternativa que apresenta para a produção do carbono (cujo ideal seria encontrá-lo “sob a forma fossil de hulha ou, melhor ainda, de hidrocarburetos, ou petroleos”): a plantação de árvores. Árvores plantadas com o objetivo de serem queimadas, para produção de carbono:

- O problema dos grandes países modernos não passa dum problema de carbono, tudo porque a maxima invenção humana foi o fogo e não ha fogo sem carbono.  
- Espere, Mr. Slang...As vagas reminiscencias que tenho de minha quimica escolar cochicham-me que o fogo, ou a combustão, diz mais respeito ao oxigenio do que a qualquer outro elemento.  
- Sim, quimicamente combustão é a oxidação de uma substancia com produção de calor. Mas o elemento oxidante, o oxigenio, é o rei do universo, a substancia

que abunda em maiores quantidades. está no ar. Todos os povos o têm em quantidades iguais. Já o mesmo não se dá com o carbono, que é o paciente da combustão. Por isso digo eu que o problema é ter carbono, ou produzir carbono.

- Produzir como?

- Plantando. As árvores fixam o carbono e, carbonizadas, darão a você carbono puro. Mas o ideal é encontra-lo no seio da terra sob a forma fossil de hulha ou, melhor ainda, de hidrocarburetos, ou petroleos. O fato da America possuir carbono fossil sob estas duas formas em tremendas quantidades deu-lhe a supremacia economica de que goza. O Brasil, por exemplo, está ainda nos cueiros porque nunca os seus estadistas e capitães da industria meditaram no assunto carbono. Eu, se fosse ditador na sua terra, suprimia varios ministerios inuteis e criava o que está faltando – o Ministerio do Carbono...(LOBATO,M., 1956d, p.87-88)

Em *Azoteida*, de *Na Antevéspera*, Lobato analisa quanto a extração de azoto e a venda deste “reduzido a sais aptos para a adubação da terra”, poderia resultar em enorme ganho econômico para o país.

Ensina-nos por outro lado a quimica que um litro de ar pesa uma grama, virgula, tres. O ar brasileiro pesará um pouco mais, aí uma grama e meia, ou duas... Mas, para argumentar, conformemo-nos com a pesagem classica do velho Arago, feita em ar francês visivelmente mais leve que o nosso. Teremos, pois, como peso total das nossas jazidas aereas, a respeitabilissima soma de 465.380.771.700.000 gramas, ou sejam 465 milhões de toneladas. O azoto entrando aí com 80% segue-se que possuimos uma reserva intacta de 371 milhões de toneladas de fertilissimo azoto, o qual, reduzido a sais aptos para a adubação da terra, e vendido pela ridicularia de cem mil réis a tonelada, equivale a 37 milhões de contos, ali na ficha!

Dá tonturas este calculo!...[...] (LOBATO,M., 1956i, p.308-309)

Com a volumosa soma, “37 milhões de contos”, obtidos com a exploração e venda do azoto, poderia-se quitar as dívidas da “União, dos Estados, dos Municipios e dos Individuos” (1956i, p.309):

[...] As nações todas de rojo aos nossos pés; o país transformado num jardim de Armida; o Amazonas canalizado para o Ceará; os cafezais de S. Paulo asphaltados para evitar que o mato cresça; o Jéca feliz, gordo, saneado, a ler Julio Dantas em fofissimas poltronas acolchoadas com penas de ave do paraiso; os mendigos pedindo esmolas em limousines de luxo, confortavelmente, os coitados; a imprensa, feliz, corada, rica, imprimindo suas folhas em niveo crêpe da China...

Além disso, com a retirada do azoto o nosso ar ficava oxigenio puro, o que se reflitiria nos nossos organismos, pondo-nos para aí lepidos, vivos, ativissimos como serelepes dum planeta mais adiantado.(LOBATO,M., 1956i, p.309)

Apesar do uso da ironia, criando imagens que supervalorizem a situação, Lobato acrescenta atitudes nada “ecológicas”, como a canalização de rios, substituição da cobertura do solo para impedir o crescimento de vegetação, utilização de penas de aves para confecção de móveis. Chega até mesmo a considerar que, estando inexplorável, o azoto seria uma substância inútil: “e a hulha espumarenta a jorrar, a afogar no oceano seus milhões de cavalos-força. E os nossos 465 milhões de toneladas de azoto, inúteis, cochilhando nos braços do oxigenio...”(1956i, p.310).

Atentando-se às formas como a visão utilitarista dos recursos naturais aparece em algumas de suas obras infantis, cita-se uma passagem aparentemente ingênua de *O Poço do Visconde*. Neste excerto, para solução de um problema, Emília sugere a domesticação das formigas. A visão utilitarista não é percebida apenas nesta sugestão de domesticação para que os animais agissem em benefício humano e não mais atrapalhassem a agricultura (apesar de sugestão absurda do ponto de vista real), mas também pela referência de deixar intactas apenas as plantas “úteis”:

- Sim, o homem domesticou vários animais, como o boi, o cavalo, o cachorro. Por que não há de domesticar mais um – a formiga? Dizem que o estrago que esse bichinho faz na agricultura é imenso, e até aqui o homem, na sua brutalidade, só pensou numa coisa: matar a formiga. Mas por mais que as mate elas aí estão cada vez mais numerosas. Minha idéia é abandonar essa guerra inútil e fazer um tratado de paz entre homem e a formiga – domesticando-a, como já se fez com o cavalo, o boi e o cão.

- Como?

- Ensinando-as a só comerem as ervas daninhas que os fazendeiros arrancam com as enxadas dos trabalhadores. Desse modo elas resolveriam o problema da limpa das roças. Teriam licença de comer só as plantas daninhas, respeitando as úteis – como as laranjeiras, etc. (LOBATO,M., [19--]f, p.343)

Como destaca Cavalari (2007) em suas análises aos livros didáticos das décadas de 1920 e 1930 no Brasil, ao tratar da concepção utilitarista da natureza: “não só a Natureza foi criada para servir, para ser útil ao homem, mas também os animais foram criados para a *comodidade* do homem e trabalham em seu *proveito*” (p.10, grifos da autora).

Em *Geografia de Dona Benta*, o que se pôde identificar foram referências a utilizações de recursos naturais envolvendo espécies animais e vegetais, sem nenhum alerta sobre a caça indiscriminada, a preservação de espécies ou o que chamaríamos

hoje de utilização consciente ou sustentável dos recursos, como demonstram os três excertos que seguem, retirados da obra.

No primeiro exemplo, em uma explicação quanto a uma prática recorrente em um período histórico específico sobre a caça das baleias e utilização do óleo produzido para iluminação, além da referência ao animal como “monstro”, motivada talvez por seu tamanho, não é apresentada nenhuma preocupação com a preservação deste animal:

- A garoupa é um peixe das pedras – disse Dona Benta – e muito apreciado. Estes mares aqui têm até baleias. Na Bahia floresceu antigamente a indústria da pesca da baleia, monstros que os pescadores matam para aproveitar o toucinho. Fervem-no em grandes tachos e reduzem-no a óleo. É o óleo de peixe.

- E para que serve?

- Servia para a iluminação. Hoje, porém, depois que o petróleo e a eletricidade tomaram conta do mundo, quem fornece luz aos homens, em toda parte, é o petróleo e a eletricidade. Isso fez que a pesca da baleia perdesse a importância de outrora. Para que andar correndo risco pelo mar na caça desses cetáceos, se furando a terra um óleo excelente jorra em tremendas quantidades? O óleo de peixe, porém, ainda é usado pela indústria do sabão e da margarina.(LOBATO,M., 1977, p.54)

No excerto a seguir, há referência, sem nenhuma crítica ou observação quanto a preservação ou uso sustentável, à utilização dos elementos naturais para geração de capital:

- E há ainda, em enormes quantidades, Tartarugas, que botam ovos na areia por ocasião da vazante, isto é, quando a estação chuvosa chega ao fim e os rios, muito cheios, começam a minguar. Desses ovos, que os amazonenses recolhem aos balaios, faz-se a manteiga de tartaruga, uma gordura empregada pelas cozinheiras amazonenses, como tia Nastácia lá no sítio emprega a banha de porco.

Nas matas cresce árvore enorme, que também fornece alimento e dá dinheiro a ganhar aos homens. É o Castanheiro, produtor das famosas e gostosíssimas castanhas-do-pará, conhecidas no mundo inteiro como “Brazil Nuts” ou Castanhas do Brasil.[...]

Outra árvore de grande importância na bacia amazônica é a Seringueira, produtora da Borracha.[...]

– A borracha constitui uma das indústrias da zona, e tempo houve em que era uma grande indústria, do tamanho da do café no Sul. Por muitos anos a Amazônia foi a única fornecedora de borracha para o mundo inteiro.(LOBATO,M., 1977, p.58-59)

E por fim, a abordagem da questão da comercialização de peles de animais, caçados em larga escala. Não há nenhuma ressalva ou questionamento considerando a preservação destes animais, nem crítica a sua exploração para fins comerciais:

- Outra particularidade deste país – disse ela – é a indústria das peles. Nas regiões mais frias do Norte existem em quantidades raras, martas, *minks*, *raccoons* e outros animaizinhos de peles apreciadíssimas. O número de homens que se dedicam exclusivamente à caça é grande. O principal centro peleiro fica na cidade de *Edmonton*, perdida lá nos fundões do Norte, a 1.600 quilômetros da fronteira americana. Nesse ponto se concentram as peles obtidas pelos caçadores para depois se espalharem pelo mundo. Os aviões, hoje, têm facilitado grandemente essa indústria. Como é artigo de valor alto, o transporte aéreo torna-se perfeitamente viável. (LOBATO, M., 1977, p.88)

Em *Serões de Dona Benta*, capítulo *A água*, ao apresentar os recursos hídricos, Lobato não o faz de maneira a demonstrar a importância da água para a manutenção da vida, mas sim referenciando a “escravização” deste recurso para benefício humano. Outro ponto a ser considerado é que, no texto, Pedrinho faz referência ao sofrimento de parte da população com a escassez d’água; esse seria um momento oportuno para que Lobato alertasse seus leitores para o mal uso que o homem sempre fez deste recurso. No entanto, o alerta não é feito, e ao contrário disso, refere-se à água como se a abundância fizesse dela um recurso inesgotável:

- Sim, banho de refrescar o corpo – concordou Dona Benta, porque os animais se limitam a molhar-se – não se lavam à nossa moda, esfregando o corpo com sabão...ou caco de telha, como fez Emília depois do banho de petróleo. Entre todos os seres só o homem ampliou a utilização da água, escravizando-a às suas necessidades. Transformando-a em vapor, para aproveitar a energia do vapor d’água. Transformando-a em gelo. Utilizando-se das quedas d’água para produzir força mecânica e sobretudo elétrica. Não têm conta os serviços que a água presta ao homem – e felizmente possuímos água na maior abundância  
- Apesar disso, muita gente morre de sede nos desertos e nas secas – disse Pedrinho.  
- Sim, ocasionalmente, num ponto ou noutro, a água vem a faltar, mas não que haja pouca água na terra.[...](LOBATO, M., [19--]h, p.1755)

Em *Conto argentino*, do livro *Histórias Diversas*, Lobato apresenta uma personagem que, após receber lições cheias de sentimentos de seu pai sobre a beleza, significação e utilidade não apenas de árvores históricas de um parque, como de todas as árvores, modifica sua atitude com as mesmas, ou seja, passa daquele que descasca

o tronco de sua macieira e quebra seus galhos para o menino que pede ao pai de presente de aniversário um pote de cola com o qual tenta colar as cascas retiradas.

O menino comove-se com a inscrição de Domingos Faustino Sarmiento, próxima de uma árvore:

Tu que passas e levantas contra mim teu braço, antes de fazer-me mal olha-me bem.  
 Sou o calor de teu lar, nas longas e frias noites de inverno.  
 Sou a sombra amiga que te protege contra os rigores do sol.  
 Meus frutos saciam tua fome e acalmam tua sede.  
 Sou a viga que suporta o teto de tua casa; a tábua de que está feita a tua mesa; e a cama em que dormes e descansas.  
 Sou o cabo de teus instrumentos de trabalho e a porta de tua casa. Quando nasces, embala-te um berço feito de minha madeira e quando morreres o teu ataúde o será também – e te acompanhará ao seio da terra.  
 Sou “pano de bondade” e flor de beleza.  
 Se me amas como mereço, defende-me dos insensatos.  
 Faz-me respeitar: sou a árvore.(SARMIENTO *apud* LOBATO,M., 1982, p.47)

O pai, então, complementa alguns novos itens à lista de benefícios proporcionados pelas árvores:

Sou também a condicionadora dos climas, a purificação do ar atmosférico, o amparo contra os ventos, a defensora do solo contra as erosões. Sou a fonte da mais preciosa matéria-prima da indústria moderna. Do meu lenho se faz o papel em que os poetas escrevem seus poemas e os sábios a sua ciência. Sou a produtora duma substância mágica, a celulose, que os homens transformam em seda na paz e em explosivos na guerra. Também de mim se faz a matéria plástica com que se constroem os mais rápidos aviões e mil peças da civilização. Do alcatrão extraído do meu lenho saem os mais reluzentes vernizes – esses vernizes espelhantes que brilham nos automóveis. E ainda produzo um álcool que serve de substituto da gasolina para acionar esses maravilhosos veículos. Sou riqueza e poder...”(LOBATO,M., 1982, p.47-48)

Como pode-se observar, apesar de todo o sentimentalismo que permeia os excertos de apologia da árvore, a ênfase recai sobre a utilidade que a mesma representa para o ser humano.

Em carta a Paulo Duarte, de 1947, que consta em *Cartas Escolhidas 2º tomo*, Lobato escreve, demonstrando a veracidade do que transpôs ao conto:

Na Argentina, onde passei um ano, notei o reverso. Grande respeito pelas velhas árvores, tanto na capital como nas cidades do interior. Em Paraná e Santa Fé vi belas árvores carinhosamente defendidas pelos homens públicos. Em Buenos Aires, na Praça Lavalle, onde fica o Teatro Colon, um quadro me

comoveu. Há um ceibo – a nossa suinã (que por sinal é a “flor nacional” argentina) – com uma placa comemorativa: “Flor de ceibo trazida de Jujuy em 1876 pela Sociedade de Fomento Don Torquato de Alvear, o primeiro intendente de Buenos Aires”. A árvore está com 71 anos de vida ali naquele parque, fora o que viveu lá em Jujuy, e já está bastante “escorada”. Três de seus galhos principais apoiam-se em espeques – verdadeiras muletas que a Prefeitura lhes proporcionou, e no tronco há ocos tapados com cimento. No mesmo parque existe um velho “gomeró” de amplíssima fronde, com uma grande laje rente ao tronco. Nessa laje há uma placa de bronze com a mais bela inscrição que li em minha vida. São palavras de Sarmiento, o grande mestre da Argentina, o homem que ensinou aquêlo povo a não tratar as árvores com a brutalidade com que nós, um país que não teve Sarmientos, as tratamos. (LOBATO, 1961b, p.232-233)

Importante destacar que, apesar do excerto ter sido selecionado na presente pesquisa para exemplificar a relação sociedade-natureza decorrente de uma concepção utilitarista da natureza, o consideramos pertinente para a discussão do que Cavalari (2007), em sua pesquisa, trata como “apologia a árvore”, decorrente de uma concepção romântica da natureza. Sobre esta questão, a autora buscou na obra “*A ferro e fogo - a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira*”, de Warren Dean, contribuições para a compreensão de tal atitude.

A respeito da valorização das árvores, em excerto que compõe a “concepção estética e/ou romântica de Natureza” de suas análises, Cavalari (2007) escreve:

É importante destacar que, dentro dessa visão romântica de Natureza, a árvore ocupava um lugar de destaque. Na maior parte dos livros analisados, seja em prosa, ou seja em verso a árvore estava presente. A defesa da árvore, sua utilidade para o homem e a necessidade da sua preservação tinham lugar garantido na quase totalidade dos livros analisados.[...] (CAVALARI, 2007, p.16)

Outra questão a ser aqui discutida, revelada em diversos momentos da obra lobatiana, e que consideramos contraditória à sua defesa à favor do instinto em detrimento da razão humana, já apresentada anteriormente, é a valorização da inteligência humana. Graças à inteligência e sua capacidade inventiva o homem teria sido capaz de ampliar sua eficiência e progredir dominando a natureza a seu favor. São nos excertos a seguir que se deixam entrever as idéias típicas da modernidade a respeito da dominação da natureza, nas quais o conhecimento e a Ciência possibilitam a exploração dos recursos a favor do homem, assim como auxiliam-no a vencer os obstáculos naturais.

No capítulo *Comichões científicas*, de *Serões de Dona Benta*, Lobato declara:

No começo o homem era um pobre bípede que valia tanto como os quadrúpedes de hoje. Vivia como todos os animais, nu em pêlo, morando só nos lugares de bom clima, onde houvesse abundância de frutas silvestres e caça. Um animal como outro qualquer. Mas a inteligência que foi nascendo nele fez que começasse a observar os fenômenos da natureza e a tirar conclusões. O homem teve a idéia de plantar, e com isso criou a agricultura. Teve a idéia de inventar armas, o arco e a flecha, o machado de pedra, o tacape, e com isso aumentou a eficiência dos seus músculos. Um dia descobriu o fogo e o meio de conservá-lo sempre aceso – e disso nasceu um colosso de coisas, entre elas o preparo dos metais. Com o fogo derretia certas rochas e tirava uma coisa preciosa, diferente da pedra – o ferro, o cobre, os metais, em suma. E com esses metais obtinha machados muito melhores que os feitos de pedra. Também aprendeu a domesticar certos animais, de que se servia para a alimentação ou para ajudá-lo no trabalho. E a inteligência do homem, de tanto observar os fenômenos, foi criando a ciência, que é o modo de compreender os fenômenos, de lidar com eles e produzi-los quando se quer. E o homem tanto fez que chegou ao estado em que se acha hoje – dono da terra, dominador da natureza, rei dos animais. (LOBATO, M., [19--]h, p.1743)

Como pode-se ver, a inteligência humana permitiu ao homem diferenciar-se dos demais animais, realizar descobertas, desenvolver-se, criar a Ciência, relacionar-se com os elementos da natureza.

Aqui percebe-se claramente a relação de dominação da sociedade sobre a natureza advinda da modernidade, já citada. O desenvolvimento da ciência proporcionaria não apenas a compreensão dos fenômenos naturais, como também a dominação destes e a sua utilização a favor do homem. O homem pode, então, tornar-se “o dono da terra, dominador da natureza, rei dos animais.” Curioso que Lobato apresenta sem críticas o homem em uma posição que em outrora criticara: como dominador e rei da natureza. Tal posicionamento remete à concepção antropocêntrica da natureza, em que, como demonstra Cavalari (2007), “a superioridade do homem aparece, também, quando ele é representado como o *grande dominador*” (p.06, grifo da autora).

Na mesma obra, no capítulo *A matéria*, Lobato escreve:

- Puxa! – exclamou o menino ao entrar. – Nunca pensei que aquela pedra pesasse tanto. Eu e Emília pusemos toda a nossa força e a diaba nem gemeu... Dona Benta aproveitou-se do tema.  
- É por isso que o homem recorreu às forças da natureza e acabou escravizando-as. Viu que só com os seus músculos podia muito pouco. Essa pedra que resistiu à força dos músculos do meu neto e da Emília mover-se-á

facilmente por meio duma alavanca. Mas antes de chegarmos à alavanca, temos de ver o que é a matéria. (LOBATO,M.,[19--]h, p.1768)

As forças da natureza complementam o homem, potencializando sua eficiência inicial. No entanto, é interessante atentar para a expressão “homem recorreu às forças da natureza e acabou escravizando-as”, colocando o ser humano, novamente, em uma posição de dominador da natureza.

Ainda referindo-se aos *Serões de Dona Benta*, capítulo *As máquinas*, segue o excerto no qual Lobato apresenta a máquina como aquela que permite ao homem domar as forças da natureza a seu favor:

- A máquina é o próprio homem, com seus braços, suas pernas e todos os seus sentidos, *umentado* de eficiência por meio de truques que a inteligência inventou.[...]

Nos tempos antigos o homem ainda não havia domado a natureza – o ar, a água, o fogo e todas as fontes de energia, de modo que tudo era feito à força de músculos. Mas foi aprendendo, e por fim criou a máquina, que é o meio de substituir a força dos músculos pelas forças naturais.[...] (LOBATO,M.,[19--]h, p.1779, grifo do autor)

Em *História das Invenções*, capítulo *O bicho inventor*, ao contar as transformações do planeta Terra através da leitura de Van Loon, Dona Benta afirma:

[...]Pois bem, no nosso grãozinho de poeira formou-se a Vida, surgiram os animais, que são seres com vida, e pelo espaço de milhões e milhões de anos os animais se foram revezando no domínio da Terra, ora vencendo uma espécie, ora vencendo outra, até que apareceu o homem, o atual vencedor.

- Atualmente só, vovó? Não poderá ficar o vencedor sempre?

- Impossível responder, minha filha. Assim como no animal-homem surgiu essa inteligência que lhe deu o domínio da Terra, pode surgir outra forma de inteligência, mais apurada, em outro qualquer ser, numa planta, num peixe, numa formiga, num micróbio - e o homem terá de entregar o cetro de Rei dos Animais, desaparecendo da superfície da Terra como tantos outros reis já desapareceram.(LOBATO,M.,[19--]b, p.1843)

Lobato prossegue aqui, na mesma obra, discutindo a questão do progresso humano, também abordada em *O Escândalo do Petróleo e Ferro*:

Aquele animal peludo que se mostrava mais apto que os outros, que já pensava, que já estudava as situações comparando uma coisa com outra, que já fazia tudo para sobreviver, que já havia transformado dois pés inúteis em duas mãos utilíssimas, lutou de rijo contra os novos obstáculos que as

mudanças na superfície da Terra criaram e adaptou-se a eles. Acabou vencendo.

- Como?

- Tornando-se o que precisava ser. Tornando-se INVENTOR. Com os inventos que ia fazendo aumentava o seu poder sobre a natureza, e não se deixava vencer pelos obstáculos. A partir dessa época a Terra viu proliferar sobre sua crosta um bicho diferente dos demais. Um animal que criava coisas. Um animal que inventava. O homem, enfim.(LOBATO,M.,[19--]b, p.1846)

Essa capacidade inventiva, que todos os animais possuem mas apresenta-se sem limites no ser humano, acabou por afastar o homem dos outros animais, e lhe possibilitou a ampliação de sua eficiência; conseqüentemente, Lobato afirma que: “ganhou um poder tão grande que o fez o rei da Terra. Hoje quem manda é ele — e a não ser que a faculdade da invenção se desenvolva tremendamente numa formiga ou num micróbio, o homem continuará rei enquanto a Terra for a Terra.”([19--]b, p.1847)

Nota-se que Lobato novamente apresenta a inteligência e a capacidade do homem de inventar que ela lhe proporciona como responsáveis pelo seu domínio sobre a natureza. Esta posição de “rei” (aliás, Lobato aponta que antes do desenvolvimento da inteligência humana outros animais revezaram-se no domínio da Terra) só poderá ser tomada do homem se outro animal desenvolver tal como ele a capacidade de inventar. O poder de criar, a inteligência, a ciência, enfim, conferem então ao homem a possibilidade de comandar a Terra.

Em *O Escândalo do Petróleo*, Lobato discute que, na busca pela ampliação da eficiência humana e do progresso da humanidade, o homem utilizou-se da escravização de animais e de outros homens como fonte de energia para mover a máquina. Para a escravização dos animais considera-os seres “menos inteligentes ou mais fracos”, vindo deste fator seu direito de dominá-los.

A partir do aperfeiçoamento da máquina, da utilização do ferro em sua composição, o homem passa a dominar a natureza, modificá-la, perder-lhe o temor, a compreender o meio natural como sua propriedade.

Lobato afirma que “civilizar-se” é sobrepor às leis naturais outras leis criadas pelo próprio homem, que mais se civiliza à medida que aperfeiçoa a máquina e amplia sua eficiência. A velocidade do “civilizamento” Lobato denomina progresso. Esse progresso, por sua vez, pôde ser ampliado pela descoberta de nova fonte de energia que substituiu a sua força muscular, no excerto em questão seria gerada pelo vapor d’água:

A partir daí o astuto bipede começa a dominar o mundo, a arrostar as leis naturais, a tirar dum ponto o que a Natureza pusera noutra, a rir-se de animalões enormes como o elefante e a governar a terra como propriedade sua. Deu de “civilizar-se”, isto é, de sobrepor às leis naturais uma lei nova saída da sua cabeça, e quanto mais aperfeiçoava a maquina, mais aumentava de eficiencia e pois mais se “civilizava”. Mas o seu “progresso” (que é como ele chama a velocidade do seu civilizamento), via-se embaraçado pela pobreza da força de que dispunha para mover a maquina. Era preciso descobrir algo indolor e potente que substituísse o musculo – e surge afinal o aproveitamento da enorme fonte de energia mecanica que existe na força expansiva do vapor d’agua.

Maravilha! Aquela coisa tão simples – agua aquecida até transformar-se em vapor – vem libertar o homem do uso exclusivo do musculo dolorido como força motora da maquina. Indolor e de potencia ilimitada!

O progresso intensifica-se. Num seculo de energia mecanica aplicada á maquina o homem faz mais progressos do que em todo o passado da humanidade. Sua eficiencia cresce dum modo tremendo.(LOBATO,M., 1956k, p.25-26)

Novamente, pode-se perceber contradição no posicionamento de Lobato, ao apresentar o homem como dominador da terra, sem acrescentar nenhuma crítica a esta posição. Essa dominação, como se percebe, só é possível pelo aperfeiçoamento das criações humana, que resultam no progresso. O progresso seria, portanto, a dominação do homem sobre a natureza, e a utilização dela em seu benefício. É à medida que o homem impõe à natureza suas leis que “civiliza-se”, progride. À medida, portanto, que a cultura domina o natural, tem-se como resultado o progresso. A contradição se dá, inclusive, a respeito das críticas feitas pelo autor ao progresso e à civilização como afastamento da natureza.

Ainda no mesmo volume da obra lobatiana, mas na obra *Ferro*, a afirmação de que a produção do ferro pelo homem, e sua utilização na fabricação das máquinas, foi que possibilitou a ele a completa dominação da natureza:

Certo momento o homem descobriu – e foi sua maior descoberta depois da do fogo – que se isolasse o ferro do oxigenio, encontrado estaria o material necessario á completa dominação da natureza. E o homem começou a fabricar ferro, isto é, a expulsar do minerio o oxigenio, pondo em seu lugar outro elemento, o carbono, que não impropriava o ferro, antes mais o adaptava, aos fins em vista.(LOBATO,M., 1956k, p.278)

Em *História das Invenções*, capítulo *Últimas mãozadas*, Lobato questiona os progressos advindos da capacidade inventiva do homem. Declara que o desenvolvimento moral humano não acompanhara seus progressos materiais:

- Pois é isso, meus filhos. Estamos vivendo num período muito interessante do mundo. A mão do homem adiantou-se demais neste nosso século, desenvolveu-se demais, multiplicou de tal modo a sua eficiência que o cérebro ficou na bagagem, lá longe. Há miolo já muito adiantado nos grandes homens, isto é, nos inventores, nos pioneiros e nos que *compreendem*; mas a massa geral do cérebro humano está hoje séculos atrás da mão.[...]  
E por muitos séculos as coisas ainda continuarão assim. A mão não cessa de aperfeiçoar-se com velocidade sempre maior, mas o progresso moral tem a lentidão das lesmas.[...](LOBATO,M.,[19--]b, p.1878-1879, grifo do autor)

A natureza, segundo ele, está totalmente dominada, e as invenções já tornam possível a vitória humana diante das adversidades do meio. É a estupidez humana que deve ser solucionada, pois contra ela nada podem os progressos já obtidos (progressos materiais):

Mas os períodos glaciais eram catástrofes resultantes da natureza. Hoje a natureza está completamente dominada pela mão do homem.[...] Contra todas as calamidades naturais temos as defesas criadas pelas invenções. Entretanto, contra as calamidades que o cérebro ainda atrasado desencadeia a mão nada pode fazer, porque o cérebro, como senhor dela que é, põe essa pobre escrava a serviço da sua estupidez e maldade. (LOBATO,M.,[19--]b, p.1879)

É curioso notar que, apesar de todas as críticas, Lobato afirma que a catástrofe força o homem a evoluir, pois só diante de grandes dificuldades este pode perceber esta necessidade de desenvolver-se.

- Qual o jeito, então?  
- O jeito é tornarem-se essas calamidades tão grandes que o cérebro humano abra os olhos e veja - e compreenda afinal!...(LOBATO,M.,[19--]b, p.1879)

Para finalizar, a declaração explícita de Lobato de que a ciência é a desencadeadora do progresso humano, em *Serões de Dona Benta*, capítulo *Comichões científicas*:

Entre esses conhecimentos o maior de todos foi tirar partido de certas forças da natureza a fim de aumentar a força natural dos músculos. Isso deu ao homem eficiência, isto é, capacidade de fazer coisas. Por fim entrou a inventar instrumentos e máquinas, meios mecânicos de aumentar grandemente a força dos músculos – e hoje o homem tem máquinas poderosíssimas, como a locomotiva, o navio, os guindastes, os automóveis, os aviões, tudo. A ciência foi nascendo, e o que chamamos progresso não passa de aplicação da ciência à vida do homem.(LOBATO,M.,[19--]h, p.1743)

A natureza, outrora apresentada de forma a inferiorizar o ser humano diante de sua magnitude, desaparece em passagens como a que segue, em que grandes invenções humanas tornam pequenos os obstáculos naturais que surgem em seu caminho: “Meu Deus! Como o condor insignificantiza tudo! Até a pobre Serra do Maracajú, que devia ser uma barreira terrível para o bandeirante, lá de cima nos aparece um zero, um nada, uma dunazinha insignificante” (1956h, p.247). Este excerto, curiosamente, pertence a *De São Paulo a Cuiabá*, de *Miscelânea*, um texto em que são várias as passagens nas quais o homem é colocado como destruidor da natureza, já citadas neste trabalho.

Deste mesmo texto pode-se inferir outra contradição dos posicionamentos de Lobato; o autor, que neste capítulo foi apresentado como defensor da exploração dos recursos naturais em benefício ao progresso humano, inversamente afirma que:

Por toda parte, ainda hoje, vê-se o solo revolvido, com amontoamentos de cascalho e regos abertos, lembrando as zonas de França, logo depois dos tremendos bombardeios da Grande Guerra. E ficou a aridez, o deserto. Que triste o destino das terras que têm a desgraça de revelar ouro!(LOBATO,M., 1956h, p.263)

Da mesma forma, esta natureza a quem o homem vangloria-se por ter dominado graças ao seu conhecimento, é apresentada em *A crueldade da natureza*, de *Mundo da Lua*, da seguinte forma:

A natureza só tem um fim: a vida. Cria o homem e a mulher, dá-lhes força, beleza, ilusões, saúde, amor, unicamente para que, congregados, produzam a soma de vida de que são capazes. Feito isso, dá-lhes ainda energia – instintos paternos e maternos – necessária à assistência da prole. Depois abandona o casal às doenças e à morte.  
Quanto amor à vida, como a vida é bela e forte, quando a natureza necessita da criatura para a produção de vida! e como a faz má, difícil, dura, inútil, uma vez que atinge seu fim!(LOBATO,M., 1956h, p.36)

Como o título explicita, a natureza é vista como fonte de crueldade. Isto porque a relação da natureza com o homem é guiada, como é apontado, pelo interesse da primeira em gerar vida. De acordo com este interesse, então, tornaria a vida satisfatória e agradável aos humanos, alterando esse quadro para o extremo oposto quando atingidos seus fins. Teria mesmo o homem dominado-a por completo?

## 5. DESENVOLVER OU PRESERVAR? – A QUESTÃO DO DESENVOLVIMENTO NO PENSAMENTO DE MONTEIRO LOBATO

Diante do que foi apresentado a respeito de Monteiro Lobato, seu desejo e empenho para conquistar o progresso brasileiro, envolvendo-se em campanhas tal como para exploração do ferro e petróleo, questionamos se Lobato não poderia ser considerado um desenvolvimentista.

Desta forma, uma das questões de pesquisa levantadas no presente estudo refere-se à maneira como Lobato conciliou este seu desejo pelo desenvolvimento brasileiro com a questão ambiental, tão presente em seus escritos. Qual fator predominava? Lobato defenderia um progresso construído às custas da exploração e destruição do meio ambiente? Há preocupação com o uso consciente dos chamados recursos naturais?

Como pôde-se concluir a partir do contato com a biografia de Monteiro Lobato, bem como das questões das quais tornou-se porta-voz e defensor, Lobato era um homem preocupado com o desenvolvimento de seu país, e lutou por isso durante toda sua vida. Os Estados Unidos, dado seu grande progresso, era para o escritor um modelo de civilização a ser perseguido, como relata Sandroni (2002) em *Minhas Memórias de Lobato*:

Depois de quatro anos e alguns meses nos Estados Unidos, Lobato estava convencido de que a saída para o Brasil era a sua riqueza. Nesse tempo todo ele pudera observar que o progresso só aparecia com o desenvolvimento econômico do país e que só com a ajuda das máquinas o homem podia progredir.[...] (SANDRONI, 2002, p.71)

No 2º tomo de *A Barca de Gleyre*, Lobato demonstra certo deslumbramento com referência ao país norte-americano, supervalorizando seu progresso sem mesmo

atentar para a qualidade de vida. Além disso, expressa sua admiração por Henry Ford, “o Jesus Cristo da Indústria” e seu modelo de produção:

[...]Que sonho lindo! Que maravilha! Morar e ter negocio na maior cidade do mundo, onde os homens se envenenam com o fedor de gasolina de 800 mil automoveis! America, a terra de Henry Ford, o Jesus Cristo da Industria!...](LOBATO,M., 1956b, p.300)

Como declara em *Pelo Triangulo Mineiro*, de *Miscelânea*, “a palavra Ford significa eficiência elevada ao grau máximo” (1956h,p.185). É esta eficiência que Lobato buscava para o desenvolvimento brasileiro, e segundo ele, a máquina seria o potencializador da capacidade humana, como pode ser atestado em *Escândalo do Petróleo*:

A observação atenta no fenomeno americano deu-me a resposta clara: *Porque nos Estados Unidos o homem adquiriu elevada eficiencia e no Brasil a eficiencia do homem está pouco acima da do homem natural.*

A eficiencia do homem natural, que só dispõe dos musculos, é minima. Ele pode o que seus musculos podem. Começa a crescer em eficiencia á medida que se vai equipando de *instrumentos* multiplicadores da força dos musculos. Com o arco arroja um projétil a distancia muito maior do que com os musculos arremessaria uma pedra. Com o machado de silex corta a arvore que jamais poderia abater a pulso nú.

Os elementos multiplicadores da eficiencia do homem vão crescendo em complicação até se transformarem no que chamamos maquina.[...] (LOBATO,M., 1956k, p.23-24, grifos do autor)

A eficiência natural do homem seria aquela proporcionada pela força de seus próprios músculos, sendo mínima. Esta eficiência se vê ampliada por instrumentos que o homem inventa, incluindo a máquina que seria a grande potencializadora dessa eficiência; o homem norte americano já teria essa eficiência ampliada enquanto no Brasil pouco avanço teria sido alcançado. Disso decorreria a diferença entre os avanços dos dois países.

A valorização da máquina é tão presente na obra lobatiana, que no capítulo VIII de *América*, o autor apresenta como equivalentes de progresso “maquinar, inventar”. Percebe-se, no excerto que segue, um certo desejo de transformação na ordem das coisas. O progresso é visto como uma lei natural à qual não é possível, nem sensato, voltar-se contra:

- Cada vez que aparece alguma nova maquina, ou nova invenção – e progredir é isso, maquinar, inventar – criam-se condições novas de vida, que provocam deslocamentos de homens.

[...] Vejo, Mr Slang, que o senhor é um terrível e incondicional amigo do progresso.

- Apenas vejo no progresso uma lei natural. Sou amigo dele porque sou amigo da lei da gravitação, da lei da evolução, de todas as leis da natureza. Deblaterar contra tais leis me parece das coisas mais ridículas que um homem possa fazer.[...](LOBATO,M., 1956d, p.69-72)

Duas das principais campanhas nas quais Lobato se envolveu durante grande parte de sua vida, e que podem ser atestadas em qualquer biografia do autor, são as relativas a exploração do ferro e petróleo nacionais. Dedicou algumas de suas obras para difundir e defender suas idéias, entre elas *O Escândalo do Petróleo*, *Ferro* e *O Poço do Visconde*, na qual apresenta a questão em uma linguagem e compreensão dedicadas ao público infantil.

Em *De São Paulo a Cuiabá*, de *Miscelânea*, Lobato apresenta a necessidade de exploração destes recursos para o desenvolvimento econômico brasileiro, além da questão das estradas de rodagem:

Ferro: matéria prima da máquina, essa coisa aumentadora da eficiência do homem. Petróleo: matéria prima da energia mecânica que move a máquina. Estrada de rodagem pavimentada: pista por onde corre a máquina número um, a que suprime a distância, a que vence a legua, esse terrível inimigo dos países de território imenso.

Resolvam-se esses problemas parciais e teremos tudo, tudo, tudo. Fiquem sem solução e não teremos nada, nada, nada

[...]

Basta acentuar um ponto: a gasolina americana chega a Santos a 300 réis o litro: se o consumidor paga por ela de 1\$200 a 1\$800, a culpa não cabe aos americanos, sim ao fato de não sermos governados pela inteligência. (LOBATO,M., 1956h, p.268-269)

Como declara em *Pelo Triângulo Mineiro*, da mesma obra, a exploração do petróleo e do ferro brasileiros seria a solução para todos os problemas materiais:

Ora, havendo já o homem realizado tão assombrosos prodígios, nem chega a ser sonho esta campanha do petróleo em que vivemos empenhados – tão fácil, tão rasteira é a tarefa de dar ao Brasil o combustível mágico, alma da civilização moderna, já que resolve todos os problemas materiais da vida, na sua aliança com o ferro sob forma de máquina.(LOBATO,M., 1956h, p.179)

É no excerto selecionado de *De São Paulo a Cuiabá*, de *Miscelânea*, que o questionamento a respeito da conciliação entre desenvolvimento econômico e meio ambiente salta aos olhos de maneira mais clara:

Pantanal! Pantanal! Pantanal! Será que não tem fim aquele pantanal? De tudo quanto vemos de cima, a coisa única que a distancia não apequena é o pantanal. Serras e rios, cidades e fazendas ficam insignificantes – mas o pantanal impõe-se como terrivelmente grande.

O pantanal não chega ao fim por mais que o condor devore quilômetros a 270 por hora. E se o viajante corre os olhos pelo mapa da América do Sul, verá, assustado, que o pantanal se prolonga indefinidamente, embora mudando de nome, até às serras do sistema Parima, nas fronteiras venezuelanas. Que é toda a Amazonia senão um pantanal?

Faltou o Humboldt que estudasse essa curiosíssima região do globo. Não temos nenhuma visão do conjunto, nenhuma filosofia do centro da América do Sul. Os sábios que por lá andaram perderam-se em detalhes. A teoria do extinto mar do Xaraés está a pedir formulador de gênio. Euclides da Cunha seria capaz de nos visualizar aquilo, mas o próprio Euclides se deteve na beiradinha norte.

Hoje, a região imensa é um deserto que ainda desafia a fraqueza do homem. Mas tudo parece mostrar que aquele deserto verde está sobre um mar de petróleo. O ouro aluvial existente por cima da terra atraiu os primeiros povoadores. A extração da borracha, em seguida, prosseguiu na obra de devassamento e povoamento. Coisinhas mínimas. Insignificâncias. Para vencer aquele mundo, só uma força ingente, só a maior de todas – petróleo.

Mas petróleo tirado de lá – não comprado fora. (LOBATO, M., 1956h, p.248-249)

Curiosamente, Lobato afirma a existência de petróleo no Pantanal, região esta que segundo o autor “é um deserto que ainda desafia a fraqueza do homem”. Apenas o petróleo poderia “vencer aquele mundo”, cuja exploração do ouro e a extração da borracha havia proporcionado insignificantes povoamento e devassamento.

Interessante como, diante de uma paisagem “que se impõe como terrivelmente grande”, de extrema importância natural, Lobato visualiza o potencial de desenvolvimento pela exploração do recurso do qual se tornou porta-voz, não apontando nenhuma ponderação sobre a questão ambiental.

Este mesmo incentivo à exploração dos recursos naturais pode ser observado em outras obras, ocorrendo na maioria das vezes em prol do progresso, da liberdade econômica e do desenvolvimento brasileiros.

Em *Pelo Triângulo Mineiro*, de *Miscelânea*, declara que é com a exploração dos recursos (ferro, petróleo, carvão e trigo) que se sustentará a liberdade econômica do Brasil:

Havemos de sonhar porque o sonho é o primeiro passo de todas as realizações. Ferro, petróleo, carvão e trigo; havemos de sonhar com a nossa libertação econômica assentada nessas quatro colunas, que até aqui fomos proibidos de levantar porque a isso se opunham os grupos de interesses que põem a juro a nossa miséria.(LOBATO,M., 1956h, p.188)

Já em *A ação de Osvaldo Cruz, de Problema Vital*, o que pode ser visto é a defesa do desenvolvimento econômico do país, seu aumento de capital, não devendo contentar-se apenas com as riquezas de recursos inexplorados:

Riqueza. Te-la no seio da terra, no azoto do ar, nas essências florestais, na literatura côr de rosa e não te-la sonante no bolso, é ser nababo à modo do chinês em transe megalomaniaco de sonho d'opio. A noção econômica de riqueza, desde Adam Smith, é um pouquinho diversa – a mesma diversidade que vai da *palavra* libra-esterlina à *rodinha* amarela chamada libra-esterlina.(LOBATO,M., 1956g, p.225, grifo do autor)

Em *Em Uberaba*, do livro *Conferências, Artigos e Crônicas* (1959) Lobato expõe a riqueza potencial que o país possui, mas que, segundo ele, não representa riqueza se não for explorada:

O curioso, entretanto, é que realmente possuímos imensas riquezas potenciais. Riqueza potencial quer dizer riqueza de exploração possível, mas ainda não realizada. Possuímos uma das maiores reservas de minério de ferro do mundo – e ótimo. Possuímos tremendas jazidas de níquel, de cobre e de cem outros minerais. Mas de que vale isso, se as não exploramos? Potencialidade de riqueza não é riqueza. Possibilidade de riqueza não é riqueza – e ninguém vive de possibilidades. (LOBATO, 1959, p.19)

No mesmo livro, em *Como países se suicidam*, Lobato expressa a necessidade de mobilização das riquezas naturais, não devendo sair do país como matéria-prima. Lobato elenca dois tipos de reservas naturais: as vegetais, que segundo ele são de produção ilimitada, dependendo apenas da “vontade do homem” para serem produzidas; e aquelas que poderíamos chamar de fontes esgotáveis, como o ferro. Nota-se a apropriação dos recursos naturais, com a utilização de termos “donos”, “administradores”. Da exploração das riquezas, no caso, o ferro, decorreriam não apenas riqueza, mas também poder e cultura; nota-se que a limitação da exploração dos recursos não renováveis dá-se pelo bom senso, que ao invés de apontar para uma

exploração limitada, amplia essa exploração em nome de sua transformação em riqueza:

O desenvolvimento de um país está na função do destino dado às suas reservas naturais. Enquanto adormecidas onde a Natureza as pôs tais reservas não passam de simples possibilidades. Só a mobilização pelo transporte as transforma em riqueza. Riqueza colonial, se o país se limita a mobilizá-las e trafegá-las para países mais adiantados, que as transformem de simples matéria-prima em utilidades. Riqueza metropolital (com perdão da feia palavra, única entretanto que nos serve à idéia), se a transformação em utilidades se faz em casa, para uso próprio ou permuta com outras nações.

Em duas grandes classes temos de dividir as reservas naturais de um país – se susceptíveis de perpétua produção, como as vegetais, e as insusceptíveis disso, visto como existentes em jazidas ou formações na natureza limitadas.

Nada a dizer quanto às primeiras. Reproduzíveis que são, podemos considerá-las inextinguíveis. Está na vontade do homem fazê-las jorrar do seio da terra na proporção desejada. Quanto às segundas, muito há que dizer...

Temos antes de mais nada que as considerar como um depósito confiado à nossa guarda. Não somos os donos. O dono é o país. Reserva única, insubstituível, irreproduzível, que o passado nos legou e de que o futuro nos pedirá contas, fôça é ter a seu respeito a mais sábia das políticas.

Uma conclusão ressalta imediatamente. Se não pertencem a nós, homens do presente, sendo em co-propriedade com as gerações futuras, nossa política deve ser determinada por êsse fato. Temos que agir como procuradores inteligentes das gerações futuras, salvaguardando-lhes os direitos, harmonizando-os com os nossos e assim nos habilitando a uma prestação de contas decente.

Nessa qualidade de co-proprietários temos o direito de tirar das reservas naturais irreproduzíveis o nosso quinhão – e o Bom-Senso está a indicar o caminho. Não será ele o da limitação do nosso consumo e sim o do mais rendoso aproveitamento. Se tirarmos o melhor partido possível dessas reservas estaremos *ipso-facto* administrando da melhor maneira a herança e transmitindo-a ao futuro grandemente multiplicada em valor. Agir com acêrto para conosco é agir com acêrto para com o futuro. É condicionar nos melhores moldes êsse futuro, que jamais deveremos perder de vista. E nem contas pedirá êle. Contas se pedem aos maus administradores.

Das reservas que cumpre defender – e só as defenderemos se as utilizarmos em nosso proveito da maneira mais inteligente – está em primeiro lugar o ferro. Como é dêle que tudo sai – riqueza, poderio, cultura [...] (LOBATO, 1959, p.198-199)

No 8º capítulo de *Mr. Slang e o Brasil*, Lobato, ao referir-se à mentalidade brasileira, que espera passiva as oportunidades de desenvolvimento ao invés de produzi-las, ao contrário dos outros países, lembra-se da declaração de um ex-presidente da república a respeito das jazidas de ferro mineiras, que deviam conservar-se inexploradas e serem deixadas para as gerações futuras, valorizando-se ao longo do tempo.

Criticando largamente esse tipo de pensamento, o autor afirma que, se tal raciocínio fosse estendido para todas as reservas naturais e a política de sua conservação fosse seguida, os brasileiros permaneceriam sem nenhum progresso, idéia esta que ele transmite aludindo nossa imagem a de índios. Para Lobato, os povos que consideramos desenvolvidos e superiores realizam a mobilização de suas reservas naturais.

Uma expressão curiosa deste excerto é a referência ao cultivo do café paulista, demonstrando acentuada visão utilitarista da terra:

- Oportunidade só a esperam os fracos. Os povos fortes criam-na. O Brasil vive a esperar uma vaga oportunidade, enquanto os seus vizinhos forjam a sua. A proposito, e como reflexo da mentalidade do país, ocorre-me uma opinião do ex-presidente da republica sobre as jazidas de ferro de Minas.
- Sei. Disse ele que eram uma reserva que nestes 200 anos poderiam valer muito e que deviamos deixa-las para os nossos netos.
- É isso. Li essa opinião e assombrei-me. Se um homem expoente, e tanto que já presidiu a nação, pensa dessa forma, que ha mais a esperar? Daqui a 200 anos podem dar-se, entre inumeras, estas duas hipoteses: não ter mais valor nenhum o ferro, graças á descoberta de um novo elemento, ou não existirem netos herdeiros das tais jazidas de Minas. Se Cunhambebe pensasse assim em 1499 e não comesse as pacas de sua taba de Araribá, para que cinquenta anos depois as tivessem, multiplicadas, os seus netos, teria evidentemente errado, porque no ano seguinte a aparição de Cabral viria transtornar a simplicidade desse calculo. Quem passou a comer as pacas foram os portugueses.
- Não ha duvida...
- Estenda o raciocinio a todas as reservas naturais do país, á borracha, ao mate, á piaçaba, ás madeiras, aos diamantes do Garça, ao manganês, ao babassú, à fertilidade da terra...
- Fertilidade nativa da terra?
- Sim. O café de S. Paulo, por exemplo, não passa de um engenhoso meio de industrializar e comercializar a fertilidade nativa da terra roxa, que constitue a riqueza de S. Paulo, como o ferro constitue a riqueza de Minas. Estenda o raciocinio e verá que botocudos nós não seriam vocês todos por cá, se a politica de conservar reservas fosse a seguida. Os povos que chamamos grandes são os que mobilizam as sua reservas naturais. Os que não o fazem permanecem de tanga, com tabuinhas no beijo.(LOBATO,M., 1956g, p.49-50)

Atente-se para a maneira como Lobato refere-se aos povos que não mobilizam suas reservas, pejorativamente relacionado-os aos povos indígenas, “os povos que chamamos grandes são os que mobilizam as sua reservas naturais. Os que não o fazem permanecem de tanga, com tabuinhas no beijo”.

A exploração das riquezas do subsolo, é igualmente defendida em *O subsolo*, de *Fragmentos*, que integra o volume *Mundo da Lua e Miscelânea*. Segundo Lobato é a

industrialização desses recursos que trazem poder e riqueza aos povos, “arrancar do seio da terra ferro e transformá-lo em mil máquinas que nos aumentem a eficiência dos músculos”. A exploração da agricultura apenas o faz comparar o modo de vida do povo de seu país aos “demais bichos da terra”:

Uma rápida vista d’olhos pelo mundo só nos mostra riqueza e poder nos povos que industrializam o subsolo, dele tirando a hulha, o ferro, o petróleo e todas as mais riquezas entesouradas. Os que se limitam a arranhar a superfície por meio da agricultura, esses jamais serão estrelas de primeira grandeza, jamais serão poderosos, jamais passarão de satélites inermes.

Até aqui vivemos como os demais bichos da terra, a explorar umas tantas plantinhas que crescem na superfície – a cana, o cacau, o café, o fumo, o côco, etc. – produtinhos coloniais.

Daí nossa fraqueza econômica, a nossa pobreza intensa, o nosso encaramento. Temos de mudar de política. Fazer o que os Estados Unidos fizeram. Arrancar do seio da terra ferro e transforma-lo em mil máquinas que nos aumentem a eficiência dos músculos. Arrancar o petróleo para reduzir a essa potente energia mecânica que move as máquinas. Não mais homens resignados que se repimpam na anca de pobres jêgues e minúsculos cavalicoques – mas “he-men” que chispem em autos, que risquem o céu em aviões, que espantem os sururús das lagoas com a velocidade dos “motor-boats”. (LOBATO, M., 1956g, p.100-101)

Nem mesmo os elementos da flora são excluídos dos planos para o desenvolvimento nacional. No capítulo XXXIV de *América*, as florestas são convertidas em carbono, necessário à produção de ferro:

- Vocês têm aqui uma montanha de minério do mais alto teor. E cá em redor (e esse em “redor” era o resto da mesa, isto é, do Brasil) têm a floresta, ou, siderurgicamente falando, carbono. Com esses dois elementos a Ciência produz ferro, matéria prima da civilização. Vocês possuem em grande os dois elementos primeiros da civilização: óxido de ferro e carbono. Por que não a criam, produzindo o metal básico? (LOBATO, M., 1956d, p.275)

Voltando à questão do Pantanal, no mesmo texto em que faz um alerta para a existência de petróleo na área, já citado neste capítulo, Lobato questiona-se sobre a possibilidade de o homem fazer a drenagem do Pantanal, continuando e complementando uma ação iniciada pela natureza: a de transformar em terra firme aquele espaço que já foi água; projeta que é a riqueza gerada pela exploração do petróleo matogrossense quem permitirá este grande feito da engenharia humana.

Percebe-se que, embora Lobato desejasse que isso ocorresse, duvida de sua efetivação:

Nossos olhos se repastam no mapa da terra visto de dois mil metros de altura. Uma das sensações do voar é que a terra deixa de ser o que é – passa a mapa – um mapa da natureza, não do Castiglioni. E sempre o mesmo desenho pantanalesco, naquele pedaço entre Aquidauana e Corumbá: capões de arvoredos intervalados de campos e alagadiços.

Vai pelo pantanal uma luta silenciosa de milhares ou milhões de anos, entre a água e a terra firme. Tudo aquilo já foi água contínua e permanente, com a só interrupção das espanejadas serras, que figurariam como filhas. A erosão foi desmontando as serras e com o aterro elevando o nível da planura inundada. Ilhas pequenas e razas foram emergindo – ilhas periódicas, que na estação das chuvas ficavam cobertas de água. Entrementes os leves declives deram formação aos rios e riachos, de leitos cada vez mais profundos e de maior capacidade de vazão.

A obra de drenagem está em andamento. Mas os drenos dos rios só atendem ao escoamento das águas nas estações de seca. Nas chuvosas ainda se mostram insuficientes – e tudo se inunda. A tendência da natureza, porém, é transformar aquilo que foi água contínua, e hoje é pantanal, em terra firme e seca.

Completará o homem, algum dia, esse trabalho da natureza? Fará no pantanal obra semelhante à que os dinamarqueses e holandeses fizeram nos brejos que hoje constituem os territórios sólidos desses extraordinários países? Talvez o petróleo, a riqueza do petróleo, em futuro ainda bem distante, quando Mato Grosso se tornar o abastecedor dos Estados Unidos já esgotados, venha a realizar a obra gigantesca da drenagem do pantanal – o maior feito da engenharia humana. A drenagem do pantanal! A transformação do fundo do Xaraés numa pradaria holandesa!

Se quanto a essa drenagem o petróleo apenas nos permite que sonhemos, uma coisa já ele nos permite realizar: ver o pantanal em toda a sua desmesurada extensão, reduzido a um mapa vivo que não cessa de desdobrar-se verticalmente aos nossos olhos. Antes dos condores ninguém tinha visto o pantanal senão de escoreço e num raio extremamente curto. Visão de verme. (LOBATO, M., 1956d, p.251-252)

Percebe-se uma concepção utilitarista e antropocêntrica desse ecossistema, sem explicitar nenhuma preocupação com a vida das diversas espécies da fauna e da flora que lá habitam e que sofreriam com essa intervenção.

Em *Pelo triângulo mineiro*, do livro *Miscelânea*, percebe-se uma contradição nos posicionamentos de Lobato ao referir-se à mobilização das reservas naturais. O autor, que expressou a necessidade de volta do homem ao natural, e o benefício da vida sem seu afastamento da natureza, como já contemplado nesta pesquisa, no texto a seguir revela-se favorável à substituição de um ambiente bucólico pelo desenvolvimento das metrópoles:

Na sua segregação de estado central, Minas considera-se muita coisa, mas diante do que pode vir a ser é ainda nada. No dia em que puder mobilizar as tremendas reservas minerais do seu subsolo, sobretudo o ferro, que possui em quantidades suficientes para ferrar o Brasil e boa parte do mundo, Minas transformará o seu bucolismo de hoje num grande metropolismo industrial. Mas tudo ainda está, por nove decimos, em estado de casulo.

Houve no começo a exploração do ouro, e há hoje a morosa transformação das pastagens em carne e leite. O ouro é o único metal cuja exploração não enriquece um país, em virtude do seu emigracionismo congênito. Emigra sistematicamente para as zonas produtoras e manipuladoras do ferro, isto é, para os países industriais. O ferro tem propriedade de atrair o ouro – quando transfeito em máquinas aumentadoras da eficiência do homem. (LOBATO, M., 1956h, p.186)

Outro item importante para a análise é a questão da valorização da inteligência humana e do advento da ciência para a questão do progresso humano. Consideramos contraditório este posicionamento do escritor, pois em outros momentos, como já demonstrado nesta pesquisa, Lobato valorizava o instinto em detrimento da inteligência.

Em *Serões de Dona Benta*, capítulo *Mais matéria*, a inteligência, tão criticada por Lobato como a fonte dos males humanos em alguns de seus escritos, é apontada como aquela que possibilita a descoberta de novas fontes de energia, e conseqüentemente, o progresso humano:

- Na verdade é isso – concordou dona Benta. – Nos começos o homem só dispunha duma fonte de energia: os seus músculos. Era muito pouco. Se ficasse assim não progrediria, como os animais não progredem.

[...]

- Pois foi assim nos começos – continuou dona Benta. – Vendo que só com o muque ele não saía do estado de selvageria, de bicho do mato como os outros, o homem, movido pela inteligência que começava a crescer, pôs-se a procurar novas fontes de energia, e sua primeira idéia foi utilizar-se dos músculos de outros homens e de certos animais. Nasceu assim a escravidão humana e a domesticação do cavalo, do boi, do camelo etc. Depois o homem aprendeu a aproveitar-se da força das águas correntes, do vento e da energia que vem do fogo; e por fim alcançou o estado atual em que chega a abrir na terra furos de dois, três quilômetros, para arrancar esse líquido de nome petróleo que é a mais rica de todas as fontes de energia. Vapor d'água, eletricidade e petróleo: eis as grandes fontes de energia que o homem descobriu. (LOBATO, M., [19--]h, p.1775-1776)

Continuando, declara através de Dona Benta que apenas alguns homens são verdadeiramente inteligentes dentro de um grande número de estúpidos. Além disso, apresenta as invenções como “filhas da inteligência” ([19--]h, p.1777). E são essas invenções que, em *No país das invenções*, de *Fragmentos* do volume de *Mundo da*

*Lua e Miscelânea*, Lobato apresenta como possibilitadoras do progresso social: “o motor da evolução social é um: a invenção. Progredir não passa de inventar. O carro do progresso foi carro de boi na contemplativa Idade Media; passou a trem no século dezenove; é aeroplano hoje” (1956h, p.112).

Nesta mesma linha de pensamento, o que apresenta em *De São Paulo a Cuiabá*, de *Miscelânea*, é a ciência, advinda da capacidade de inventar dos homens, como a fonte de grandiosas soluções para os problemas humanos:

[...]A ciência, a inventiva dos homens, deu á humanidade a maravilhosa maquina de solver todos os problemas do transporte terrestre, marítimo, fluvial ou aéreo: o motor de explosão acionado a gasolina. E que faz o governo do país que mais necessita de transporte? Taxa ferozmente, tranca, proíbe que aqui funcione ao alcance de todos a maquina maravilhosa...(LOBATO,M., 1956h, p.271)

É válido ressaltar a contradição que identificamos no tratamento desta questão por Monteiro Lobato, já que ora a ciência, resultante da capacidade de invenção do homem é apontada como positiva, ora a inteligência humana é tratada como doença, afastamento do homem da perfeição em que vive o mundo natural.

Godoy (2001), em pesquisa já citada, formula diversos questionamentos e reflexões que poderiam ser motivados pelo contato com a obra lobatiana *A reforma da natureza*, e dentre eles está, justamente, um referente às produções científicas.

Ao abordar que neste livro de Monteiro Lobato as reformas desejadas por Emília são aquelas que trariam uma utilidade para todas as coisas, a autora escreve que “as reformas de Emília devem ter uma *“razão científica”*, ou seja, corrigir o que está errado de modo a melhorá-las, segundo a sua visão” (GODOY, 2001, p.07-08). A partir disso, sugere:

[...]de fato, no mundo real, as produções científicas só possuem valor quando contribuem para a melhoria da qualidade de vida e da existência humana e o leitor poderia indagar: haveria uma ciência que não serve para isso?(GODOY, 2001, p.08)

Um outro fator que chama atenção nas obras de Lobato quanto à questão do desenvolvimento são as referências às fontes alternativas de energia. É o que afirmam AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA (2001):

A experiência com combustíveis alternativos, também defendida entusiasticamente por Lobato, solucionaria um dos mais urgentes problemas nacionais. Detalhando um processo destilatório a ser implementado por algum parceiro interessado no experimento com hulha e xistos, ele solicita amostras de betuminosos. “A vantagem desse estudo será determinar de maneira positiva o valor comercial dos nossos carvões e xistos em presença do novo processo. Tenho à mão uma forte empresa interessada em operar no Brasil de parceria com elementos nacionais logo que os estudos ora propostos estejam feitos e sejam conclusivos”. (AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA, 2001, p.230)

Em seu desejo de tornar o Brasil economicamente independente, explorando ferro e petróleo, declara: “estou em carteação com Mr. W. H. Smith, de Detroit, sobre um novo processo siderúrgico, perfeitamente fit às condições carbônicas do Brasil. Terei de ir lá estudar o processo e então visitarei a Ford e o Ford” (LOBATO *apud* AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA, 2001, p.253), afirmando que:

A vantagem desse sistema para o Brasil residia na possibilidade do aproveitamento, como agentes redutores, não só dos clássicos carvão vegetal, lenha, turfa, coque, argila xistosa ou madeira de lei, mas, principalmente, de fontes alternativas de energia como bagaço de cana-de-açúcar, casca de grão de café e coco de babaçu. (LOBATO *apud* AZEVEDO, CAMARGOS e SACCHETTA, 2001, p.256)

Ao discutir em *Ferro* a seguinte questão:

Voltando atrás e resumindo: tudo na vida é transporte e este só se faz eficiente e industrialmente por intermedio do ferro transformado na multiplicidade infinita de maquinas que o homem criou. Não há maquina que não se reduza a um sistema engenhoso de transporte e não há maquina que não implique aplicação maior ou menor do ferro. Logo, não é de voto secreto, nem de nova constituição, nem de credito agricola, nem de reforma ortografica, nem de lorotas, que precisamos, mas sim primacialmente de ferro – o pai da maquina. (LOBATO,M., 1956k, p.265)

Lobato acrescenta, em nota de rodapé, fontes alternativas de carbono para a produção do ferro, como “o babassú e mais palmeiras produtoras de côcos oleaginosos” (1956k, p.265).

Dando continuidade na mesma nota (p.265-266), Lobato acrescenta que a natureza não fora mesquinha conosco por não possuímos hulha, não sendo dela a culpa pelo nosso não desenvolvimento, mas sim da inteligência humana em atraso. Segundo ele, não importa se o carbono venha do subsolo, em forma fóssil, ou das

palmeiras, o que importa é que ambos são fontes de carbono. Cita, inclusive, uma vantagem em nossa fonte de carbono alternativa: em outros países a hulha é explorada às custas de grandes sacrifícios e perda de vidas nas minas, além de uma vida “anti-natural” de minhoca ao qual o homem deve se submeter nas mesmas.

Lobato acrescenta que, a natureza faz sua parte na produção do babassú, porém o homem não atenta à oportunidade e endivida-se com os demais países que lhe fornecem energia. Condiciona, entretanto, não apenas a exploração do babassú, mas dos demais recursos dos quais nossa terra é fértil, à exploração do ferro, sendo ele necessário para a produção de transporte que mobilize os recursos naturais.

A respeito do babaçu, Lobato refere-se em *Conferências, Artigos e Crônicas*, apresentando-o juntamente com outras riquezas nacionais, demonstrando ser sua exploração lucrativa:

Conhece uma palmeira que tem seu *habitat* em seis milhões dos nossos oito e meio milhões de quilômetros quadrados? A palmeira do babaçu? Se não, saiba, que ela constitui a maior fonte de óleo vegetal que existe no mundo, e que só a exploração sistemática dessa preciosa Orbíngia bastaria para criar no Norte do País uma riqueza maior que a do café. (LOBATO, 1959, p.197)

Em *Apêndice*<sup>10</sup> do livro *Ferro*, pode-se notar o levantamento da existência de recursos a serem explorados em meio à matas virgens:

[...]S. Catarina possui magnetitas e hulhas aproveitáveis, situadas a pequena distância umas das outras; S. Paulo, no vale da Ribeira, tem magnetitas em Jacupiranga em meio das matas virgens importantes da Serra do Mar, e, mais tarde, será ligada a zona com as jazidas carboníferas do rio das Cinzas, no Paraná (e é mais um argumento em prol dos prolongamentos da Southern S. Paulo Railway e da Sorocabana) que citamos. (CALOGERAS *apud* LOBATO, M., 1956k, p.312)

Os excertos selecionados possibilitaram identificar, no tocante à questão que atualmente denominamos desenvolvimentista, que tratando-se do desenvolvimento brasileiro, sua independência econômica e sua ascensão dentre os demais países, Lobato dedicar-se-ia a uma empreitada de exploração dos recursos naturais sem muita preocupação com os impactos ambientais que ela causaria; se esta preocupação

<sup>10</sup> No apêndice do livro *Ferro*, do volume *O Escândalo do Petróleo e Ferro*, estão reproduzidos o artigo “Ferro Esponja pelo processo Smith”, de George B. Waterhouse, publicado em 1928, e trecho da conferência de Pandiá Calogeras, pronunciada em 1928 na Escola Politécnica de São Paulo.

houve, vinculada ao plano de desenvolvimento econômico de Lobato, não foi identificada por meio das obras analisadas.

No entanto, há referências de que Lobato não cultivaria uma crença cega no progresso humano. É o que indica o excerto escolhido do capítulo *O Pé que Voa: O Avião de História da Invenções*.

Lobato afirma que o homem cria meios para dominar a terra, o céu, o ar, sendo a ambição humana a fonte do progresso, porém, não se pode prever até onde ele será levado por esse impulso, e nem há forma de freá-lo. Admite, então, que não há maneira de parar o progresso, mesmo que haja possibilidades de seu destino não ser garantidamente benéfico:

Por fim veio o navio a vapor, que resolveu da maneira mais completa o problema da navegação. O homem não ficava mais na dependência do capricho do vento. Houvesse ou não vento, o navio caminhava do mesmo modo. Só então ele conseguiu dominar completamente o mar. Restava o ar. Dono já da terra e dos mares, o ar ainda não era domínio do homem. Tornava-se preciso conquistá-lo.

- Que bichinho insaciável! - observou a menina. - Não há o que o contente...

- Justamente por isso o homem progride sempre. Sua ambição não tem limites. Mais, mais, mais! é o seu lema.

- Que ponto pretenderá atingir?

- Ninguém sabe. O homem avança para a frente movido por uma força misteriosa. Impossível prever até onde o levará essa corrida louca. Impossível também fazê-lo parar. O progresso lembra uma pedra que se despenhou do alto da montanha. Tem velocidade cada vez maior.

- Mas a pedra que desce a montanha tem de parar um dia - observou o menino.

- Na base das montanhas há sempre um vale, um abismo...

- Se você cochichar essa advertência ao ouvido da pedra que rola, nem por isso ela se deterá. Assim também com o avanço do progresso. Seja vale, seja abismo o que há pela frente (e nada podemos saber a esse respeito), sua marcha não pode ser ditada por nenhum cochicho. (LOBATO, M., [19--]b, p.1891-1892)

Da mesma forma, no VII capítulo de *O Presidente Negro* (1956c), *Futuro e Presente*, ao serem vislumbradas algumas visões sobre o futuro proporcionadas pelo “porviroscópio”, há a colocação a seguir, em que é possível entrever a não-garantia de benefício para a humanidade das invenções, em decorrência dos “rumos tomados”:

- Deve miss Jane ter observado coisas maravilhosas!...

- Menos maravilhosas do que desnorteantes para as nossas ideias atuais. As invenções vão sobrevivendo no decurso do tempo, umas saídas das outras, e

as coisas tomam às vezes rumo muito diverso do que a logica, com ponto de partida no estado atual, nos faria prever. (LOBATO,M., 1956c, p.176)

O progresso é apresentado também, em *Os faroleiros*, de *Urupês*, de forma dualista: “progresso amigo, tu és comodo, és delicioso, mas feio...” (1966, p.101).

Pode-se perceber, também, uma certa dúvida sobre a crença de que a industrialização, potencializada pelo petróleo, só traria benefícios, ou até mesmo se o novo modo de vida seria inteiramente aceito e desejado por todos, como mostra o excerto *O Poço do Visconde* que segue, carregado de um tom de nostalgia:

[...]Sim, o petróleo começava a mudar tudo, não havia dúvida. Os velhos conhecimentos, os velhos hábitos, as velhas tradições – tudo isso tinha de desaparecer diante da americanização que a indústria traz. E Dona Benta sentiu uma ponta de saudade do sossego antigo.(LOBATO,M.,[19--]f, p.332)

Um posicionamento mais realista do progresso também pode ser percebido no capítulo XXXII de *América*. Em diálogo entre Mr. Slang e seu interlocutor, percebe-se uma leve crítica ao progresso e ao consumo excessivo, em um discurso de valorização ao natural. No texto, Henry Thoreau, que viveu durante dois anos às margens do lago Walden, em cabana construída por ele e abdicando da vida em sociedade e de bens de consumo, é apresentado como o modelo em quem as duas pessoas que travam o diálogo se refugiam em momentos de desespero; refúgio da vida modificada pelo progresso e do “cansaço da civilização”(1956d, p.258).

No texto aparece, ainda, referências de que é a máquina quem impele o homem à colmeização, ao emassamento, em que perde a individualidade e a independência pessoal. As invenções impelem para a vida agregada, para a uniformidade, para a criação do “homem-abelha”(1956d, p.259).

A adoção do “sistema das abelhas” (1956d, p.260) se deu porque, tendo falhado a forma de vida social até então experimentada pelo homem, foi ele forçado a adotar este sistema. Ocorre o sacrifício do indivíduo em nome da unidade coletiva.

Prosseguindo, apresenta-se nos interlocutores um mal-estar gerado pelo excesso de coisas: “coisas demais, vida intensa demais, ciencia demais a serviço da industria para promover a ‘gavage’ de toda uma nação” (1956d, p.261). Mas é necessário que

haja uma adaptação a esse excesso, que por sua vez, é criado pela indústria, que leva ao convencimento de que seus produtos se tornam indispensáveis.

O escrito afirma que a indústria garante-se no estímulo do desejo que leva ao consumo. No entanto, um dia o homem cansará de “ter”. E Lobato, discutindo sobre a compra a crédito, coloca que “uma perturbação econômica qualquer [...] desabará sobre a América um cataclisma econômico de proporções únicas, capaz de refletir-se desastrosamente no mundo inteiro”(1956d, p.263).

Ressaltamos que, dentre outras questões, o progresso na obra lobatiana merece maior análise e aprofundamento, pois a partir das referências de Gênova (2008) pode-se concluir que trata-se de uma questão complexa e ambígua na obra do autor. Utilizando os estudos de André Luiz Vieira de Campos<sup>11</sup>, de 1986, Gênova escreve:

Em *A república do picapau amarelo*, Campos aponta a ambigüidade da idéia de progresso expressa por Lobato, em suas obras. Tomando por base os livros infantis, Campos comenta dois pólos contrários do pensamento do escritor acerca do progresso: *O poço do Visconde* (1937) e *A chave do tamanho* (1942). O primeiro mostraria o entusiasmo e o engajamento de Lobato em prol do petróleo, além de uma visão positiva em relação ao progresso gerado pelo *ouro negro*; o segundo, por sua vez, apresentaria a negação do progresso, representada pela temporária destruição da civilização moderna. Campos ainda faz referência à obra *O minotauro* (1939), em que, segundo ele, manifestam-se dúvidas de Lobato acerca do progresso humano. Nessa linha interpretativa, *O picapau amarelo* (1939) poderia também ser incluída entre as narrativas consideradas por Campos como “negadoras do progresso”. Talvez seja, inclusive, o caso de dizer-se que ela concretiza de forma mais intensa a dúvida acerca do progresso, pois este parece ser questionado ao longo de toda a história. Apesar de não explicitar de forma clara e direta a posição de Monteiro Lobato diante do progresso, como as outras obras, essa narrativa permite uma leitura que nela encontre certo desapontamento lobatiano diante da sociedade moderna (GÊNOVA, 2008, p.422-423)

Outro aspecto importante no pensamento de Lobato a ser apontado é sua visão sobre a questão do lucro de uma indústria, presente em *Apelo aos nossos operários*, de *Miscelânea*, em que afirma que “o verdadeiro objetivo de uma indústria não é ganhar dinheiro, e sim bem servir ao público, produzindo artigos de fabricação conscienciosa e vendendo-os pelos preços mais moderados possíveis” (1956d, p.285).

Seria possível, então, concluir que em seus apelos ao desenvolvimento não estariam implícitos ideais capitalistas de acumulação do capital, mas sim o desejo pelo

<sup>11</sup> CAMPOS, A.L.V.de. *A República do Picapau Amarelo*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

real desenvolvimento, qualidade de vida, e independência econômica para os brasileiros, tão valorizados por Lobato?

Merece atenção em nossas análises também a questão da competição, presente na obra lobatiana. Em *Pelo Triangulo Mineiro*, de *Miscelânea*, Lobato escreve que “o regionalismo é criador porque estabelece competição e estímulo, e é da competição e do estímulo que sai o progresso” (1956h, p.190). Em *Mr. Slang e o Brasil*, capítulo VIII, posiciona-se mais especificamente sobre a questão da indústria, mas deixa entrever a mesma idéia citada:

- Só uma coisa, disse ele depois que serenou, cria a industria, a boa, a solida industria que presta serviços á sociedade humana – e essa coisa é incompativel com o protecionismo.
- ?
- A concorrencia. A humanidade somente progride dentro do respeito ás leis biologicas. A concorrencia é a lei biologica do progresso. Tudo quanto impede, embaraça ou retarda a concorrencia atua contra o progresso. O protecionismo impede a concorrencia. Logo, é a morte da industria. (LOBATO,M., 1956g, p.53-54)

Mesmo que a crítica prossiga no sentido de garantir que apenas o melhor produto resista para o benefício dos consumidores, é importante atentar para a difusão da idéia de competição, marcado por um pensamento liberal.

Lembremos que, para a construção de uma sociedade harmônica, tanto entre os homens, como entre os homens e o meio, o que deve ser buscado é a cooperação, não a competição.

Carvalho,F. (1994) ao referir-se à “expressão do espírito nacionalista” (p.58) dos autores regionalistas pré-modernistas, divide-os em dois grupos, sem que, neste momento, explicita quais autores por ela estudados pertencem a cada um. No primeiro grupo, a valorização do país se dá pela exaltação de sua riqueza material. O segundo grupo, em oposição às formas de expressão nacionalista utilizadas pelo primeiro, marca-se pela ausência da “adjetivação excessiva dos quadros naturais”(p.59), “se exprimem antes por meio de um bucolismo que evita as hipérboles românticas”(p.59), além de crítica social dotada de visão política. Identificamos características de ambos os grupos na obra lobatiana.

Considerando as expressões de Lobato às riquezas naturais brasileiras, bem como a defesa de sua exploração para solucionar os problemas nacionais, em especial o ferro e o petróleo, associa-se o pensamento lobatiano ao seguinte excerto caracterizador do primeiro grupo:

[...] Esse ufanismo não destaca o país onde o “*o céu tem mais estrelas*” e as “*várzeas têm mais flores*” – aliás nem se referem essas obras ao nosso céu ou às nossas matas, às nossas belas e sonoras aves -, o subsolo tem mais destaque; e os produtos dele, com a possibilidade da riqueza e da grandiosidade, só poderão ser equiparados à fertilidade do solo. (CARVALHO, F., 1994, p.59, grifos da autora.)

Um segundo excerto demonstra o que consideramos também caracterizar a atitude de Monteiro Lobato em relação à natureza quando considerados seus projetos para o progresso nacional, a saber: “o amor à pátria se caracterizava por um processo de afastamento com relação à natureza, implicando mais o ideal de progresso material” (CARVALHO, F., 1994, p.58).

Quanto ao segundo grupo caracterizado por Carvalho, F.(1994), Lobato se interligaria pela crítica social presente em suas obras. Destaca-se que é nesta característica que a autora enquadra e cita Lobato:

Monteiro Lobato, por exemplo, apesar da injustiça que há nas crônicas *Velha Praga* e *Urupês*, protesta contra uma ação que acarreta ao país um grande prejuízo e, ao mesmo tempo, procura despertar a consciência dos nossos representantes políticos e intelectuais.[...] (CARVALHO, F., 1994, p.61)

Diante do que foi apresentado neste capítulo, questiona-se se, em alguns momentos, o pensamento lobatiano não poderia ser aproximado de alguns aspectos da ideologia nacional-desenvolvimentista, quando sobre esta lê-se:

A proposta desenvolvimentista assenta-se na crença de que o subdesenvolvimento é o grande problema da nação, do qual derivam os demais, e na convicção de que ele pode ser superado através do empenho e união de todos os setores sociais interessados na eliminação da dominação externa, por um lado, e, por outro, pela modificação da estrutura econômico-social do país, visando alcançar melhores condições de vida para todos os brasileiros.

A causa do atraso, por sua vez, residiria na existência de uma estrutura econômica ainda colonial, porque centrada na produção e exportação de produtos primários e na importação de artigos industrializados. A dependência

em relação aos países desenvolvidos era vista como um fato total, isto é, não só econômico mas cultural no sentido mais amplo. Para superar tal situação, a industrialização era apresentada como a única alternativa viável dentro das condições objetivas existentes naquele momento histórico. Mesmo porque se julgava haver uma relação necessária entre dependência/economia agro-exportadora e desenvolvimento autônomo/industrialização.[...] (RODRIGO, 1988, p.34)

Da mesma forma, questiona-se sobre a possível identidade entre Lobato e o nacional-desenvolvimentismo, considerando que:

O nacional-desenvolvimentismo procura se apresentar como uma ideologia progressista porque rompe com o passado – identificado com o atraso – e propõe mudanças na estrutura econômico-social vigente. Contudo, embora progressista, é simultaneamente uma ideologia conservadora. As modificações propostas não chegam jamais a colocar em questão o capitalismo enquanto tal. Ao contrário, a perspectiva é sempre o seu fortalecimento sob a forma da industrialização nacional autônoma. Toda possibilidade de uma ordem não capitalista, eventualmente vislumbrada por alguns indivíduos é sempre jogada para um futuro indeterminado: o socialismo só é factível numa outra fase histórica, quando a contradição imperialista houver sido superada. (RODRIGO, 1988, p.36)

O Brasil Nacional-Desenvolvimentista tem seu período delimitado por Cruz ([200-]) e pelo Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR)<sup>12</sup> entre os anos 1946-1964. Segundo Cruz ([200-]):

Ao refletirmos sobre a temática Brasil Nacional-Desenvolvimentista (1947-1964) (SIC) fica-nos a impressão que as aspirações à “modernidade” foram o eixo central dos quarenta anos que se seguiram à Segunda Grande Guerra. Com efeito, o projeto Nacional-Desenvolvimentista se esgota na década de 60, sem incorporar parcelas significativas da população brasileira ao projeto societário de civilização burguesa, tão caro às democracias ocidentais no século XX.[...] (CRUZ, [200-], p.10)

Dentro da discussão deste período histórico brasileiro é de suma importância a referência ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), criado em 1955 e que:

[...] pretendia ser um local de estudos, debates e proposição de rumos para o Brasil, visando ao seu desenvolvimento. Portanto, economia, filosofia, sociologia, história, política, cultura eram objetos constantes da pauta das discussões daquele instituto, que abrigava intelectuais da envergadura de Álvaro Vieira Pinto, Hélio Jaguaribe, Nelson Werneck Sodrê, Guerreiro Ramos, entre outros de igual peso intelectual.

<sup>12</sup> Grupo criado em 1986, com sede na Faculdade de Educação da UNICAMP.

[...]

É verdade que o Iseb não inscreveu em sua pauta o problema educacional, muito embora Anísio Teixeira estivesse entre seus debatedores.[...] (MANOEL, 2006, p.12-14)<sup>13</sup>

É importante destacar que, em acervo do *website* do HISTEDBR<sup>14</sup>, dentre as fontes escritas agrupadas no período “Nacional-Desenvolvimentismo (1946-1964)”, há duas cartas de Anísio Teixeira cujo destinatário trata-se, justamente, de Monteiro Lobato, uma datada em 29 de janeiro de 1947<sup>15</sup> e a outra em 13 de fevereiro do mesmo ano<sup>16</sup>.

Considerando a delimitação do período do Brasil Nacional-Desenvolvimentista entre 1946 e 1964, e que Monteiro Lobato viveu até abril de 1948, questionamo-nos se, apesar de vivenciar uma parte deste período (de 1946 à 1948), Lobato não poderia ser considerado um precursor do nacional-desenvolvimentismo, já que, como apresentamos nesta pesquisa, suas idéias nacionalistas e a defesa pelo desenvolvimento brasileiro antecedem o ano de 1946.

Para finalizar nossa discussão acerca da questão do desenvolvimento no pensamento lobatiano, citamos um excerto retirado de Jagle (1982), aludindo ao fato de que Lobato defenderia intervenções na natureza, por ele considerada imperfeita:

[...]Jamais se apegava a pequenos pormenores: suas observações abrangiam sempre concepções abertas e profundas. Por isso mesmo nada o aborrecia mais do que as forças retrógradas que se lhe atravessavam no caminho, ou que impediam a modificação da natureza, que ele achava defeituosa. (JAGLE, 1982, p.172-173).

Este excerto permite entrever um posicionamento distinto àquele outrora apresentado, em que a natureza seria considerada por Monteiro Lobato como perfeita, e a ação humana, destrutiva.

<sup>13</sup> O autor datou esse prefácio em 22 de julho de 2002.

<sup>14</sup> <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando>

<sup>15</sup> [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes\\_escritas/6\\_Nacional\\_Desenvolvimento/carta%20%20anisioteixeira%20a%20monteiro%20lobato.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6_Nacional_Desenvolvimento/carta%20%20anisioteixeira%20a%20monteiro%20lobato.htm)

<sup>16</sup> [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes\\_escritas/6\\_Nacional\\_Desenvolvimento/carta%20anisioteixeira%20a%20monteiro%20lobato%201.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6_Nacional_Desenvolvimento/carta%20anisioteixeira%20a%20monteiro%20lobato%201.htm)

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Monteiro Lobato, importante intelectual brasileiro, marcou a história de nosso país não apenas no campo literário, em que, na obra adulta, antecipara-se ao movimento modernista que eclodiria com a Semana de 22 e renovaria antes disso a prosa brasileira, e nas obras infantis, em que se tornara igualmente um precursor, inaugurando a literatura infantil nacional com as personagens de *O Sítio do Picapau Amarelo*. O nome de Monteiro Lobato vincula-se à luta pela independência econômica brasileira, às campanhas pela exploração do ferro e petróleo nacionais, à indústria editorial igualmente revolucionada por ele, e ao exemplo de cidadania e participação política, permeados por extremo sentimento nacionalista que, no entanto, não o impedia de perceber e denunciar os problemas brasileiros.

Personalidade complexa, dedicava-se inteiramente às causas que defendia, com intensidade emocional e labor intelectual. Lobato era, na verdade, múltiplos Lobatos. Das características elencadas durante a pesquisa fora à sua multiplicidade que mais direcionamos nossa atenção. Lobato parecia muitos: desempenhara diversos papéis, envolvera-se nas mais diversas causas, e expressara posicionamentos diversos, por vezes contraditórios, sobre as mais variadas questões.

No tocante às concepções de natureza predominantes no pensamento do autor, identificou-se na presente pesquisa, predominantemente, duas concepções opostas: concepção romântica e concepção utilitarista da natureza.

Na concepção romântica, são recorrentes as descrições lobatianas de paisagens naturais, criando verdadeiras pinturas com suas palavras. Apresenta-nos uma natureza bela, harmoniosa, equilibrada, lógica e sábia, valorizando o natural em detrimento ao culturalmente produzido, inclusive o instinto diante da inteligência e da razão.

Na concepção utilitarista, o que destaca-se são as referências aos elementos naturais considerados como recursos a serem explorados, bem como sua atribuição de

utilidade para o ser humano, orientando-se por uma visão antropocêntrica guiada, na maioria das vezes, por questões econômicas.

Partindo-se da afirmação de que as concepções de natureza são cultural e historicamente construídas, e que a partir delas estabelece-se a relação sociedade-natureza, foram identificadas na obra lobatiana, predominantemente, duas posturas distintas do homem frente ao meio natural.

Decorrente de uma concepção romântica da natureza, identificou-se referência ao homem como ser afastado da natureza, destruidor da mesma, à qual seria preferível sua inexistência para a garantia de sua ordem e harmonia. Críticas acentuadas são desferidas ao ser humano, erroneamente identificado como “rei” dos animais, mas que para o autor, não seria nada além de “uma doença da natureza”.

Como consequência da concepção utilitarista da natureza, identifica-se na obra lobatiana, um homem que interfere no meio natural, altera-o para seu benefício ou até mesmo para um suposto benefício da própria natureza. A natureza é identificada como objeto na dicotomia sujeito-objeto, passível de ser conhecido, dominado e utilizado de acordo com os projetos humanos. Serão a ciência, a inteligência, a razão que possibilitarão ao homem desenvolver os meios que lhe garantirão a superioridade e a dominação da natureza. Merece-se destacar que esta concepção aparece permeada por interesses econômicos, orientadores da relação sociedade-natureza.

De que maneira estas concepções opostas fizeram-se presente nos posicionamentos de Monteiro Lobato no tocante às suas idéias e práticas em defesa ao desenvolvimento econômico brasileiro?

Lobato, nacionalista não-ufanista, considerou durante grande parte de sua vida que os problemas brasileiros solucionar-se-iam através do desenvolvimento econômico do país. Para tanto, deveriam ser mobilizadas suas riquezas naturais, principalmente, o ferro e o petróleo, possibilitando a construção das máquinas, ampliadoras da eficiência humana, e garantindo-se sua fonte de energia.

Desta forma, principalmente no período em que se encontra envolvido com as campanhas pela exploração do ferro e do petróleo, o que se identifica predominantemente no pensamento lobatiano é a defesa à exploração dos elementos naturais, sem identificação de passagens em que seja marcante o questionamento de

Lobato a respeito da preservação do meio ambiente diante desta exploração. O progresso deveria ser alcançado, sendo apontado inclusive, em determinado momento, como uma “lei natural”.

Convivem no pensamento lobatiano não apenas contradições entre a natureza perfeita que deve permanecer sem a interferência humana e a natureza em que identificam-se recursos a serem explorados e que se deve dominar, mas também outras ambigüidade: em determinados momentos a inteligência humana é apontada como doença, responsável pelo afastamento do homem do meio natural; em outros, é esta inteligência quem possibilitará o progresso humano, visto positivamente. Esta mesma inteligência valorizada, em outros momentos ainda, será inferior em comparação ao instinto. Igualmente, o progresso ora será almejado e buscado pelo ser humano, ora conterà dúvidas a respeito da sua garantia de benefício para o homem.

O homem na obra lobatiana é caracterizado predominantemente por uma visão negativa, subdividindo-se, inclusive, hierarquicamente dentre de sua própria espécie.

A partir dos dados coletados infere-se, portanto, que no tocante às concepções de natureza, bem como da relação sociedade-natureza identificadas no pensamento de Monteiro Lobato, coexistem idéias contraditórias, marcadas ou pela supervalorização dos elementos naturais não-humanos, excluindo o homem da natureza a qual também pertence, ou reconhecendo os elementos naturais como fonte de recursos a serem explorados. Desta contradição, a visão utilitarista parece predominar quando a questão volta-se para o desenvolvimento brasileiro.

Cumpre-se destacar que, apesar da literatura estudada vincular o nome de Monteiro Lobato ao movimento ecológico ou considerá-lo como um ecologista, identificamos que o agir ecológico está além de um posicionamento ingênuo de valorização prioritariamente estética ou utilitário da natureza.

É importante acentuar que as obras lobatianas tiveram no passado, e ainda o tem em nosso tempo presente, um grande número de leitores. É consenso que seus livros influenciaram gerações, e continuarão desta forma, dada a importância do escritor para a literatura brasileira. Partindo-se, então, novamente da afirmação de que a concepção de natureza é culturalmente instituída, e que as relações sociedade-natureza constroem-se a partir desta concepção, atenta-se para as seguintes reflexões: os

posicionamentos de Monteiro Lobato veiculados em suas obras a respeito da temática aqui estudada, refletem, de certa forma, as concepções hegemônicas no período histórico em que viveu e produziu suas obras; da mesma forma, podemos dizer que as concepções de natureza e de relação sociedade-natureza expressas em suas obras, influenciaram e continuarão influenciando para a constituição destas concepções também em seus leitores, e sua forma de posicionar-se perante o mundo.

O trabalho ora apresentado não tem a pretensão de encerrar a discussão a respeito do que hoje denomina-se temática ambiental no pensamento lobatiano. Dada a complexidade do pensamento do autor, a presente pesquisa pretende suscitar questões e mobilizar novas investigações, mais do que esgotar a possibilidade de respostas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. Lobato de todos nós. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p.145-158.

AMADO, J. O contista Monteiro Lobato. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p. 55-56.

ARGENTON, E. C.; CAVALARI, R. M. F. Concepções de natureza entre os professores de Ciências do 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v.9, n. 16, 2001. CD-ROM.

AZEVEDO, C. L. de; CAMARGOS, M. M. R.; SACCHETTA, V. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. 3. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BORNHEIM, G. A Temática Ambiental na Sociedade Contemporânea. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v. 9, n.16/17, p. 1-9, jan./dez. 2001.

\_\_\_\_\_. G. Filosofia e Política Ecológica. *Revista Filosófica Brasileira*, [S.l.], v.1, n.2, p.16-24, 1985.

BRUNO, E. da. S. Lobato e sua época. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p.71-82.

CAMARGO, E. do. C. Algumas notas sobre a trajetória editorial de O Saci. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: Ed. UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. Cap.5, p. 87-99.

CAMARGO, L. A imagem na obra lobatiana. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: Ed. UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. Cap.2, p. 33-50..

CARVALHO, F. P. A natureza no regionalismo pré-modernista. In: *A representação da natureza no regionalismo pré-modernista*. 1994. 114 f. Dissertação (Mestrado em

Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CARVALHO, I. C. M. A tradição como horizonte de significação do ambiental. In: *A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 35- 67.

\_\_\_\_\_. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004.

CAVALARI, R. M. F. As concepções de Natureza no Ideário Educacional no Brasil nas décadas de 1920 e 1930. (V. Congresso Europeu CEISAL de Latinoamericanistas, Bruxelas, abr. 2007). Disponível em: [www.reseau-amerique-latine.fr/ceisal-bruxelles/CyT-MA/CyT-MA-2-CAVALARI.pdf](http://www.reseau-amerique-latine.fr/ceisal-bruxelles/CyT-MA/CyT-MA-2-CAVALARI.pdf). Acesso em: 21 mar. 2009.

CAVALARI, R. M. F.; CAMPOS, M. J. O.; CARVALHO, L. M. Educação Ambiental e materiais impressos no Brasil: a relação homem-natureza. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v.9, n. 16, 2001. CD-ROM.

CAVALHEIRO, C. Vida e Obra de Monteiro Lobato. In: LOBATO, M. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1966. p. [3-59]. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 1).

CHAUÍ, M. A cultura. In: *Convite à Filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2005. p.242-252.

CHIARADIA, K. O poço do Visconde: o faz-de-conta quase de verdade. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: Ed. UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. Cap.21, p. 355-369.

CRUPI, M. C. *A natureza nos livros didáticos de História: uma investigação a partir do PNL D*. 2008. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

CRUZ, M.V. Brasil Nacional-Desenvolvimentista (1946-1964). [S.l], [200-]. p.01-12. (Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil). Disponível em:[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_83.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_83.html). Acesso em: 27 abr. 2009.

DANTAS, P. Monteiro Lobato, painel 100. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p. 11-44.

DONATO, M. O meu Lobato. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p. 115-120.

DUARTE, R. H. *História & Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (História &...reflexões, 9)

ELIS, B. Por que Monteiro Lobato trocou de nome. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p. 59-70.

FENSTERSEIFER, C. *Lições de natureza no Sítio do Picapau Amarelo*. 2005. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FILHO, A. Monteiro Lobato. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p. 53-54.

FREYRE, G. Monteiro Lobato e Urupês: uma revolução na literatura brasileira. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p. 239-240.

GÊNOVA, M. de. O picapau amarelo: o espaço ideal e a obra-prima. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: Ed. UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. Cap.24, p. 409-423.

GODOY, M. O significado da natureza na obra ficcional "A reforma da natureza" de Monteiro Lobato. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v.9, n. 16, 2001. CD-ROM.

GONÇALVES, C. W. P. *Os (des) caminhos do meio ambiente*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

JAGLE, A. Diagnóstico: memórias de um médico de Lobato. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p. 167-176.

LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956a. Tomo 1. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 11).

\_\_\_\_\_. *A Barca de Gleyre*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956b. Tomo 2. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 12).

\_\_\_\_\_. *A Onda Verde e O Presidente Negro*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956c. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 5).

\_\_\_\_\_. *A reforma da natureza*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

\_\_\_\_\_. *América*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956d. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 9).

\_\_\_\_\_. *Caçadas de Pedrinho*. São Paulo: Brasiliense, [19--]a. (Obra Infantil Completa, v.2).

\_\_\_\_\_. *Cartas Escolhidas*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961a. Tomo 1. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 16).

\_\_\_\_\_. *Cartas Escolhidas*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961b. Tomo 2. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 17).

\_\_\_\_\_. *Cidades Mortas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956e. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 2).

\_\_\_\_\_. *Conferências, Artigos e Crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1959. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 15).

\_\_\_\_\_. *Geografia de Dona Benta*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.

\_\_\_\_\_. *História das Invenções*. São Paulo: Brasiliense, [19--]b. (Obra Infantil Completa, v.8).

\_\_\_\_\_. *História do Mundo para Crianças*. São Paulo: Brasiliense, [19--]c. (Obra Infantil

Completa, v.8).

\_\_\_\_\_. *Histórias Diversas*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense; [Brasília] : INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1982.

\_\_\_\_\_. *Idéias de Jeca Tatu*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956f. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 4).

\_\_\_\_\_. *Lobatiana: meio ambiente*. São Paulo: Brasiliense, [19--]d. Seleção de texto, pesquisa bibliográfica por Hilda Junqueira Vilela Merz.

\_\_\_\_\_. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956g. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 7).

\_\_\_\_\_. *Mundo da Lua e Miscelânea*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956h. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 10).

\_\_\_\_\_. *Na antevéspera*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956i. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 6).

\_\_\_\_\_. *Negrinha*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956j. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 3).

\_\_\_\_\_. *O Escândalo do Petróleo e Ferro*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956k. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 7).

\_\_\_\_\_. *O garimpeiro do Rio das Garças*. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_. *O Picapau Amarelo*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, [19--]e. (Obra Infantil Completa, v.4).

\_\_\_\_\_. *O Poço do Visconde*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, [19--]f. (Obra Infantil Completa, v.4).

\_\_\_\_\_. *O saci*. São Paulo: Brasiliense, [19--]g. (Obra Infantil Completa, v.2).

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: USTERI, A. *Guia Botânico da Praça da República e do Jardim da Luz*. [s.l.], 1919. Pasta Monteiro Lobato e o Meio Ambiente. Localizada em Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo-SP.

\_\_\_\_\_. *Prefácios e Entrevistas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956l. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 13).

\_\_\_\_\_. *Reinações de Narizinho*. 48. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

\_\_\_\_\_. *Serões de Dona Benta*. São Paulo: Brasiliense, [19--]h. (Obra Infantil Completa, v.8).

\_\_\_\_\_. *Urupês*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966. (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 1).

\_\_\_\_\_. *Viagem ao Céu*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, [19--]i. (Obra Infantil Completa, v.4).

LOBATO, R. M. Álbum de família: meu pai. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato* [S.l]: Traço, 1982. p.165-166.

MANOEL, I. A. Prefácio. In: VALE, A. M. do. *O ISEB, os intelectuais e a diferença: Um diálogo teimoso na educação*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MARINHO, J. C. Conversando de Lobato. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p. 181-194.

MERZ, H. J. V. *Lobateana (Lobato e a Ecologia)*: apresentação. [S.l: s.n], 1991. Pasta Monteiro Lobato e o Meio Ambiente. Localizada em Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo-SP.

MERZ, H. J. V. Nota explicativa. In: LOBATO, M. *Lobatiana: meio ambiente*. São Paulo: Brasiliense, [19--]. Seleção de texto, pesquisa bibliográfica por Hilda Junqueira Vilela Merz.

MINDLIN, J. Apresentação. In: AZEVEDO, C. L. de; CAMARGOS, M. M. R; SACCHETTA, V. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. 3. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

MONETA, Z. T. G. Monteiro Lobato e a infância: no ensino do interior paulista. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p. 195-198.

MUSEU do Eucalipto. *Jornal Associação Amigos do Horto Florestal "Edmundo Navarro de Andrade"*, Rio Claro, p.10-11, jun.2007.

PEIXOTO, S. Vida, paixão e morte de Lobato. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p.83-106.

RIBEIRO, J. A. P. A morte de Monteiro Lobato. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p.219-228.

ROCHA, J. N. História de caçador, história de caçadas. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: Ed. UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. Cap.14, p. 237-251.

RODRIGO, L. M. A questão da ideologização da ciência e a ideologia nacional-desenvolvimentista. In: *O nacionalismo no pensamento filosófico: Aventuras e desventuras da Filosofia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988, p.21-41.

SANDRONI, L. *Minhas memórias de Lobato, contadas por Emília, Marquesa de Rabicó, e pelo Visconde de Sabugosa*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002. (Literatura em minha casa, 3)

SOUZA, L. N. Monteiro Lobato e o processo de reescrita das fábulas. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: Ed. UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. Cap.6, p. 103-119.

THOMAS, K. O dilema humano. In: *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a. p.288-355.

THOMAS, K. O predomínio humano. In: *O homem e o mundo natural: mudanças de*

atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b. p.21-60.

TIBIRIÇÁ, E. Morreu diante de um cano de um revólver. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p. 215-218.

TORRES, A. Idéias de Jeca Tatu. In:\_\_\_\_\_.*Sobre pessoas*. Belo Horizonte: Leitura, 2007. p. 26-33.

TRAVASSOS, N. P. Homem íntegro, verídico e mordaz. In: DANTAS, P. (Org.). *Vozes do tempo de Lobato*. [S.l]: Traço, 1982. p. 241-251.